



Hinc patriam sustinet

**Instituto Superior de Agronomia**  
**Universidade Técnica de Lisboa**



# **ESTRATÉGIAS DE GESTÃO E DE CONSERVAÇÃO PARA A PAISAGEM CULTURAL DE SINTRA, PATRIMÓNIO MUNDIAL**

**Ana Filipa Rodrigues Moreira Leite**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Arquitectura Paisagista**

Orientador: **Mestre Sónia Maria Loução Martins Talhé Azambuja**

## **Júri:**

Presidente: Doutora Ana Luísa Brito dos Santos Sousa Soares Ló de Almeida, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.

Vogal: Doutor Pedro Miguel Ramos Arsénio, Professor Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa;

Vogal: Mestre Sónia Maria Loução Martins Talhé Azambuja

## **AGRADECIMENTOS**

À Professora e orientadora Sónia Talhé Azambuja, não só pelo apoio no desenvolvimento da presente dissertação, como também pelas oportunidades criadas.

À Câmara Municipal de Sintra, pela oportunidade de realização de tão relevante estágio, e em particular à equipa da Divisão do Plano Director Municipal, pelo apoio ao longo do desenvolvimento da dissertação.

Aos avós, pelo apoio e pelo orgulho.

Ao Bruno, pela ajuda preciosa, pelo apoio e pela disponibilidade.

## RESUMO

A Paisagem Cultural de Sintra, classificada em 1995 pela UNESCO como Património Mundial, representa o testemunho de uma simbiose única entre a Natureza e o Homem.

O microclima específico e o coberto vegetal exuberante conferem à Serra de Sintra o espírito bucólico que promoveu, desde há muito, a sua ocupação por diferentes culturas: dos vestígios Neolíticos, a Suntria medieval; dos conventos e ermitérios espalhados pela solidão da Serra, ao estabelecimento da Corte e de nobres nas suas quintas de recreio, dispostas harmoniosamente por entre maciços graníticos e a luxuriante vegetação trazida de várias partes do mundo. A Paisagem de Sintra construiu-se sob influências artísticas e literárias, sendo hoje inclusivamente considerada como uma referência da expressão do Romantismo, que influenciou a Europa dos séculos XVIII e XIX. Esta unidade, integrando ainda o Parque Natural de Sintra-Cascais, caracteriza-se, assim, como uma área rica, mas de grande sensibilidade. A actual pressão urbanística e constantes ameaças à preservação deste conjunto, nomeadamente à área florestal, motivam o desenvolvimento da investigação de Mestrado, na busca da conservação desta paisagem de inigualável valor, assim como na sua manutenção como património classificado pela UNESCO. Como principal objectivo, pretende-se o desenvolvimento de uma proposta de um novo Plano de Gestão desta Paisagem Cultural, procurando-se um desenvolvimento coerente do ponto de vista turístico e económico. Com o delineamento de estratégias que visem a protecção do conjunto, através da potencialização das suas mais-valias, da divulgação e da transmissão de conhecimento às populações, será assegurada a manutenção e a perpetuidade da identidade cultural, dos valores ecológicos e da biodiversidade da Serra, permitindo assim a vivência em pleno deste património.

Palavras-chave: Paisagem Cultural, Património, Romantismo, Turismo, Conservação

## **ABSTRACT**

The Cultural Landscape of Sintra, classified in 1995 by UNESCO as World Heritage Site, is the testimony of a unique symbiosis between Nature and Man.

The specific microclimate and lush vegetation gives to Serra de Sintra the bucolic spirit that promoted, since long times, its occupation by different cultures: From Neolithic vestiges to the medieval Suntria; convents and hermitages scattered throughout the solitude of the Sierra, the establishment of the royal court and nobles in their recreational farms, harmoniously arranged amidst the massive granite blocks and the lush vegetation brought from various parts of the world. The Landscape of Sintra was built under artistic and literary influences, being even today considered as a reference of the expression of the Romanticism, which influenced the Europe of the eighteenth and nineteenth centuries.

This unit, also integrating the Natural Park of Sintra-Cascais, is characterized as well as a rich area, but highly sensitive. The current urban pressure and constant threats to the preservation of this site, including the forest area, motivated the development of the present research, in order to the pursuit of conservation of this landscape of incomparable value, as well as its maintenance as a classified heritage of UNESCO. As the main objective, we intend to develop a proposal for a new Management Plan for this Cultural Landscape, seeking a coherent development from the standpoint of tourism and economic development. With the design of strategies aiming the protection of the site, by leveraging their capital gains, dissemination and transfer of knowledge to the communities, the maintenance and the perpetuation of cultural identity, the ecological values and the biodiversity of the Sierra will be assured, thus allowing the full experience in this heritage.

**Keywords:** Cultural Landscape, Patrimony, Romantism, Tourism, Conservation

## EXTENDED ABSTRACT

Unique representation of the tangible and intangible heritage of a community, a landscape carries on itself unique values in a singular symbiosis between nature and the culture, justifying its preservation. However, the constant threats and human pressures that these complex systems are subject, lead us to discern their protection and thereby maintaining its values.

The case study - Cultural Landscape of Sintra - everything is in a truer representation of the essence of a landscape in constant transformation, whose identity was composed under strong human presence, and is formalized under profound artistic influences, literary and religious, that accompanied and emphasized the eternal haze of *misticidade Sintra*. Mystical, Romantic, site that shows sublime contemplation and summer, or local defense strategist and important supply to the main metropolis of Lisbon, many values have been attributed to him and that led to his constant occupation for centuries. Mutable, this landscape is therefore also the largest *susceptibilidade*, with any proposed action go against the preservation of its uniqueness and authenticity, recognized by UNESCO in 1995.

Completed nearly 17 years since its classification as a World Heritage Site, it is expected so as to revise the parameters and regulations for their conservation and maintenance for future generations, and this is the great motivator of this dissertation. The formalization and proposed strategies to integrate a management plan for this landscape is thus the main objective of the herein described, considering also the biggest challenge, given the intention of applying management strategies for a landscape which has been developed and giving a Management Plan in 2004. This research work has been accompanied by the development of a stage in the Municipality of Sintra, Division of Municipal Master Plan, which spanned from May to September of this year, of utmost importance for the consolidation of knowledge and formalization of the strategies outlined.

As with any proposal, it appears very important to review the legal framework - in this case, a Cultural Landscape - for greater understanding and consequent perception of the term. So is developed in Chapter 1 of this dissertation, which sets out and evaluates existing bodies for the protection of cultural landscapes, still discerning on the national legal framework and its implementation. The issues assessed - the European and national level - see a possible resolution through a methodology proposed action, based on the prone bodies first mentioned, and therefore serve as a basis for the continuation and development of the theme.

Sintra, unique in the world, so it needs a closer analysis of its genesis, formalizing, Chapter 2, the analysis in the methodology outlined first, which takes the place of the historical context, a fundamental step in the approach to a landscape such complexity and *susceptibilidade*. History, microclimate, and the vast human brand - monumental and literary - are addressed as well, due to your understanding and as confirmation of your character unique identity.

The diagnosis, or description of the current situation of this set, prevailing in Chapter 3, thus allows an important analysis on nearly 17 years of managing this landscape as a UNESCO World Heritage Site, reflecting on the specific problems of this landscape, driven by current management methodology and often offered by existing legal framework. Managing complex and largely marked by an obvious lack of coordination, the Cultural Landscape of Sintra urge for a balanced management that promotes conservation alongside the much needed regional development, this landscape enhanced by tourism, representing a major source of funding and income. The vision of the people on this landscape - resident and tourist - also allows assess, through its degree of knowledge, which the major issues in the disclosure and action on this landscape and has therefore been of utmost importance to proximity and approach to communities through investigation, and which is able to measure some unexpected results, and while extremely important for the proposed actions on a landscape, in which public participation, despite the beneficial factor is not always taken into account.

The 4th and final chapter culminates thus outlining the management strategies that are taken as appropriate, and shall appear Integrated Management Plan, which face the great complexity measured.

## ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	I
RESUMO.....	II
ABSTRACT.....	III
EXTENDED ABSTRACT.....	IV
ÍNDICE GERAL.....	V
ÍNDICE DE QUADROS E DE GRÁFICOS.....	VI
ÍNDICE DE FIGURAS.....	VII
ÍNDICE DE PEÇAS DESENHADAS.....	VIII
ÍNDICE DE ANEXOS.....	IX
ÍNDICE DE SIGLAS/ ABREVIATURAS.....	X
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I. Da herança ao Património– A Paisagem Cultural.....	3
1.1 Uma noção de Paisagem Cultural.....	3
1.1.1 Paisagem.....	3
1.1.2 Cultura.....	4
1.1.3 Património.....	4
1.1.4 A Paisagem Cultural.....	5
1.2 Instrumentos para a conservação e protecção de uma Paisagem Cultural.....	6
1.2.1 Organismos Internacionais.....	6
1.2.2 Organismos na Europa.....	7
1.2.3.1 Organismos nacionais.....	7
1.3 Paisagem e Património – o Valor Universal e a necessidade de preservação.....	8
1.3.1 A Convenção para a protecção do Património Mundial, Cultural e Natural e as Orientações para a Aplicação da Convenção – A UNESCO e a Lista do Património Mundial.....	9

1.4 A gestão das Paisagens Culturais na Europa.....	12
1.5 Paisagens Culturais em Portugal	
1.5.1 Protecção legal das Paisagens Culturais em Portugal.....	15
1.5.1.1 A Lei de Bases do Património Cultural.....	15
1.5.1.2 Diplomas de desenvolvimento da Lei de Bases do Património Cultural.....	17
1.6 A problemática na gestão e planeamento em Paisagens Culturais em Portugal.....	18
1.7 Paisagens Culturais: gestão eficiente e a sua projecção no futuro – linhas orientadoras para o planeamento.....	19
1.7.1 Uma metodologia.....	19
<b>CAPÍTULO II. Sintra, Património Mundial – Análise e contextualização.....</b>	<b>21</b>
2.1 Análise biofísica e paisagística – o Património Natural sintrense.....	21
2.1.1 O microclima sintrense.....	21
2.1.2 Geomorfologia.....	21
2.1.2.1 Relevo e Declives.....	21
2.1.2.2 Geologia e Litologia.....	21
2.1.3 Rede hidrográfica.....	22
2.1.4 Coberto florestal sintrense.....	22
2.1.5 Fauna.....	23
2.2 Uma contextualização histórica.....	24
2.2.1 A acção do Homem na Serra de Sintra: Ocupação humana – evolução.....	24
2.2.2 O século XX e o apogeu do crescimento urbano em Sintra.....	25
2.2.3 A conjugação entre o natural e o cultural: principais obras sobre a paisagem – os parques.....	27
2.2.3.1 Parque e Palácio da Pena.....	27
2.2.3.2 Parque e Palácio de Monserrate.....	28



2.3 Literatura, Arte, Património, Identidade: A importância de Sintra no contexto português e europeu.....	29
2.3.1 Património Monumental, cultural e identitário: uma evolução vivencial.....	29
2.3.2 Património literário.....	32
2.4 O reconhecimento e a inscrição como Património Mundial.....	33
2.4.1 Autenticidade e singularidade.....	33
2.4.2 Critérios de classificação .....	34
<b>CAPÍTULO III. Diagnóstico – 17 anos de gestão de Património Mundial.....</b>	<b>35</b>
3.1 A manutenção do estatuto de Património Mundial da UNESCO – As missões da UNESCO e a problemática actual .....	35
3.1.1 A gestão actual da Paisagem Cultural de Sintra.....	38
3.1.1.1 Metodologia de gestão e órgãos intervenientes.....	38
3.1.1.2 O Plano de Gestão actual da Paisagem Cultural de Sintra.....	40
3.1.2 A população e o património: percepções e vivência.....	41
<b>CAPÍTULO IV. Estratégias de gestão e de conservação da Paisagem Cultural de Sintra, Património Mundial.....</b>	<b>45</b>
4.1 Instrumentos de Gestão territorial e o enquadramento legal da Paisagem Cultural de Sintra.....	46
4.2 Plano de Gestão Integrado da Paisagem Cultural de Sintra.....	48
4.2.1 Normas de Gestão.....	48
4.2.2 Modelo de gestão.....	48
4.2.2.1 A Entidade Parques de Sintra – Monte da Lua SA.....	48
4.2.3 Estratégias para a gestão.....	50
4.2.3.1 Manutenção da área florestal.....	50
4.2.3.1.1 Objectivos específicos.....	53
4.2.3.2 Manutenção do património arquitectónico e arqueológico.....	57
4.2.3.2.1 Objectivos específicos.....	58
4.2.3.3 Promoção do uso e da participação pública.....	61

4.2.3.4 Desenvolvimento turístico e regional.....	62
4.2.3.4.1 Objectivos específicos.....	66
4.2.3.5 Promoção e divulgação da paisagem.....	71
4.2.3.5.1 Objectivos específicos.....	72
4.2.4 Interpretação e formalização das bases e estratégias de acção a contemplar no Plano de Gestão Integrado.....	74
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>79</b>
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>81</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>88</b>

## ÍNDICE DE QUADROS E DE GRÁFICOS

### Quadros

Quadro 1: Categorias de paisagem apresentadas na Convenção do Património Mundial.(Fonte: Adaptado do exposto em Plano Verde do Concelho de Sintra, 2ª Fase, Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista “Prof. Caldeira Cabral”. Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2008., p. 74.).....	10
Quadro 2: Problemas na gestão das Paisagens Culturais europeias. (Fonte: Adaptado do exposto em: CALADO, Ana Sara - <i>Paisagens Culturais: Análise Comparativa entre o modelo de gestão Europeu e Norte-Americano</i> – Relatório de Trabalho de Fim de Curso da Licenciatura em Arquitectura Paisagista, apresentado à Universidade do Algarve – Faculdade de Engenharia de Recursos Naturais, Faro, s. m., 2006, p. 19.) .....	13
Quadro 3: Diplomas de desenvolvimento da Lei de Bases do Património Cultural. (Fonte: Adaptado do disposto pelo Ministério da Cultura – Portal da Cultura, Diplomas de Desenvolvimento da Lei de Bases do Património Cultural [Em linha], [Consult. 23 Jun. 2012]. Disponível na WWW : <URL : <a href="http://www.mincultura.gov.pt/imprensa/arquivo/Pages/20090314_Fundo_Salvaguarda.aspx">http://www.mincultura.gov.pt/imprensa/arquivo/Pages/20090314_Fundo_Salvaguarda.aspx</a> >.).....	18
Quadro 4: Metodologia de aplicação para a gestão de Paisagens Culturais. (Fonte: Adaptado do disposto nas instruções do Comité do Património Mundial In FALZON, Charlie - <i>Managing Natural Values in Cultural Landscapes</i> , International Centre for Protected Landscapes in UNESCO, Preserve World Heritage. Kerstin Manz and Mechtild Rössler, 2008; no disposto em COSTA, Cláudia - <i>Paisagens Culturais: Memória de uma identidade colectiva para o futuro. Caso Estudo: Deserto Carmelita do Bussaco</i> . Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagista, apresentada ao Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, s. m., 2011, p. 36.) .....	20
Quadro 5: Síntese da actuação de cada órgão interveniente na gestão da Paisagem Cultural de Sintra. Fontes: .....	39
Quadro 6: Principais problemas na Paisagem Cultural de Sintra e proposta de possível resolução.....	44
Quadro 7: Principais objectivos do Plano de Gestão Integrado para a Paisagem Cultural de Sintra proposto.....	50
Quadro 8: Pontos Fortes e Pontos Fracos da Área Florestal sintrense.....	52
Quadro 9: Objectivos gerais do Plano de Gestão Integrado para a Área Florestal sintrense.....	53
Quadro 10: Regime de florestação com vista a um plano de reflorestação até 2045, proposto segundo o PROF-AML .....	54
Quadro 11: Objectivos gerais do Plano de Gestão Integrado para a manutenção do património edificado.....	58

Quadro 12: Elementos que abrange o Turismo Cultural. (Fonte: Adaptado do presente em MCKERCHER, Bob e CROS, Hilary du - Cultural Tourism: The Partnership between Tourism and Cultural Heritage Management. The Haworth Press, New York, 2002).....64

Quadro 13: Impactos positivos e negativos que advêm do turismo. (Fonte: Adaptado de: TIMOTHY, Dallen J., NYAUPANE, Gyan P., Cultural heritage and Tourism in the developing World – A Regional Perspective, 1ªed. USA e Canada, Routledge, 2009, ISBN: 978-0-203-87775-3, [S./vol.].....64

Quadro 14: Objectivos gerais do Plano de Gestão Integrado para o desenvolvimento turístico e regional.....65

Quadro 15: Objectivos gerais do Plano de Gestão Integrado para a promoção e divulgação da paisagem.....71

Quadro 16: Ordem de trabalhos para o Plano de Gestão Integrado da Paisagem Cultural de Sintra.(Fonte: Adaptação da metodologia utilizada no Plano de Gestão da Mata Nacional do Buçaco, In REGO, F. M. C. C., PAIS, N. L. - *Plano de Ordenamento e Gestão da Mata Nacional do Buçaco*, coord. Nuno Lecoq, 2007, pp. 141-285.).....75

## Gráfico

Gráfico 1: Estatísticas (síntese) das questões de resposta directa (sim-não) do questionário para aferição do conhecimento sobre a Paisagem Cultural de Sintra .....43

## ÍNDICE DE FIGURAS

Fig.1: Exemplo da fauna sintrense: Genneta. (Fonte: ICNB).....	23
Fig.2: Exemplo da fauna sintrense: Víbora Cornuda. (Fonte: ICNB).....	23
Fig.3: A Quinta da Regaleira, marca do revivalismo português. (Fonte: <a href="http://www.cmsintra.pt/Artigo.aspx?ID=3392">http://www.cmsintra.pt/Artigo.aspx?ID=3392</a> ). ....	25
Fig.4: A linha de caminho-de-ferro no início do séc. XX. (Fonte: <a href="http://palacio-desintra.blogspot.pt/2012/02/sintra-nos-anos-40-do-seculo-xx-ameaca.html">http://palacio-desintra.blogspot.pt/2012/02/sintra-nos-anos-40-do-seculo-xx-ameaca.html</a> ). ....	25
Fig.5: O Hotel Tivoli (2012). (Fonte: Autora).....	26
Fig.6: O Palácio Nacional de Sintra (2012). (Fonte: Autora).....	26
Fig.7: O Palácio da Pena e um vislumbre sobre o Parque. (Fonte: <a href="http://www.cpoc.pt/eventos.php?ev=14Trofeu">http://www.cpoc.pt/eventos.php?ev=14Trofeu</a> ). ....	27
Fig.8: Um pormenor do Parque da Pena. (Fonte: <a href="http://www.ezimut.com/pois/parque-da-pena/attachment/ppena_2">http://www.ezimut.com/pois/parque-da-pena/attachment/ppena_2</a> ). ....	27
Fig.9: O Palácio de Monserrate. (Fonte: <a href="http://www.cm-sintra.pt/AgendaCultural/ArtigoNew.aspx?IDArtigo=1105&amp;IDMagazine=67">http://www.cm-sintra.pt/AgendaCultural/ArtigoNew.aspx?IDArtigo=1105&amp;IDMagazine=67</a> ). ....	28
Fig.10: Ruínas de Monserrate. (Fonte: <a href="http://casallisboa.blogspot.pt/2009/12/dezembro-2009-parque-de-monserrate.html">http://casallisboa.blogspot.pt/2009/12/dezembro-2009-parque-de-monserrate.html</a> ). ....	28

## ÍNDICE DE PEÇAS DESENHADAS

Peça Desenhada 1: Hipsometria.....	21
Peça Desenhada 2: Classes de Declive (%).....	21
Peça Desenhada 3: Geologia.....	21
Peça Desenhada 4: Linhas de água principais e sistema húmido .....	22
Peça Desenhada 5: Áreas Protegidas .....	22
Peça Desenhada 6: Vegetação existente .....	23
Peça Desenhada 7: Fauna do Parque Natural de Sintra-Cascais .....	23
Peça Desenhada 8: Património Arqueológico (1) .....	24
Peça Desenhada 9: Património Arqueológico (2) .....	24
Peça Desenhada 10: Património Arqueológico (3) .....	24
Peça Desenhada 11: Património Arquitectónico (1) .....	24
Peça Desenhada 12: Património Arquitectónico (2) .....	24
Peça Desenhada 13: Património Arquitectónico (3) .....	24
Peça Desenhada 14: Instrumentos de Gestão Territorial Existentes .....	46
Peça Desenhada 15: Áreas ardidadas nos concelhos de Sintra e Cascais entre 1995-2008 .....	55
Peça Desenhada 16: Valor Ecológico dos Solos .....	57
Peça desenhada 17: Levantamento das Quintas de Elevado Valor Cultural e/ ou Patrimonial .....	58
Peça Desenhada 18: Aptidão ecológica à edificação: área edificada e edificável. ....	59
Peça Desenhada 19: Levantamento dos Percursos e Rotas existentes no PNSC .....	69
Peça Desenhada 20: Pequenas Rotas de Sintra: existentes e propostas.....	70
Peça Desenhada 21: Folheto Informativo sobre a Paisagem Cultural de Sintra .....	72
Peça Desenhada 22: Folheto Informativo para o Património Natural Sintrense .....	73
Peças Desenhada23: Folheto Informativo para a Pequena Rota das Quintas .....	73
Peça Desenhada24: Folheto Informativo para a Pequena Rota Literária .....	73
Peça Desenhada 25: Ocupação do solo (actual) .....	74
Peça Desenhada 26: Intervenções e proposta de reconversão de usos. ....	74
Peça Desenhada 27: Síntese de Ordenamento. ....	74

## ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 - Lei nº. 107/2001 de 8 de Setembro (Lei de Bases do Património Cultural) .....	88
Anexo 2 – Decision 26 COM 21B.66 .....	94
Anexo 3 – Decision 27 COM 7B.72 .....	95
Anexo 4 – Decision 28 COM 15B.77 .....	96
Anexo 5 – Decision 30 COM 7B.89 .....	97
Anexo 6 – Decision 33 COM 7B.116 .....	100
Anexo 7 – Visita 11-15 de Janeiro de 2010 .....	104
Anexo 8 - Comparativo Anual de Hóspedes e Dormidas por nacionalidade .....	105
Anexo 9 - Número de Visitantes (Nacionais e Estrangeiros) em Sintra .....	107
Anexo 10 – Número de Visitantes Nacionais e Estrangeiros (primeiro semestre de 2012) .....	109
Anexo 11 – Inquérito de aferição de conhecimento sobre a Paisagem Cultural de Sintra .....	111
Anexo 12 – “UNESCO pode fazer ‘ultimato’ à Paisagem Cultural de Sintra.....	112
Quadro Anexo 13 - Principais Cartas e Convenções Internacionais .....	114
Quadro Anexo 14 - Designações de maior relevância na União Europeia .....	115
Quadro Anexo 15 – Instrumentos de Gestão Territorial em vigor e em elaboração sobre o município de Sintra .....	116
Anexo 16 – Carta de Desporto de Natureza .....	119
Anexo 17 – Unidades de Paisagem do território sintrense .....	120

## **ÍNDICE DE SIGLAS/ ABREVIATURAS**

PCS	Paisagem Cultural de Sintra
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
ICOMOS	International Council of Monuments and sites
ICCROM	International Centre for the study of the Preservation and Restoration of Cultural Property
IUCN	International Union for Conservation of Nature
DGEMN	Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
IGESPAR	Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico
SIPA	Sistema de Informação para o Património Arquitectónico
DGPC	Direcção Geral do Património Cultural
IIP	Imóvel de Interesse Público
IIM	Imóvel de Interesse Municipal
MN	Monumento Nacional
IGT	Instrumentos de Gestão Territorial
PMOT	Plano Municipal de Ordenamento do Território
PROF	Plano Regional de Ordenamento Florestal
PROT	Plano Regional de Ordenamento do Território
PDM	Plano Director Municipal
PP	Plano de Pormenor
PU	Plano de Urbanização
PDF	Plano de Defesa da Floresta
OMT	Organização Mundial de Turismo



## Introdução

Representação única do património tangível e intangível de uma comunidade, uma paisagem transporta em si valores únicos, numa singular simbiose entre o natural e o cultural, justificadores da sua preservação. No entanto, as constantes ameaças e pressões humanas a que estes sistemas complexos estão sujeitos, levam-nos a discernir sobre a sua protecção e consequente manutenção dos seus valores.

O caso de estudo – a Paisagem Cultural de Sintra – é em tudo a representação mais fiel da essência de uma paisagem em constante transformação, cuja identidade se compôs sob uma forte presença humana, e se formalizou sob profundas influências artísticas, literárias e religiosas, que acompanharam e deram ênfase à misticidade da eterna bruma sintrense. Mística, romântica, local que se mostra, sublime, à contemplação e ao veraneio, ou local estratégia de defesa e de importante abastecimento à principal metrópole lisboeta, muitos foram os valores que lhe atribuíram e que propiciaram a sua constante ocupação ao longo dos séculos. Mutável, esta paisagem é por isso também da maior susceptibilidade, devendo qualquer acção proposta ir de encontro à preservação da sua singularidade e autenticidade, reconhecida pela UNESCO em 1995.

Completados quase 17 anos desde a sua classificação como Património Mundial, prevê-se por isso como de particular importância rever os parâmetros estipulados e em prática para a sua conservação e manutenção para as gerações vindouras, sendo este o grande motivador da presente dissertação. A formalização e proposta de estratégias a integrar num Plano de Gestão para esta paisagem é assim o principal objectivo do aqui descrito, considerando-se também o maior desafio, dada a intenção de aplicação de estratégias de gestão a uma paisagem para a qual foi já desenvolvido e conferido um Plano de Gestão, em 2004. O presente trabalho de investigação foi acompanhado pelo desenvolvimento de um estágio na Câmara Municipal de Sintra, na Divisão do Plano Director Municipal<sup>1</sup>, que se estendeu desde Maio até Setembro do presente ano. O estágio, da maior importância para a consolidação de conhecimentos e formalização das estratégias delineadas, permitiu contactar directamente com o apoio de técnicos constituintes de uma equipa fundamental para a gestão e ordenamento daquela região, e onde existiu uma enorme contribuição a nível de trabalho e de informação, para a prossecução da presente dissertação, tendo existido ainda uma aplicação prática de conhecimentos sobre o ordenamento de território.

Como em qualquer proposta, revela-se da maior importância a revisão do enquadramento legal – neste caso, de uma Paisagem Cultural – para o maior entendimento e consequente percepção do termo. Assim é desenvolvido no Capítulo 1 da presente dissertação, que enuncia e avalia os organismos existentes para a protecção das paisagens culturais, discernindo ainda sobre o quadro jurídico nacional, e a sua aplicação. As problemáticas aferidas – a nível europeu e nacional – vêem uma possível resolução através

---

<sup>1</sup> Chefiada pelo Arq.º Carlos Pinto, e com coordenação do Arq.º Rui Rodrigues.

de uma metodologia de acção proposta, baseada nas regras dos organismos primeiramente mencionados, e que servirá por isso de base à prossecução e desenvolvimento do tema.

Sintra, única no mundo, necessita por isso de uma aproximação de análise à sua génese, formalizando, o Capítulo 2, a análise constante na metodologia primeiramente delineada, que toma a contextualização histórica do lugar, um dos passos fundamentais na abordagem a uma paisagem de tal complexidade e susceptibilidade. A História, o microclima, e a vasta marca humana – monumental e literária – são assim abordadas, para o seu devido entendimento e como a confirmação do seu carácter identitário singular.

O diagnóstico, ou a descrição da situação actual deste conjunto, prevalecentes no Capítulo 3, permite assim uma importante análise sobre quase 17 anos de gestão desta paisagem como Património Mundial da UNESCO, reflectindo sobre as problemáticas específicas desta paisagem, movidas pela metodologia de gestão actual e muitas vezes propiciadas pelo quadro jurídico em vigor. De gestão complexa e grandemente demarcada por uma óbvia falta de coordenação, a Paisagem Cultural de Sintra urge por uma gestão equilibrada que promova a sua conservação a par do tão necessário desenvolvimento regional, nesta paisagem potenciado pelo turismo, que representa uma das principais fontes de financiamento e rendimento. A visão da população sobre esta paisagem – residente e turística – permite também aferir, através do seu grau de conhecimento, quais as maiores problemáticas na divulgação e acções sobre esta paisagem, tendo por isso sido da maior importância a proximidade e abordagem às comunidades através de inquérito, e do qual se conseguiram aferir alguns resultados inesperados, e simultaneamente de extrema importância para a proposta de acções sobre uma paisagem, em que a participação pública, apesar do factor benéfico, nem sempre é tida em conta.

O 4º e último capítulo culmina, assim, no delinear das estratégias de gestão que se tomam como adequadas, e que deverão figurar um Plano de Gestão Integrado, que faça face à grande complexidade aferida.

## 1. Da herança ao Património – A Paisagem Cultural

### 1.1 Uma noção de Paisagem Cultural

A primeira questão, talvez a mais fundamental para a percepção do conceito de Paisagem Cultural, será o entendimento dos conceitos de paisagem, cultura e património, cujas definições passam por uma enorme variedade, diversidade e complexidade de componentes e ideais de percepção.

#### 1.1.1 Paisagem

*Landscape is an attractive, important and ambiguous term (...) which both invites and defies definition (...). It is the very fullness and ambiguity of the concept of landscape that makes it so useful and helps span the gaps that might otherwise exist between a number of disciplines*<sup>2</sup>. Meinig define a paisagem enquanto figura, formada por sistemas naturais e moldada pela história e cultura. Não existe, no entanto, um único método reconhecido para o estudo, identificação e definição de uma paisagem. Existe sim, uma grande variedade de definições e ideais que nos elucidam sobre a sua complexidade e que nos elevam, na sua maioria, a uma ligação directa à acção humana – “*Our period of history is probably only seeing the beginning of a process of redefining conceptual tools and meanings related to landscape*”<sup>3</sup>. Segundo a Convenção Europeia da Paisagem, o termo *Paisagem* é designado como “*uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da acção e da interacção de factores naturais e ou humanos*”<sup>4</sup>. De outro prisma, Gary Fry apresenta esta definição como “*o reflexo físico e mental das interacções entre sociedades e culturas e o seu ambiente natural*”<sup>5</sup>. Segundo Knapp e Ashmore<sup>6</sup>, o termo *paisagem* tem vindo a surgir como uma entidade que existe em virtude da percepção, experienciação e contextualização, conferida pelo homem, ser actuante que a experiencia, sendo este ideal contestado por uma outra ideologia que defende que as pessoas são parte da paisagem como qualquer outro elemento natural, baseando-se no pressuposto de que uma paisagem não é um sistema passivo, servindo somente ao desenrolar de acções humanas, mas sim um sistema activo e dinâmico, que se intercala com a acção humana, criando um sistema de grande complexidade e sensibilidade, cujos valores lhe são intrínsecos. A paisagem, como fruto da interacção do homem com o meio, surge também como obra colectiva, e de uma transformação contínua ao longo de gerações, em que vários agentes actuam em simultâneo sobre os mesmos espaços, ou sobre espaços diferenciados mas interdependentes quanto a processos

<sup>2</sup> MEINIG, Donald – *The interpretation of ordinary landscapes: geographical essays*. Oxford University Press, New York, 1979, p. 1. In BROWN, Steve - *Cultural landscapes and park management: a literature snapshot*. Sidney: Department of Environment and Climate Change, Sidney, 2008, p. 5.

<sup>3</sup> SCAZZOSI, Lionella - *Landscape and cultural landscape: European Landscape Convention and UNESCO Policy*. In UNESCO World Heritage Centre cultural landscapes: the challenges of conservation. World Heritage papers 7, UNESCO World Heritage Centre, France, 2003, pp 55–59.

<sup>4</sup> Conselho da Europa- Texto da Convenção Europeia da Paisagem [Em linha], [Consult. 03 Junho. 2012]. Disponível na: <URL: <http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/heritage/landscape/versionsconvention/portuguese.pdf>>.

<sup>5</sup> FRY, Gary. In ABREU, Alexandre D'Orey Cancela, *Ética e Paisagem*. Fundação Calouste Gulbenkian. [Em linha]. Lisboa: SLP, 2011– [Consult. 23 Fev. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.gulbenkian.pt/media/files/FTP\\_files/pdfs/ambiente2010/S\\_EticaPaisagem\\_AlexAbreuSet2011.pdf](http://www.gulbenkian.pt/media/files/FTP_files/pdfs/ambiente2010/S_EticaPaisagem_AlexAbreuSet2011.pdf)>.

<sup>6</sup> ASHMORE, Wendy & KNAPP, A. Bernard (eds) - *Archaeologies of landscape: contemporary perspectives*. Blackwell, Massachusetts, USA & Oxford, UK, 1999, p. 1. In BROWN, Steve - *Cultural landscapes and park management: a literature snapshot*. Department of Environment and Climate Change, Sidney, 2008, p. 4.

biofísicos, culturais e socioeconómicos. Para a definição de uma paisagem, as suas componentes naturais e culturais terão por isso de ser analisadas como um todo e como componentes indissociáveis, sendo a barreira que separa estas componentes muitas vezes de difícil percepção, assumindo-se frequentemente como natural um produto cultural<sup>7</sup>. Da vivência da paisagem surge o sentido de sítio e as mais variadas tradições, e consequentemente uma distinta identidade cultural, que reveste a paisagem de valores pessoais e sociais intangíveis, compondo assim a identidade pessoal e colectiva de uma comunidade<sup>8</sup>. A Paisagem, cuja história, percepção e vivência pode levar a diferentes entendimentos por quem a experiencia demarca-se, assim, também como uma importante ferramenta conceptual na análise da relação entre o homem e o meio. Todas as paisagens possuem um carácter cultural, e inclusivamente os processos de conservação da natureza deverão surgir como uma acção cultural<sup>9</sup>.

### 1.1.2 Cultura

A Cultura identifica-se enquanto compositor e faz parte indissociável das anteriores definições de *paisagem*. Incide sobre paisagens não-monumentais, e leva ao ideal de que toda a paisagem terá significado cultural. Pode ser interpretado como um conceito dinâmico, influenciado pelo meio, tal como Winchester, Kong e Dunn afirmam<sup>10</sup>, referindo-se à identidade cultural como sendo socialmente construída – “(...) *we are able to change our own culture and influence that of our children and peers. We imagine culture to be individually lived, dynamic and unique*” - e reconhecido como uma partilha, ou um fenómeno de grupo: “(...) *Group affiliation and participation is one of the central means by which cultural groups are reproduced. Our central theoretical position is that culture is (re) produced – it is not 'natural'. Human-kind are not born into static cultural groups that we cannot transcend. We hold culture to be socially constructed – a dynamic product of individuals and groups, both past and present.*”

A percepção da cultura, vista como uma dinâmica da acção humana, resulta assim na conceptualização da paisagem cultural como um processo – “*Everyday landscape features are used to reconstruct culture and identity*”<sup>11</sup>.

### 1.1.3 Património

O Património possui também uma série de definições tão distintas quanto os seus autores:

“O conjunto de marcas ou vestígios da actividade humana que uma comunidade considera como essenciais para a sua identidade e a sua memória colectivas e que deseja preservar a fim de as transmitir às gerações vindouras”<sup>12</sup>;

---

<sup>7</sup> ABREU, Alexandre D'Orey Cancela, *Ética e Paisagem*. Fundação Calouste Gulbenkian. [Em linha]. Lisboa: SLP, 2011– [Consult. 23 Fev. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.gulbenkian.pt/media/files/FTP\\_files/pdfs/ambiente2010/S\\_EticaPaisagem\\_AlexAbreuSet2011.pdf](http://www.gulbenkian.pt/media/files/FTP_files/pdfs/ambiente2010/S_EticaPaisagem_AlexAbreuSet2011.pdf)>.

<sup>8</sup> Pathways to Cultural Landscapes. *Cultural Landscape – View from Europe* [Em linha], [Consult. 03 Junho. 2012]. Disponível na: <URL : <http://www.pcl-eu.de/project/agenda/epcl.php>>.

<sup>9</sup> FOWLER, Peter - *World Heritage Cultural Landscapes 1992-2002*. World Heritage Papers 6, UNESCO World Heritage Centre, Paris, 2003, p. 56.

<sup>10</sup> WINCHESTER, Hilary, KONG, Lily & DUNN, Kevin - *Landscapes: ways of imagining the world, Insights into Human Geography Series*, Pearson Education Limited, UK, 2003, pp. 3-4.

<sup>11</sup> *Idem, Ibidem*.

*“Todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial protecção e valorização (...)”*<sup>13</sup>

Estas definições de património, fazem referência a um bem inerente à cultura e civilização, fazendo perceber a distinção de património cultural, do conceito de património natural, não existindo na sua definição qualquer ligação directa à natureza. O Património Cultural, possui todo um conjunto de aspectos morais, intelectuais e materiais dos sistemas de valor e dos estilos de vida que caracterizam determinada civilização, e que fazem parte do seu vasto património cultural.

#### 1.1.4 A Paisagem Cultural

O retrato entre os últimos conceitos define o termo, que se distingue pela marca da humanização e expressão cultural de quem lá passou e que perfaz a marca identitária daquela paisagem. Existe uma grande variedade de paisagens culturais, representativas da região em que se desenvolvem e se apresentam, numa íntima expressão da relação entre o homem e o meio, transformando-se quer através da utilização de técnicas específicas de uso do solo, quer em seguimento de expressões artísticas, religiosas ou tradicionais, em que a relação espiritual do agente com o meio é uma constante<sup>14</sup>. A terminologia conceptual de *Paisagem Cultural* terá surgido em meados do século XIX<sup>15</sup>, tendo posteriormente surgido como conceito já durante o século XX, introduzido por Carl Sauer em 1925 no seu ensaio sobre Morfologia da Paisagem: *“The cultural landscape is fashioned from a natural landscape by a culture group. Culture is the agent, the natural area is the medium, the cultural landscape is the result”*<sup>16</sup> (...). Para além de Sauer, são também muitos os autores que contribuem para esta definição:

*“Cultural landscapes are illustrative of the evolution of human society and settlement over time, under the influence of the physical constraints and/or opportunities presented by their natural environment, and of successive social, economic and cultural forces, both external and internal”*<sup>17</sup>, fazendo transparecer um produto da própria evolução humana;

*“Cultural landscapes are at the interface between nature and culture, tangible and intangible heritage, biological and cultural diversity - they represent a closely woven net of relationships, the essence of culture and people’s identity. Cultural landscapes are a focus of protected areas in a larger ecosystem context, and they are a symbol of the growing recognition of the fundamental links between local*

---

<sup>12</sup> FRIER, Pierre-Laurant. In SANTOS, Sara - *Direito do Património Cultural*. Curso de Formação Contínua de Direito imobiliário, apresentado à Universidade do Porto, Porto, s.m., 2007, p. 4.

<sup>13</sup> Lei nº 107/2001 de 8 de Setembro, art. 2.º, nº1. [Em linha]. SLP, 2001 – [Consult. 27 Mar. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://dre.pt/pdf1s/2001/09/209A00/58085829.pdf>>. Ver Anexo 1.

<sup>14</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>15</sup> COSTA, Cláudia & MARTINS, Nuno - *Património, paisagens culturais, turismo, lazer e desenvolvimento sustentável. Parques temáticos vs parques patrimoniais*. Exedra journal, nº temático – Turismo e Património, 2009, p. 56.

<sup>16</sup> SAUER, Carl - *The morphology of landscape*, in Geography 2(2), University of California publications, 1925, p. 46. In BROWN, Steve - *Cultural landscapes and park management: a literature snapshot*. Department of Environment and Climate Change, Sidney, 2008.

<sup>17</sup> Operational Guidelines. In FOWLER, Peter – *World Heritage Cultural Landscapes Paper 6, 1992-2002*. UNESCO World Heritage Centre, 2003, p. 22.

*communities and their heritage, humankind and its natural environment.*”<sup>18</sup>, como parte do carácter identitário e do património imaterial de uma comunidade.

A Paisagem Cultural pode assim ser entendida como o *produto* de uma estreita relação entre uma comunidade, que se revê em determinados pressupostos culturais, e um conjunto de circunstâncias naturais em particular, constituindo-se como herança a sua evolução natural envolvida na transformação humana. Uma paisagem cultural detém, em si, uma rica fonte de biodiversidade e de ecossistemas, a fornecedores de bens promotores de qualidade de vida, para além do sentido estético que lhe é inerente<sup>19</sup>. A protecção das paisagens culturais pode em tudo contribuir para a manutenção das técnicas tradicionais e sustentáveis de uso do solo, permitindo o suporte e a manutenção dessa biodiversidade e o enaltecimento dos valores naturais daquela paisagem<sup>20</sup>.

## **1.2 Instrumentos para a conservação e protecção de uma Paisagem Cultural**

### **1.2.1 Organismos Internacionais**

Tendo em conta a preocupação anteriormente mencionada e com a crescente preocupação na salvaguarda destas paisagens, foram criados organismos cujo objectivo seria a protecção das paisagens culturais, através de orientações que permitam a salvaguarda de todas as suas componentes, sendo de destacar, a nível internacional, a UNESCO e ICOMOS/IFLA.

A UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization), foi criada em 1945, sendo o seu objectivo a promoção e aplicação de instrumentos normativos de âmbito cultural, com o propósito de salvaguardar a diversidade cultural, procurando ainda a promoção do diálogo entre culturas e o fortalecimento entre a ciência e desenvolvimento, através do incremento das capacidades e o aproveitamento partilhado do conhecimento<sup>21</sup>. Para o património e bens de interesse cultural, a UNESCO atribui ainda as categorias de *Monumento*, *Conjunto* e *Sítio*<sup>22</sup>.

O ICOMOS, o mais importante organismo não-governamental em termos de paisagens culturais, foi fundado em 1965 na sequência da elaboração da Carta de Veneza de 1964, cujos objectivos estratégicos passam por fomentar a aplicação de uma metodologia e técnicas científicas à conservação do património arquitectónico e arqueológico, dedicando-se à conservação de monumentos e sítios históricos<sup>23</sup>. Frisa-se

---

<sup>18</sup> ROSSLER, Mechtild, 2006. In GALLAND, Pierre, ANDRIAN, Giorgio, et al. - *Preserve World Heritage*. Kerstin Manz and Mechtild Rössler, Germany, 2008, p. 28.

<sup>19</sup> THAKUR, Nalini, article of the “Journal of Landscape Architecture – Cultural Landscapes”, Brijender S. Dua, India, [S./vol.], nº 28 (2010), p.24 (Operational Guidelines 08.No47).

<sup>20</sup> Extract of Annex 3 of the Operational Guidelines. In GALLAND, Pierre, ANDRIAN, Giorgio, et al. - *Preserve World Heritage*. Kerstin Manz and Mechtild Rössler, Germany, 2008, p. 28.

<sup>21</sup> Comissão Nacional da UNESCO – Comissão Nacional da UNESCO em Portugal [Em linha]. Lisboa: SLP, 2001 – [Consult. 15 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://unesco.pt>>.

<sup>22</sup> UNESCO, Comité intergovernamental para a protecção do património mundial. *Orientações para a Aplicação da Convenção do Património Mundial*. [Em linha]. – [Consult. 23 Maio 2012]. Disponível na WWW: Disponível na WWW: <URL: <http://whc.unesco.org/en/guidelines>>.

<sup>23</sup> GALLAND, Pierre, ANDRIAN, Giorgio, et al. - *Preserve World Heritage*. Kerstin Manz and Mechtild Rössler, Germany, 2008, p. 42.

ainda a existência do Comité ICOMOS/IFLA (International Scientific Committee on Cultural Landscapes), que reúne especialistas e peritos de todo o mundo e que em muito contribui para o trabalho exercido sobre paisagens culturais, e onde Portugal se vê representado através de um membro especialista, ou Expert Member (Prof.<sup>a</sup> Doutora Cristina Castel-Branco) e quatro membros contribuidores, ou Contributing Members (Mestre Arq.<sup>a</sup> Paisagista Sónia Talhé Azambuja, Dr.<sup>a</sup> Maria Isabel Albergaria, Arq.<sup>o</sup> Paisagista João Albuquerque Carreiras e Arq.<sup>a</sup> Paisagista Teresa Chambel<sup>24</sup>). Como organização, o ICOMOS deverá garantir o correcto acompanhamento, análise e avaliação de bens de valor cultural, quer sejam património mundial classificado ou propostos para inscrição, trabalhando em continuidade com o IUCN, tal como especificado no “Acordo de Berlim”, de Dezembro de 1998, e analisando ainda os pedidos de assistência internacional apresentados pelos Estados<sup>25</sup>.

### 1.2.2 Organismos na Europa

A nível europeu é de destacar o Conselho da Europa. Esta organização foi fundada em 1949, sendo a mais antiga organização Europeia. Com sede em Estrasburgo, reúne hoje 46 países, tendo como objectivo primordial o de alcançar a unidade entre os estados membros, exercendo funções sobre áreas como os direitos humanos, a democracia, a educação, a cultura e o ambiente, dando orientações de promoção e do ordenamento e gestão da paisagem.<sup>26</sup>

O Conselho da Europa, assim como a UNESCO e as suas associações são, dos organismos existentes, aqueles que mais têm contribuído para a valorização e protecção destas paisagens<sup>27</sup>.

#### 1.2.2.1 Organismos nacionais

Em Portugal actualmente aponta-se como organismo nacional o IGESPAR (Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico), criado como resultado da fusão do IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico) e do Instituto Português de Arqueologia ao qual se lhe incorporaram ainda parte das atribuições da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), já extinta. Como objectivos pretende a salvaguarda, conservação e valorização de bens, cuja génese e interesse histórico, paisagístico, científico, social e técnico, justifique a sua integração como património cultural arquitectónico português<sup>28</sup>. No entanto, e a entrar em vigor a 1 de Junho de 2012, o IGESPAR, conjuntamente com o IMC (Instituto dos Museus e Conservação) e a DRCLVT (Direção Regional de

---

<sup>24</sup> International Scientific Committee on Cultural Landscapes – Members [Em linha]. [Consult. 23 Agosto. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.icomos.org/landscapes/members.htm>>.

<sup>25</sup> FOWLER, Peter - *World Heritage Cultural Landscapes 1992-2002*. World Heritage Papers 6, UNESCO World Heritage Centre, Paris, 2003, p. 16.

<sup>26</sup> Sítio oficial da União Europeia – *A História da UE* [Em linha]. [Consult. 27 Jun. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://europa.eu/about-eu/eu-history/1945-1959/1949/index\\_pt.htm](http://europa.eu/about-eu/eu-history/1945-1959/1949/index_pt.htm)>.

<sup>27</sup> COSTA, Cláudia - *Paisagens Culturais: Memória de uma identidade colectiva para o futuro. Caso Estudo: Deserto Carmelita do Bussaco*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagista, apresentada ao Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, s. m. 2011, p. 36.

<sup>28</sup> IGESPAR – Missão [Em linha]. Lisboa: SLP, ano (?) – [Consult. 03 Abril 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.igespar.pt/pt/about/mission/missao/>>.

Cultura de Lisboa e Vale do Tejo), serão fundidos em prol da nova Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC), conforme constante no Decreto-Lei n.º 115/2012, de 25 de Maio<sup>29</sup>, e que terá doravante por missão “assegurar a gestão, salvaguarda, valorização, conservação e restauro dos bens que integrem o património cultural imóvel, móvel e imaterial do País, bem como desenvolver e executar a política museológica nacional”<sup>30</sup>.

Parte das atribuições da DGEMN, acima referida, conjuntamente com o IGAPHE (Instituto de Gestão do Património Habitacional do Estado), sofreu também em 2007, e conforme constante no Decreto-lei n.º 223/2007, de 30 de Maio, uma fusão com o IHRU (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana), passando as suas atribuições a estar integradas neste último organismo, como se verifica actualmente em vigor. Como tal, é-lhe hoje parte integrante um dos maiores e mais completos arquivos arquitectónicos, possuindo informação sobre o património português de valor, classificado ou não, acessível ao público em geral, oferecendo acesso a informação sobre o valor arquitectónico, documental e simbólico da paisagem humanizada<sup>31</sup>.

### 1.3 Paisagem e Património – o Valor Universal e a necessidade de preservação

Paisagem e identidade são elementos primordiais e de forte vinculação. A degradação e destruição dos seus valores constitui-se como uma grande e relevante perda, não só para o país em que se encontra geograficamente, como também para a humanidade<sup>32</sup>, sendo o Património, quer natural, quer cultural, um bem insubstituível e irreparável. Assim, o crescente desenvolvimento das populações e consequente expansão urbana e industrial, a pressão sobre o território e sobre as paisagens em geral, pela franca expansão de actividades turísticas, ou construção de infra-estruturas<sup>33</sup>, tornam emergente a existência de instrumentos que visem a sua valorização para uma correcta protecção e salvaguarda.

Desde cedo que o interesse, valorização e necessidade de preservação por uma paisagem se verificam, destacando-se o papel do imperador Xuan Zhong em 748 d.C, quando decretou o fim da pesca e do abate de árvores numa área adjacente ao Nine Bend River<sup>34</sup>, conferindo-se o reconhecimento, aceitação e noção de preservação das paisagens desde há muito. Dada a definição de uma paisagem como património não ser linear, questionando-se frequentemente o seu valor patrimonial, este tema torna-se passível de discussão<sup>35</sup>, vindo a demonstrar-se, por isso, que o conceito de preservação vem muitas

<sup>29</sup> IGESPAR - Nova direcção do património cultural [Em linha]. [Consult. 15 Agosto 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.igespar.pt/pt/account/novadirecao-geralopatrimoniocultural/>>.

<sup>30</sup> Decreto-Lei nº 115/2012, artigo 2º. [Em linha]. – [Consult. 15 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://dre.pt/pdf1sdip/2012/05/10200/0277202777.pdf>>.

<sup>31</sup> Sobre DGEMN. [Em linha]. Lisboa: SLP, 2001-2006 – [Consult. 24 Abril. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/Default.aspx](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx)>.

<sup>32</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>33</sup> ELC – UE Cultura 2000 - *Paisagem Cultural Europeia. A nossa herança comum*, Universidade de Bergen, Noruega.

<sup>34</sup> In BANDARIN, Francesco, article of the *Journal “Journal of Landscape Architecture – Cultural Landscapes”*, Brijender S. Dua, India, [S./vol.], nº 28 (2010), p.76.

<sup>35</sup> COSTA, Cláudia - *Paisagens Culturais: Memória de uma identidade colectiva para o futuro. Caso Estudo: Deserto Carmelita do Bussaco*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagista, apresentada ao Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, s. m. 2011, p. 35.



vezes fundamentado em bases contraditórias. Para muitos autores, a paisagem cultural é-o pela presença humana constante, e não apenas por marcas que lá foram deixadas. A paisagem, mutável, está em constante transformação, sendo o carácter cultural que a define, também ele constante. Todas as paisagens permitem a qualificação do património e a representação da herança de uma população ou cultura, podendo esta ideologia despoletar o primeiro passo para a necessidade de preservação. No entanto, esta questão contraditória leva-nos a questionar-nos então sobre qual o valor de uma paisagem, e qual o carácter cultural e patrimonial que uma paisagem deve possuir, e que promova a sua preservação. Outra questão prender-se-á também com um novo termo, já que uma paisagem, em essência, e como passível de transformação como nos indica o seu próprio carácter, depois de tocada, deixa de possuir o mesmo carácter identitário e torna-se uma *nova* paisagem, existindo pois o risco de se poder condicionar a sua tendência evolutiva normal, e fazendo aqui questionar, também, o seu grau de protecção: “(...) *it is an argument for some cognizance among landscape managers of how identities, many of which are historically rooted, are actually inscribed in landscapes, even in ones that seem very mundane; (...) some, but not all, buildings become heritage places; and some, but not all, songs carry whispers of identity and cultural meaning; and some, but not all, objects portray a powerful message of cultural belonging*”<sup>36</sup>.

### **1.3.1A Convenção para a protecção do Património Mundial, Cultural e Natural e as Orientações para a Aplicação da Convenção – A UNESCO e a Lista do Património Mundial**

A Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural, adoptada a 16 de Novembro de 1972, permite e é uma das ferramentas para uma correcta interpretação do conceito de *património*, definindo-o respectivamente nos artigos 1 e 2, como natural e cultural, promovendo simultaneamente, nos artigos 4 a 6, orientações para a sua preservação, referenciando a importância do bem patrimonial e a sua função comunitária<sup>37</sup>, fomentando a sua partilha, manutenção e passagem a escala global, por entre as várias comunidades e gerações<sup>38</sup>: “*All nations possess the right to use and benefit from World Heritage (...) but cannot destroy that heritage because it is a legacy whose transmission to future generations must not be compromised under any circumstances*”<sup>39</sup>. Apesar de não o definir, os artigos 1; 2; 11.2 e 12 constatarem e reconhecem o valor universal dos bens patrimoniais. Enquanto que esta Convenção refere orientações para a protecção de monumentos e propriedade de *valor universal*, as Recomendações para

---

<sup>36</sup> O’KEEFE, Tadhg - *Heritage, memory and the politics of identity – New perspectives on the cultural landscape*. 1ªed. School of Environmental Sciences, University of Ulster – UK, Ashgate Publishing Limited and Company, 2007, ISBN: 978-0-7546-4008-0, [S./vol.], p.05. In COSTA, Cláudia - *Paisagens Culturais: Memória de uma identidade colectiva para o futuro. Caso Estudo: Deserto Carmelita do Bussaco*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagista, apresentada ao Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, s. m. 2011, p. 14.

<sup>37</sup> CALADO, Ana Sara - *Paisagens Culturais: Análise Comparativa entre o modelo de gestão Europeu e Norte-Americano* – Relatório de Trabalho de Fim de Curso da Licenciatura em Arquitectura Paisagista, apresentado à Universidade do Algarve – Faculdade de Engenharia de Recursos Naturais, Faro, s. m., 2006, p. 19.

<sup>38</sup> *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*, [Em linha].[Consult. 03 Maio. 2012]. Disponível na WWW:<URL: <http://whc.unesco.org/en/convention/>>.

<sup>39</sup> VON DROSTE – “The World Heritage strategy – future directions”. Parks Vol. 7, No. 2, June 1997:14. In GALLAND, Pierre, ANDRIAN, Giorgio, et al. - *Preserve World Heritage*. Kerstin Manz and Mechtild Rössler, Germany, 2008, p.19.

a Protecção do Património Cultural e Natural, visam a protecção de património natural e cultural de particular valor devendo, por isso, os dois documentos ser analisados em simultâneo pelo seu carácter complementar, apesar de este último ser muitas vezes esquecido.

Em 1992, a figura de Paisagem Cultural passa a ser também reconhecida como património enquanto enquadrada nas políticas e categorias da UNESCO, passando a definir-se como “*obras conjugadas do homem e da natureza*”, reconhecendo-lhe o seu valor universal, tal como aparece referenciado no artigo 1º da Convenção do Património Mundial, vindo-se a tornar, assim, no primeiro instrumento legal internacional, que reconhece e protege as paisagens culturais: “*They (Cultural Landscapes) are illustrative of the evolution of human society and settlement over time, under the influence of the physical constraints and/or opportunities presented by their natural environment and of successive social, economic and cultural forces, both external and internal*”<sup>40</sup>. A Paisagem Cultural passa, assim, a ser designada como local de significância cultural<sup>41</sup>, e como um território que, através da acção humana, tenha sofrido as transformações que lhe conferem o seu carácter identitário, e cujo carácter cultural se pode rever nas suas variadas componentes, como fazendo parte de um todo harmonioso, e não apenas um local de recepção para estruturas de valor histórico. Este aspecto virá a demonstrar-se por isso como fundamental na protecção de paisagem, já que a sua figura, para além de reconhecida, passa a possuir também orientações a nível internacional, para a sua protecção e conservação. Em seguimento deste alargamento e modificação das políticas da UNESCO, são também apresentadas, na revisão de Outubro de 1992 da Convenção (World Heritage Convention), em La Petite, França, três categorias de paisagem e que se encontram especificadas seguidamente:

<b>Clearly defined landscapes</b>	Paisagem claramente definida - paisagens intencionalmente criadas pelo homem, como é o caso de jardins ou parques, motivadas por razões de ordem estética, e que integram obras de várias tipologias, geralmente associadas a construções ou conjuntos religiosos.	
<b>Organically evolved landscapes</b>	Paisagem essencialmente evolutiva - Resultam de uma necessidade gerida por motivos religiosos, administrativos e/ ou socioeconómicos, e que atingiram a sua forma actual por associação e em resposta ao seu ambiente natural, reflectindo este processo evolutivo quer na forma, quer na composição da paisagem.	<b>Relict/fossil landscape</b> , paisagem relíquia ou fósil. Refere-se a uma paisagem cujo processo evolutivo foi, a dado momento do passado, ou ao longo de um período, brutalmente ou temporariamente interrompido.
		<b>Continuous landscape</b> , paisagem viva. Refere-se a paisagens cujo processo evolutivo é contínuo, e que mantêm, ainda, um papel social activo e associado aos modos tradicionais, continuando a apresentar provas da sua evolução ao longo do tempo.
<b>Associative cultural landscapes</b>	Paisagem cultural associativa - paisagens que reflectem uma forte interacção entre a componente natural e a presença de um modelo religioso, artístico ou cultural cuja acção é significativa e onde as reminiscências materiais podem estar presentes ou ausentes, predominando, nelas, uma interacção entre a religião e a natureza.	

**Quadro 1:** Categorias de paisagem apresentadas na Convenção do Património Mundial. Adaptado do exposto em *Plano Verde do Concelho de Sintra*, 2ª Fase, Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista “Prof. Caldeira Cabral”. Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2008., p. 74.

<sup>40</sup> Comissão Nacional da UNESCO – Comissão Nacional da UNESCO em Portugal [Em linha]. Lisboa: SLP, 2001 – [Consult. 15 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://unesco.pt>>.

<sup>41</sup> COSTA, Cláudia - *Paisagens Culturais: Memória de uma identidade colectiva para o futuro. Caso Estudo: Deserto Carmelita do Bussaco*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagista, apresentada ao Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, s. m., 2011, p. 36.

A Lista de Património Mundial da UNESCO surge como a criação de um meio efectivo capaz de orientações e recomendações, fomentar e contribuir para a preservação e manutenção dos bens patrimoniais. Em particular, no caso das paisagens culturais, proteger estes sistemas vivos e preservar os métodos culturais tradicionais e as marcas de quem contribuiu para a sua transformação. Até hoje, foram inscritas na Lista do Património Mundial da UNESCO, na categoria de *Paisagem Cultural*, 86 propriedades, incluindo cinco unidades transfronteiriças<sup>42</sup>. O reconhecimento do valor e consequente inscrição na Lista de Património Mundial de uma Paisagem Cultural, será feito através da correspondência a pelo menos um dos dez critérios apontados pelo organismo, ao bem candidato, bem esse que deverá ser proposto pelo país onde se encontra, servindo a UNESCO como organismo capaz de lhe reconhecer o seu valor universal<sup>43</sup>. A inscrição, em si, é o reconhecimento internacional do valor e carácter patrimonial da paisagem em questão, reconhecendo aquele território como uma região geocultural bem definida e a sua representatividade enquanto elemento primordial da acção humana e dos elementos culturais representativos daquela região<sup>44</sup>, permitindo fomentar o turismo cultural e promovendo a sua projecção e o conhecimento da sua história e componentes, algo bastante benéfico e que funciona como um impulso à sua manutenção e preservação. Para além desse facto, uma paisagem classificada, mesmo entendido ou não o seu valor universal por parte do país onde se regista, passará a ter monitorização contínua sob pena de ser excluída da lista<sup>45</sup>, incentivando, assim, a sua conservação e manutenção. A implementação e vigilância destes critérios, assim como o acompanhamento da evolução do próprio conceito de Património Mundial, estarão a cargo do Comité do Património Mundial, tal como é indicado nos termos da Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural<sup>46</sup>. Para além da UNESCO, o World Heritage Center usufrui de apoio e aconselhamento de três órgãos consultivos<sup>47</sup>: ICOMOS; IUCN (The World Conservation Union<sup>48</sup>); e o ICCROM (International Council for the Conservation and Restoration of Monuments<sup>49</sup>).

#### 1.4. A gestão das Paisagens Culturais na Europa

Para além de uma grande diversidade de paisagens classificadas pela UNESCO, o território europeu é caracterizado por amplas paisagens agrícolas, como paisagens de pastoreio, práticas tradicionais agrícolas e vinha; vindo a criar a diversidade de habitats hoje conhecida e numa relação estabelecida

---

<sup>42</sup> UNESCO. *Cultural Landscapes*. [Em linha]. [Consult. 15 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://whc.unesco.org/en/culturallandscape/>>.

<sup>43</sup> Comissão Nacional da UNESCO – Comissão Nacional da UNESCO em Portugal [Em linha]. Lisboa: SLP, 2001 – [Consult. 15 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://unesco.pt>>.

<sup>44</sup> Extract of Annex 3 of the Operational Guidelines. In GALLAND, Pierre, ANDRIAN, Giorgio, et al. - *Preserve World Heritage*. Kerstin Manz and Mechthild Rössler, Germany, 2008, p. 28.

<sup>45</sup> COSTA, Cláudia - *Paisagens Culturais: Memória de uma identidade colectiva para o futuro. Caso Estudo: Deserto Carmelita do Bussaco*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagista, apresentada ao Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, s. m., 2011, p. 37.

<sup>46</sup> *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*, [Em linha]. [Consult. 03 Maio. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://whc.unesco.org/en/convention/>>.

<sup>47</sup> UNESCO – *World Heritage Resource Manual - Managing Natural World Heritage*, UNESCO Heritage, Centre, Paris, 2012, p. 14.

<sup>48</sup> IUCN. [Em linha]. [Consult. 03 Maio 2012]. Disponível na: WWW <<http://iucn.org>>.

<sup>49</sup> ICCROM. [Em linha]. [Consult. 03 Maio 2012]. Disponível na: WWW <<http://www.iccrom.org/>>.

desde cedo com o homem que se veio a tornar, assim, no factor de estabilização do meio em constante mutabilidade<sup>50</sup>.

As Paisagens Culturais classificadas pela UNESCO na Europa têm no entanto uma distribuição algo irregular, projectando um cenário de pouca homogeneidade que pode ser explicado primeiramente pelo entendimento existente sobre o conceito de *paisagem cultural*, assim como a prioridade que é conferida aos sítios de carácter cultural, e ainda pela falta de instrumentos legais em grande parte dos países europeus que garantam a obrigatoriedade de conservação e a protecção destas áreas, levando muitas vezes a políticas de acção de não tão clara coordenação, sem que estejam presentes e aferidos os reais objectivos e resultados que se podem esperar de acordo com as diferentes designações<sup>51</sup>. Em território Europeu, a problemática na gestão da paisagem começa a sentir-se de maneira mais notória aquando do apogeu do desenvolvimento económico e tecnológico, a partir de meados do século XX, com a ideia subjacente de uma natureza como algo capaz de ser dominado, e não como o elemento primordial do desenvolvimento e da relação humana, e que vem a marcar o início de uma série de políticas de gestão e planeamento de território menos coesas, que em muito influenciaram negativamente a paisagem enquanto sistema fundamental, gerando problemáticas como a perda de diversidade de espécies e habitats, a poluição ou deterioração do ambiente, assentes, sobretudo, numa demarcada alienação da natureza<sup>52</sup>, e resultando num cada vez mais acentuado desequilíbrio do uso da terra, e consequentemente na erosão e degradação das paisagens culturais tradicionais<sup>53</sup>.

Actualmente na Europa, e muito nomeadamente dentro da União Europeia, destaca-se no entanto, a existência de uma rica fonte de informação, por entre cartas e convenções (duas delas referidas anteriormente: Convenção Europeia da Paisagem e Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural da UNESCO), que visam o delinear de orientações para a preservação e valorização do património histórico e cultural, e onde as paisagens culturais, fruto de anos de interacção humana com o meio, se enquadram. Para além das já enunciadas, destacam-se ainda<sup>54</sup>:

- Convenção Cultural Europeia (Conselho da Europa)
- Recomendação sobre a Salvaguarda da Beleza e do Carácter das Paisagens e dos Sítios (UNESCO)
- Carta de Veneza sobre a Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios (ICOMOS)
- Carta Internacional sobre o Turismo Cultural (ICOMOS)

---

<sup>50</sup> ELC – UE Cultura 2000, *Paisagem Cultural Europeia. A nossa herança comum*, Universidade de Bergen, Noruega.

<sup>51</sup> GALLAND, Pierre, ANDRIAN, Giorgio, et al. - *Preserve World Heritage*. Kerstin Manz and Mechtild Rössler, Germany, 2008, p. 36.

<sup>52</sup> ELC – UE Cultura 2000, *Paisagem Cultural Europeia. A nossa herança comum*, Universidade de Bergen, Noruega.

<sup>53</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>54</sup> Ver Quadro Anexo 13.

- Carta de Cracóvia, Princípios para a Conservação e Restauro do Património Construído(ICOMOS)<sup>55</sup>

Dos diplomas e convenções mencionados, a Convenção Europeia da Paisagem, as cartas do ICOMOS e da UNESCO, são as recomendações que a maioria dos países Europeus aceita e adopta<sup>56</sup>. No entanto, apesar de uma rica base textual e de convenções orientadoras para esta matéria, as paisagens culturais europeias apresentam alguns problemas de gestão, tal como especificado abaixo:

Principais problemas	Consequências		Possível resolução
Inexistência e não reconhecimento do termo de Paisagem Cultural na legislação de muitos países	Alienação do valor da paisagem e da necessidade de conservação e protecção; Inexistência de normas de aplicação equivalentes ou até métodos de acção comuns entre os vários países europeus ou de qualquer tipo de políticas cooperativas entre si.		Criação de normas de aplicação comuns, que ao mesmo tempo contribuam para uma cooperação activa e para a obtenção de objectivos comuns.
Grande variedade de políticas governamentais - heterogeneidade de regulamentos e predispostos legais			
Grave falta de comunicação e interacção entre os vários países europeus			
Baixa interacção e contribuição nas políticas de ordenamento do território por parte das populações	Baixos índices participativos; Alienação do valor da paisagem e do seu próprio carácter identitário.		Acções de divulgação e promoção junto das comunidades locais e população turística.
Fraca relação entre a participação das populações com a preservação dos bens e da sua identidade			
Interesse e especulação económica	Grandes pressões sobre antigas paisagens culturais; Abandono; Substituição de técnicas tradicionais por técnicas modernas de maior rendimento económico.	Ameaça das qualidades intrínsecas da paisagem.	Promoção de acções de desenvolvimento económico aliado à sustentabilidade e preservação da paisagem.
Alienação do valor patrimonial dos ideais de desenvolvimento			

**Quadro 2:** Problemas na gestão das Paisagens Culturais europeias. Adaptado do exposto em: CALADO, Ana Sara - *Paisagens Culturais: Análise Comparativa entre o modelo de gestão Europeu e Norte-Americano* – Relatório de Trabalho de Fim de Curso da Licenciatura em Arquitectura Paisagista, apresentado à Universidade do Algarve – Faculdade de Engenharia de Recursos Naturais, Faro, s. m., 2006, p. 19.

A existência dos organismos, diplomas e convenções listados acima, permitem-nos concluir no entanto que, na Europa, a Paisagem Cultural é uma figura cujo valor universal é reconhecido. No entanto, e como já foi referido, estes elementos apenas dão recomendações e orientações para a salvaguarda do património sendo que, por isso, apesar de convenções como a Convenção do Património Mundial estarem consagradas em direito internacional, estas tornam-se tão limitadas quanto a sua aplicação, já que, em caso de incumprimento, não se verifica qualquer tipo de penalização (para além da possível desclassificação de um bem da *Lista* que será uma maior perda internacional do que nacional). A existência de inúmeras denominações, algumas com mais peso que outras, pode também gerar conflitos,

<sup>55</sup> CALADO, Ana Sara - *Paisagens Culturais: Análise Comparativa entre o modelo de gestão Europeu e Norte-Americano* – Relatório de Trabalho de Fim de Curso da Licenciatura em Arquitectura Paisagista, apresentado à Universidade do Algarve – Faculdade de Engenharia de Recursos Naturais, Faro, s. m., 2006, p. 33.

<sup>56</sup> *Idem, Ibidem.*

muito nomeadamente entre convenções da ONU e determinadas directivas europeias, podendo um Estado, somente em caso de incumprimento desta última, ser de facto penalizado. Estas directivas *convivem* a nível legal em cada Estado, fomentando e impondo a obrigatoriedade na preservação de determinados elementos e áreas. Como tal, seria benéfico que convenções como a Convenção do Património Mundial, e as directivas europeias fossem integradas em estratégias que visassem a protecção das áreas.

Como modelo de gestão *geral* para as paisagens culturais europeias, que visa exactamente a minoração de algumas das problemáticas enunciadas, muito nomeadamente a falta de coordenação legislativa e de actuação entre os vários países europeus, assim como a correcta integração dos predispostos e recomendações existentes, enuncia-se o projecto *European Pathways to the Cultural Landscape* (EPCL)<sup>57</sup>, um projecto de desenvolvimento de três anos que abrange dez países e cujo objectivo é a promoção de estudos que visem resultados de aplicação comuns para a manutenção da diversidade e da unidade das diferentes áreas, embora os métodos utilizados possam surgir de grande variabilidade, através da integração dos princípios constantes na Convenção Europeia da Paisagem, contribuindo ainda para a demarcação da importância da paisagem e a fomentação do respeito por estas áreas, memória da nossa entidade colectiva.<sup>58</sup> A nível da União Europeia existem ainda, de maior importância em termos de designações, as convenções e directivas seguidamente enunciadas<sup>59</sup>:

- Convenção de Ramsar sobre Zonas Húmidas de Importância Internacional
- Man and Biosphere (Programa da UNESCO)
- Conselho da Europa
- Directiva Europeia Natura 2000<sup>60</sup>

## 1.5 Paisagens Culturais em Portugal

### 1.5.1 Protecção legal das Paisagens Culturais em Portugal

Apesar da existência de instrumentos nacionais e internacionais que visam a salvaguarda, protecção e conservação das Paisagens Culturais para a sua perpetuidade e projecção no futuro, cabe ao Estado organizar a sua legislação no sentido de configurar meios para a projecção de acções no território por parte dos órgãos destacados para tal. As primeiras leis nacionais com vista à protecção do património cultural nacional surgem em 1901, antes mesmo da implementação da República, com contemplação no Decreto de 30 de Dezembro, e que consistia na aprovação das bases para a classificação dos

---

<sup>57</sup> European Pathways to the Cultural Landscape. [Em linha]. [Consult. 03 Maio 2012]. Disponível na: WWW <URL: <http://www.pcl-eu.de/>>.

<sup>58</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>59</sup> Ver Quadro Anexo 14.

<sup>60</sup> FALZON, Charlie - Managing Natural Values in Cultural Landscapes, International Centre for Protected Landscapes. In UNESCO, Preserve World Heritage. Kerstin Manz and Mechtild Rössler, 2008, p.17.

monumentos nacionais e bens imobiliários. Em 1910, surge também uma série de diplomas que começam a fundamentar uma política cada vez mais vinculada de protecção do património cultural, e de onde se destacam o Decreto de 22 de Novembro de 1910 e o Decreto de 26 de Maio de 1911, dentro do mesmo período em que, em continuidade, se desenvolvem os primeiros inventários e se concretizam “as acções que estiveram na origem da formação de boa parte dos museus do Estado”<sup>61</sup>. As primeiras preocupações que surgem com o intuito de preservação das paisagens nacionais surgem algumas décadas depois, em 1976, ano em que na Constituição Portuguesa são dadas já indicações quanto à obrigatoriedade de “Ordenar e promover o ordenamento do território, tendo em vista uma correcta localização das actividades, um equilibrado desenvolvimento sócio-económico e a valorização da paisagem”<sup>62</sup>, ao que se lhe seguiu, em 1993, publicado no Decreto-Lei nº 19/93, uma ideia já próxima da definição de uma Paisagem Cultural, lendo-se que “uma paisagem protegida é uma área com paisagens naturais, seminaturais e humanizadas, de interesse regional ou local, resultantes da interacção harmoniosa do Homem e da Natureza que evidencia grande valor estético ou natural”<sup>63</sup>. Este último diploma, já revogado, abre assim lugar à actual definição de Paisagem Protegida, consagrada no Decreto-Lei n.º 142/2008 de 24 de Julho, e onde se pode ler no seu Artigo 19.º: “Entende -se por «paisagem protegida» uma área que contenha paisagens resultantes da interacção harmoniosa do ser humano e da natureza, e que evidenciem grande valor estético, ecológico ou cultural”<sup>64</sup>.

#### 1.5.1.1 A Lei de Bases do Património Cultural

Actualmente, a Lei de Bases para o Património em Portugal (lei nº 107/01 de 8 de Setembro, e cujo artigo 114º veio a revogar a lei nº 13/85) estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural, que se define como todo o património com “*interesse cultural relevante, histórico, paleontológico, arqueológico, arquitectónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, que reflecta valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade*”. Para além desta definição consta ainda que, destacando-se particular importância do descrito, se constituem património cultural “*quaisquer outros bens que como tal sejam considerados por força de convenções internacionais que vinculem o Estado Português, pelo menos para os efeitos nela previstos*”.<sup>65</sup> Para além desta definição que introduz o propósito de aplicação da presente lei, esta aponta, na sua génese, três categorias - *monumentos, conjuntos e sítios*<sup>66</sup> – que, em definição, possuem o mesmo disposto que o definido pela UNESCO para as categorias equivalentes –

<sup>61</sup> Decreto-Lei nº 19/2006 de 18 de Julho. [Em linha]. [Consult. 13 Jun. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.minicultura.gov.pt/ministeriocultura/Pages/legislacao\\_cultural.aspx](http://www.minicultura.gov.pt/ministeriocultura/Pages/legislacao_cultural.aspx)>.

<sup>62</sup> Assembleia da República - Constituição da República Portuguesa, VII Revisão Constitucional. [Em linha], [Consult. 25 Agosto 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>>.

<sup>63</sup> Decreto-Lei nº 19/93 de 23 de Janeiro, artigo 9º, alínea 1. [Em linha]. [Consult. 13 Jun. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.dre.pt/pdf1sdip/1993/01/019a00/02710277.PDF>>.

<sup>64</sup> Decreto-Lei n.º 142/2008 de 24 de Julho - Regime jurídico da Conservação da Natureza e Biodiversidade, artigo 19.º. [Em linha]. [Consult. 25 Abril 2013]. Disponível na WWW: <URL: <http://dre.pt/pdf1s/2008/07/14200/0459604611.pdf>>.

<sup>65</sup> Lei nº 107/01 de 8 de Setembro, artigos 1º e 2º. [Em linha]. [Consult. 13 Jun. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://dre.pt/pdf1s/2001/09/209A00/58085829.pdf>>.

<sup>66</sup> *Idem*, artigo 15º, alínea 3.

*monumentos, conjuntos e locais de interesse*<sup>67</sup> (categoria última equivalente à categoria de *sítio* na legislação portuguesa). É de facto de relevante importância que as políticas tomadas por cada país vão de encontro e tenham como orientação as linhas internacionais (até porque, e particularmente no caso das paisagens culturais, estas estão sujeitas a constante monitorização e revisão externa<sup>68</sup>), no entanto, face ao disposto, enquanto a UNESCO descreve e define sub-categorias para um melhor entendimento e actuação sobre a grande complexidade e diversidade de bens patrimoniais, a legislação portuguesa não o faz nem refere. Assim, enquanto a UNESCO define, para *locais de interesse*, quatro sub-categorias, a exemplo e de particular importância para o presente trabalho de investigação, e que se traduzem como<sup>69</sup>:

- |                                  |                          |
|----------------------------------|--------------------------|
| a) Paisagens Culturais;          | c) Canais do Património; |
| b) Cidades e Centros Históricos; | d) Rotas do Património;  |

que, pela sub-categorização, permitem e fomentam a existência de definições e orientações específicas, e de uma variedade suficientemente representativa que justifique a noção e integração destes conceitos específicos na legislação portuguesa, a lei nacional, pela falta de uma maior especificidade e sensibilidade face ao disposto pela UNESCO, será na categoria geral de *sítios* que encontrará maior expressão e representatividade para o conceito de *Paisagem Cultural*<sup>70</sup>, estando aqui inserido, por isso, o *Sítio Sintra-Cascais*<sup>71</sup> representativo do caso de estudo. São, assim, considerados e regulamentados todos os *sítios* sob a mesma definição e propósito sem qualquer outro tipo de especificidade ou critério de distinção que corresponda à sua génese e complexidade. Esta categoria torna-se, por isso, demasiado generalista para aplicação sem a existência de qualquer outro tipo de especificidade, pois apesar da transcrição de modo a conseguir uma maior aproximação ao predisposto pela UNESCO, a lei portuguesa não refere, especifica, ou caracteriza qualquer uma das sub-categorias que compõem a primeira, e muito nomeadamente a de *paisagem cultural*, e que seriam fundamentais para uma melhor gestão e diferenciação dos bens patrimoniais.

Segundo o estipulado pela presente lei, *património cultural* acaba, assim, regulamentado sem o devido entendimento das suas diferentes categorias, componentes e complexidade, de maneira talvez demasiadamente generalizada e por isso com pouca precisão de aplicação. O conceito de *Paisagem Cultural* é ainda inexistente como categoria específica, não existindo qualquer definição para este termo que carece ainda de tradução directa e de inclusão no quadro jurídico nacional, apesar de se admitir a existência do conceito e de este ser utilizado e enunciado em diplomas legais portugueses (e através,

---

<sup>67</sup> UNESCO, Comité intergovernamental para a protecção do património mundial. *Orientações para a Aplicação da Convenção do Património Mundial, A Lista do Património Mundial*, artigo 1º. [Em linha]. [Consult. 20 Jun. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://whc.unesco.org/en/guidelines>>.

<sup>68</sup> *Idem*, alínea 160.

<sup>69</sup> *Convenção do Património Mundial, Paisagens Culturais, Cidades, Canais e Rotas*, alínea 5. [Em linha]. [Consult. 20 Jun. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://whc.unesco.org/en/guidelines>>.

<sup>70</sup> Tal como especificado na Lei nº 13/85, artigo 8º (Revogada pela actual Lei de Bases do Património).

<sup>71</sup> *Plano Verde do Concelho de Sintra*, 2ª Fase, Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista “Prof. Caldeira Cabral”. Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2008, p.74.



inclusivamente, de candidaturas à UNESCO apresentadas pelo Estado<sup>72</sup>, provando a noção que existe do conceito e da sua aplicação), articulando-se por isso forçosamente numa lei generalista. De particular interesse para o estudo de caso, o conceito *paisagem* surge, sim, nesta lei, mas apenas no artigo 44º, no que se refere a *qualidade ambiental e paisagística*<sup>73</sup>, não com o intuito de conservação e gestão directas, mas sim associadas à preservação dos imóveis, não existindo quaisquer orientações sobre a gestão e regulamentação para áreas cujo património arquitectónico se harmonize com a paisagem. Seria benéfica a existência de uma definição específica que se deveria tomar, primeiramente para o seu total entendimento, e posteriormente para a sua correcta gestão, planeamento e salvaguarda, conseguindo corresponder à sua génese complexa e de grande sensibilidade, de uma figura de território composta por património natural e arquitectónico numa harmonia e combinação únicas, e não por património imóvel ou património natural distintamente, tal como a presente lei parece regulamentar.

### 1.5.1.2 Diplomas de desenvolvimento da Lei de Bases do Património Cultural

Mesmo que na presente lei se revejam boas práticas e orientações para a gestão e salvaguarda das paisagens culturais, será de salientar que as suas disposições só passarão à prática depois da sua publicação na forma de diplomas legais, em Diário da República, que permitam operar as orientações estabelecidas. A Lei de Bases do Património Cultural, correctamente, possui três diplomas de desenvolvimento, aprovados em Conselho de Ministros a 19 de Março de 2009<sup>74</sup>, e que se apresentam no seguinte quadro:

Diplomas legais	Afectação legal	Propósito legal
<b>Fundo de Salvaguarda do Património Cultural</b>	Criado pelo Decreto-Lei nº 138/2009 de 15 de Junho.	Financiamento das medidas de protecção e valorização de bens culturais classificados ou em vias de classificação, assim como operações de reabilitação, conservação e restauro; Financiar a aquisição de bens culturais classificados, ou em vias de classificação, designadamente, através do exercício do direito de preferência pelo Estado ou de expropriação; Prestar apoio financeiro a obras ou intervenções ordenadas pela Administração Pública em relação a bens culturais classificados, ou em vias de classificação, como de interesse nacional ou de interesse público”
<b>Regime jurídico de salvaguarda do Património Cultural Imaterial</b>	Decreto-Lei nº 139/2009 de 15 de Junho.	Proceder à harmonização do direito nacional com as imposições decorrentes da ratificação da Convenção da UNESCO de 2003 para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, que pretendia a promoção da população de um modo activo em acções decorrentes na salvaguarda de tradições e costumes .

Continuação na página seguinte.

<sup>72</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>73</sup> Lei nº 107/2001 de 08 de Setembro, artigo 44º, alínea 2. [Em linha]. [Consult. 13 Jun. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://dre.pt/pdf1s/2001/09/209A00/58085829.pdf>>. Ver Anexo 1.

<sup>74</sup> Ministério da Cultura – Portal da Cultura, Diplomas de Desenvolvimento da Lei de Bases do Património Cultural [Em linha], [Consult. 23 Jun. 2012]. Disponível na WWW : <URL : [http://www.mincultura.gov.pt/imprensa/arquivo/Pages/20090314\\_Fundo\\_Salvaguarda.aspx](http://www.mincultura.gov.pt/imprensa/arquivo/Pages/20090314_Fundo_Salvaguarda.aspx)>.

<b>Regime jurídico dos estudos, projectos, relatórios, obras ou intervenções sobre bens culturais classificados ou em vias de classificação</b>	Decreto-Lei nº 140/2009 de 15 de Junho.	Regular o procedimento de autorização e acompanhamento de obras e intervenções em bens culturais, criando um procedimento de autorização em relação aos bens imóveis e estabelecendo-se o conteúdo dos relatórios obrigatórios dessas obras .
---	---	---

**Quadro 3:** Diplomas de desenvolvimento da Lei de Bases do Património Cultural. Adaptado do disposto em Ministério da Cultura – Portal da Cultura, Diplomas de Desenvolvimento da Lei de Bases do Património Cultural [Em linha], [Consult. 23 Jun. 2012]. Disponível na WWW : <URL : [http://www.mincultura.gov.pt/impressa/arquivo/Paques/20090314\\_Fundo\\_Salvaguarda.aspx](http://www.mincultura.gov.pt/impressa/arquivo/Paques/20090314_Fundo_Salvaguarda.aspx)>.

Face ao disposto, poder-se-á então concluir que, dada a falta de sensibilidade e excessiva generalidade na formalização da Lei de Bases do Património Cultural – apesar da lei em si parecer transmitir orientações regulamentares válidas onde determinadas figuras se *subentendem* – consequentemente nenhum dos diplomas demonstra (nem refere sequer) qualquer aplicabilidade específica a paisagens culturais, não se observando por isso na prática qualquer disposição regulamentar para um território de tal complexidade, mencionando-se somente a existência da figura de “Paisagem Protegida” no Regime Jurídico da Conservação da Natureza e da Biodiversidade, e cuja definição foi já mencionada. Este facto poderá levar, inadvertidamente, à aplicação de uma política de gestão pouco precisa e específica, e que contribuirá para a problemática actual da gestão das paisagens em Portugal.

## 1.6 A problemática na gestão e planeamento em Paisagens Culturais em Portugal

De facto, a inexistência da figura específica de Paisagem Cultural no quadro jurídico nacional, é uma das maiores problemáticas das paisagens portuguesas, regulamentadas por uma lei pouco sensível à sua complexidade e susceptibilidade. Apesar das três classificações na Lista de Património Mundial da UNESCO na categoria de Paisagem Cultural (Paisagem Cultural de Sintra, Alto Douro Vinhateiro e Paisagem da Cultura da Vinha dos Açores)<sup>75</sup>, a legislação nacional continua a permitir a ocorrência de muitos dos problemas actuais comuns entre as paisagens classificadas em Portugal, verificando-se inclusivamente estratégias claramente distintas para a gestão de cada paisagem, já que não existe nenhumadisposição regulamentar eficaz que permita a tomada de decisões comuns. De entre as problemáticas comuns a estas paisagens, destaca-se o abandono, ou a deterioração do valor identitário de uma paisagem em prol de uma vivência quase exclusivamente turística e/ ou aliada a um conceito de desenvolvimento económico alienado do conceito de preservação. A variável *imaterial* das paisagens, que o são pelas comunidades, parece também aparentemente esquecida, somando-se às questões que surgem em consequência da falta de planos de gestão específicos, adequados, coerentes e sensíveis à figura de Paisagem Cultural, que legalmente não existe. *Paisagem natural* para o Ministério do Ambiente; *paisagem rural* para o Ministério da Agricultura; *paisagem urbana* para o Ministério do Planeamento ou Ordenamento; e ainda *paisagem cultural* para o Ministério da Cultura - A legislação nacional revela-se

<sup>75</sup> Comissão Nacional da UNESCO – Comissão Nacional da UNESCO em Portugal [Em linha]. Lisboa: SLP, 2001 – [Consult. 15 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://unesco.pt>>.

pois como pouco clara e objectiva, utilizando-se a terminologia de *paisagem* mais conveniente a cada ministério ou administração<sup>76</sup>. A inserção do termo de *Paisagem Cultural* especificamente na lei portuguesa, traria benefícios à sua gestão, já que este seria um factor regulamentado, podendo, de acordo com a lei, destacar-se um único órgão gestor, capaz de fazer face à grande complexidade desta figura, e que actualmente não acontece, sendo a gestão actual muitas vezes partilhada, de modo sectorial, frequentemente por mais que um órgão gestor, ou pelos ministérios. Modos de gestão que muitas vezes não são capazes de, em pleno, desenvolver uma gestão específica e adequada a cada paisagem, fundamentais para a sua perpetuidade, manutenção e conservação.

### **1.7 Paisagens Culturais: gestão eficiente e a sua projecção no futuro – linhas orientadoras para o planeamento**

Pela grande variedade de Paisagens Culturais e, conseqüentemente, pela grande variedade de componentes promotores da sua complexidade, ao que se lhes associa a generalidade e heterogeneidade das políticas de gestão actuais, nem sempre a designação ou limites destas paisagens são idênticos. Cada paisagem apresenta os seus desafios, consoante o modelo de gestão em cumprimento, o estado de conservação, o tipo de uso<sup>77</sup>, etc. Uma das principais questões actuais, que se colocam aquando da gestão de património e de especial importância para o presente trabalho de investigação, prende-se com a eficiência e qualidade de metodologia a aplicar num possível plano de gestão para a valorização e salvaguarda de uma paisagem. Em seguimento deste ideal, a manutenção dos valores naturais de uma paisagem cultural vai muito mais além da preservação da biodiversidade ou do sentido carismático do acto em si, já que uma paisagem cultural pode suportar um vasto leque de valores, para lá dos valores naturais e patrimoniais. Torna-se por isso importante a determinação de objectivos e de estratégias para alcançá-los, estabelecendo prioridades, muitas vezes inexistentes em gestão e planeamento de território, e para o que é necessária capacidade: “*political support and funding, training, clear and enforceable regulation, human resources*”<sup>78</sup>.

#### **1.7.1 Uma metodologia**

Tendo em conta o disposto, enuncia-se seguidamente uma metodologia de aplicação que poderá ser tida em conta para a eficiente gestão e planeamento de uma paisagem cultural, baseada no predisposto das instruções do Comité do Património Mundial.

---

<sup>76</sup> COSTA, Cláudia - *Paisagens Culturais: Memória de uma identidade colectiva para o futuro. Caso Estudo: Deserto Carmelita do Bussaco*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagista, apresentada ao Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, s. m., 2011, pp. 39-40.

<sup>77</sup> GALLAND, Pierre, ANDRIAN, Giorgio, et al. - *Preserve World Heritage*. Kerstin Manz and Mechtild Rössler, Germany, 2008, p. 17.

<sup>78</sup> FALZON, Charlie – “Managing Natural Values in Cultural Landscapes” (extract 1), International Centre for Protected Landscapes. In GALLAND, Pierre, ANDRIAN, Giorgio, et al. - *Preserve World Heritage*. Kerstin Manz and Mechtild Rössler, Germany, 2008, p. 24.

<b>Identify and assess: Leitura e interpretação da paisagem</b>	<b>a1) Património natural:</b> clima, topografia, vegetação, etc., que permite o entendimento da morfologia do território, e ainda entender a disposição dos povos que lá se fixaram;	
	<b>a2) Património cultural:</b> os elementos culturais e a sua disposição no espaço, a marca humanizada daquela paisagem e o seu valor e relevância patrimonial;	
	<b>a3) Património imaterial:</b> marcas e tradições das populações - dialectos, gastronomia, música e outras marcas não materiais. Componente que deve ser prevista como de extrema importância de modo a que se preservem os costumes da sua extinção, património este que também se trata como cultural, e representa a cultura do local.	
<b>Evaluate: Pesquisa, documentação e registo.</b>	<b>b) Pesquisa, aferição, ir de encontro à história da paisagem:</b> recolha cuidada e selectiva de: documentação escrita, fotografias, gravuras, mapas, histórias locais, e outro tipo de informação textual ou cartográfica que permita a aferição do desenvolvimento, evolução e transformação daquela paisagem para um maior entendimento sobre a sua ocupação, em que períodos e durante quanto tempo terá aquela paisagem sido ocupada, e como é que isso contribuiu para a criação da sua identidade.	
<b>Set objectives, indicators and outcomes (to integrate &amp; balance values)</b>	<b>c) Análise da situação actual e vivencial daquela paisagem:</b> levantamento das mais-valias e problemáticas a nível de gestão, e o delineamento de objectivos e de estratégias para a colmatação das mesmas.	
<b>Select management options (to achieve objectives)</b>	<b>d) Conceitos de manutenção, preservação e recuperação:</b> e sua aplicação adequada às necessidades daquela paisagem;	
<b>Monitor (against agreed indicators)</b>	<b>e) Listagem das componentes da paisagem, a definição e projecção de zonas e/ ou planos de salvaguarda, e a recuperação de elementos e áreas de maior sensibilidade:</b> A acção deverá, ainda, passar pelo restauro, recuperação ou requalificação, a uma escala adequada, dos elementos em que tal se justifique, para que estes recuperem a sua funcionalidade, integridade, e retomem a sua génese de modo coeso.	
<b>Political support; Adequate funding; Regulatory and incentives framework; Institutional capacity; Training:</b>	<b>f) Desenvolvimento regional:</b> Conjunto de acções e estratégias para a boa condução político-económica e turística na paisagem, tornando as actividades que nela se desenrolam como sustentáveis e associadas simultaneamente em políticas de preservação.	<b>f1)</b> A associação de uma marca promotora da paisagem.
		<b>f2)</b> Planeamento e proposta de percursos culturais e outros elementos.
		<b>f3)</b> Existência de material interpretativo e de divulgação.
	<b>g) A manutenção e renovação da identidade</b>	<b>g1)</b> A preservação e projecção do património imaterial para a perpetuidade da identidade

**Quadro 4:** Metodologia de aplicação para a gestão de Paisagens Culturais. Adaptado do predisposto nas instruções do Comité do Património Mundial in FALZON, Charlie - *Managing Natural Values in Cultural Landscapes*, International Centre for Protected Landscapes in UNESCO, Preserve World Heritage. Kerstin Manz and Mechtild Rössler, 2008; no disposto em COSTA, Cláudia - *Paisagens Culturais: Memória de uma identidade colectiva para o futuro. Caso Estudo: Deserto Carmelita do Bussaco*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagista, apresentada ao Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, s. m., 2011, p. 36.

## **2. Sintra, Património Mundial – Análise e contextualização**

### **2.1 Análise biofísica e paisagística – o Património Natural sintrense**

#### **2.1.1 O microclima sintrense**

De situação geográfica privilegiada, a Serra de Sintra possui um microclima de características mediterrânicas e de influência atlântica, registando-se ao longo do ano amplitudes térmicas relativamente baixas (média de 19°C no mês mais quente e de 10/ 11° no mês mais frio) e um grau de humidade elevado (explicado pela posição geográfica, em relativa aproximação ao oceano, pelo relevo e altitude da serra, provocando uma maior variação na temperatura e registando-se um decréscimo de 0,6°C por cada 100m de altitude) e ainda pela vegetação densa e de grande porte, o que origina uma rápida condensação do ar marítimo, e promove a ocorrência de precipitação e dos nevoeiros, característicos que permitem alimentar o espírito bucólico que envolve a serra, sendo este microclima, específico, para além de único e característico desta região, ainda um dos catalisadores para o encanto e consequente atracção humana à serra.

#### **2.1.2 Geomorfologia**

##### **2.1.2.1 Relevo e Declives<sup>79</sup>**

A Serra de Sintra apresenta-se como o principal acidente geológico da região de Lisboa, atingindo uma altitude máxima próxima dos 300 metros, e encontrando-se a 528 metros do nível do mar. No vale do Ribeiro da Mula, apresenta-se uma descontinuidade que lhe confere a sua silhueta característica, e onde se podem observar alguns cumes como a Peninha (489m) e Picotos (475m), no sector ocidental, e ainda alguns picos ou penhas, no sector oriental, correspondente a áreas com maior presença de blocos de granito (Cruz Alta, 528m; Pena, 527m)<sup>80</sup>. Esta paisagem é marcada, em conformidade, por uma grande área de declives acentuados (superior a 15° em 58% de área de serra), em que cerca de 40% das vertentes apresentam um declive de 15° a 25°; em áreas como o Castelo dos Mouros, Palácio da Pena, vértice geodésico da Cruz Alta, Ribeira da Mata, Miradouro da Urça, e na Tapada do Saldanha, cerca de 3% da área da serra, os declives ascendem os 40°; existindo também, no entanto, declives até 10°, que se localizam sobretudo nas cabeceiras das linhas de água, no topo da serra e em algumas rechãs<sup>81</sup>.

##### **2.1.2.2 Geologia e Litologia<sup>82</sup>**

A Serra de Sintra terá surgido por intrusão magmática, há cerca de 80 M.a.. O chamado Maciço Eruptivo de Sintra, resultado da sua origem, é formado por rochas eruptivas, sendo o granito a rocha mais comum

---

<sup>79</sup> Ver Peças Desenhadas 1 e 2: Hipsometria e Carta de Classes de Declive respectivamente.

<sup>80</sup> DGEMN – Monumentos.pt - Unidade de Paisagem da Serra de Sintra [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840)>.

<sup>81</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>82</sup> Ver Peça desenhada 3: Geologia

nesta área. E como em muitas zonas graníticas, esta é uma paisagem de tipo *caos de blocos*, em que os blocos de granito, sofrendo erosão por fracturas provocadas pela sua exposição, acabam por se desprender, dispondo-se aleatoriamente na paisagem, tão característico no contexto sintrense<sup>83</sup>.

### 2.1.3 Rede hidrográfica<sup>84</sup>

A região sintrense possui algumas linhas de água de referência, como sendo a Ribeira de Colares ou a Ribeira do Guincho, e a Ribeira da Penha Longa como sendo as principais linhas de água na vertente Sul da serra. No entanto, existem inúmeras outras linhas de água, sendo estas muitas vezes aproveitadas para fontes, minas e albufeiras como do Ribeiro da Mula ou a Lagoa Azul. Estas não possuem grande caudal durante os meses secos, sendo que nos meses de Inverno o aumento da pluviosidade, aliado ao declive, confere à rede hidrográfica um regime torrencial, surgindo inclusivamente, em determinadas alturas, algumas cascatas, com graves consequências nos vales junto ao sopé da serra, como se observa na várzea de Colares, para onde escoam a maioria das linhas de água da vertente Norte<sup>85</sup>.

### 2.1.4 Coberto florestal sintrense

A acção humana nesta paisagem esculpiu, desenhou e transformou a serra na unidade que hoje conhecemos, e o que é tomado como *natural* é, na verdade, o produto de anos de artificialização, que, persistindo, transformaram a paisagem no que é hoje, contribuindo ainda, conjuntamente com toda uma obra monumental que se lhe intercala, para a formalização do seu carácter identitário. A grande riqueza florística perfaz a existência de áreas de valor excepcional, com espécies que se encontram em perigo de extinção, como *Asplenium hemionites*, *Omphalodes kusinskyanae*, *Daphne laureola*, ou *Ulex densus* (este último que se circunscreve aos territórios calcários da região saloia e maioritariamente no concelho de Sintra, em extinção devido à pressão urbanística verificada<sup>86</sup>), e áreas de elevado valor, em que algumas espécies se encontram ameaçadas<sup>87</sup>, tendo estas áreas, pela sua importância, sido inclusivamente abrangidas pela Rede Natura 2000<sup>88</sup>.

No séc. XVI, D. João de Castro permitiu a introdução de espécies exóticas como cedros, carvalhos, faias das ilhas e pinheiros na sua Quinta da Penha Verde, deixando que se desenvolvessem e se propagassem naturalmente<sup>89</sup>. Alguns encantados pelo espírito sintrense mimificaram este *hábito*, aqui

---

<sup>83</sup> Ver Peça desenhada 3: Geologia

<sup>84</sup> Ver Peça desenhada 4: Linhas de água principais e sistema húmido.

<sup>85</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>86</sup> *Plano Verde do Concelho de Sintra*, 2ª Fase, Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista “Prof. Caldeira Cabral”. Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2008, p. 34.

<sup>87</sup> A. Filipe Saraiva – Arquitecto Paisagista – Recuperação da Paisagem Cultural de Sintra. [Em linha]. [Consult. 25 Jul. 2012]. Disponível na WWW:<URL: <http://afilipesaraiva.blogspot.pt/2011/04/trabalho-academico-recuperacao-da.html>>.

<sup>88</sup> Directiva 92/43/CEE, de 21 de Maio de 1992. [Em linha]. [Consult. 03 Jun. 2012]. Disponível na WWW:<URL: [http://europa.eu/legislation\\_summaries/environment/nature\\_and\\_biodiversity/l28076\\_pt.htm](http://europa.eu/legislation_summaries/environment/nature_and_biodiversity/l28076_pt.htm)>. Ver ainda Peça desenhada 5: Áreas Protegidas

<sup>89</sup> DGEMN – Monumentos.pt - Unidade de Paisagem da Serra de Sintra [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840)>.

destacando-se D. Fernando II e Sir Francis Cook que, no séc. XIX, introduziram no Parque da Pena e de Monserrate espécies provenientes de várias partes do mundo, destacando-se espécies como *Davallia canariensis*, *Woodwardia radicans*, *Asplenium hemionitis* e *Dryopteris guanchica*<sup>90</sup>(ver continuação do presente capítulo). No entanto, e com efeitos mais nefastos dada a inadequação ao contexto natural, o repovoamento florestal iniciado nesse mesmo século e com prossecução no séc. XX com a introdução de espécies como *Pinus pinaster*, *Eucalyptus globulus*, *Acacia melanoxylon* e outras espécies exóticas como as pitospiráceas (dando especial destaque sobre a reflorestação com recurso a *Pinus pinaster* após o grande incêndio de 1966<sup>91</sup>), vieram a condicionar o desenvolvimento de espécies autóctones e endémicas, existindo casos, como a acácia, que acabaram inclusivamente por ganhar o carácter de invasoras, tornando-se nocivas para o meio. De facto, a ocupação humana veio a alterar e reduzir, gradualmente, a floresta primitiva sintrense originalmente dominada essencialmente por carvalhos (*Quercus pyrenaica* e *Quercus suber*, avaliando os vestígios ainda existentes<sup>92</sup>), sobejando actualmente apenas alguns elementos individuais ou pequenos bosques, de grande valor cultural e científico<sup>93</sup>. Em 1991, Pinto da Silva concluía que, das 1050 espécies encontradas na serra, cerca de 86% eram autóctones (9% das quais, endémicas e cerca de 51% mediterrânicas), sendo que dos restantes 14%, um terço seria originário das zonas tropicais e subtropicais do continente americano, 24% euroasiáticas, 15% mediterrâneas e macaronésias, 11% capenses, 8% de outras zonas tropicais, e 7% da Austrália<sup>94</sup>.

### 2.1.5 Fauna

As condições oferecidas pela Serra de Sintra, e a luxuriante e densa ocupação florestal, permitem a manutenção de um elevado número de espécies animais, desde mamíferos às aves e répteis<sup>95</sup>, reforçando a necessidade de preservação desta paisagem, de elevado grau de importância aos mais diferenciados níveis<sup>96</sup>.



**Fig.1:**Exemplo da fauna sintrense: Genneta.

Fonte: ICNB



**Fig.2:**Exemplo da fauna sintrense:

Víbora Cornuda.

Fonte: ICNB

<sup>90</sup> *Idem* - Parque da Pena & Parque de Monserrate [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=23456](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=23456)>.

<sup>91</sup> A. Filipe Saraiva – Arquitecto Paisagista – Recuperação da Paisagem Cultural de Sintra. [Em linha]. [Consult. 25 Jul. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://afilipesaraiva.blogspot.pt/2011/04/trabalho-academico-recuperacao-da.html>>.

<sup>92</sup> CABRAL, Francisco Caldeira, *Sintra, Património Cultural e Natural – Conferência proferida a convite da Associação de Defesa do Património de Sintra*. Palácio de Valenças, Sintra, 1989, p. 4.

<sup>93</sup> Associação de Defesa do Património de Sintra – A floresta da Serra de Sintra [em linha]. Sintra: SLP, 2004– [Consult. 07 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://mwmservices.net/adps/ADPS\\_Comunicado\\_03.html](http://mwmservices.net/adps/ADPS_Comunicado_03.html)>. Ver ainda Peça Desenhada 6: Vegetação existente.

<sup>94</sup> DGEMN – Monumentos.pt - Unidade de Paisagem da Serra de Sintra [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840)>.

<sup>95</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>96</sup> Ver Peça Desenhada 7: Fauna do Parque Natural de Sintra-Cascais. Ver ainda Anexo 17: Unidades de Paisagem de Sintra.

## 2.2 Uma contextualização histórica

### 2.2.1 A acção do Homem na Serra de Sintra: Ocupação humana – evolução

Desde sempre a Serra de Sintra cativou o Homem. A localização geográfica privilegiada, o microclima específico, a fertilidade das terras depositadas nas várzeas circundantes, a proximidade ao mar e ao centro cosmopolita lisboeta e todo um conjunto de características que dão à Serra de Sintra o espírito místico e misterioso, promoveram nesta unidade uma presença humana quase constante ao longo das épocas e sobre as mais diversas finalidades<sup>97</sup>. Actualmente podem por isso encontrar-se consistentes marcas e testemunhos de praticamente todas as épocas portuguesas e dos povos que lá se fixaram<sup>98</sup>.

Os vestígios mais antigos encontrados são ainda pré-medievais, destacando-se vestígios desde o Neolítico, um pouco por toda a serra. Não será incomum encontrarem-se também achados da Idade do Bronze Atlântico, do Bronze Final, ou ainda da Idade do Ferro, sendo ainda de relevância os vestígios romanos do século II a.C., período durante o qual Sintra se inseria no vasto território de civitas olisiponense, tendo-lhe sido concedido o estatuto de *Municipum Civium Romanorum*<sup>99</sup>. A serra, sempre mística, atraiu também povoações muçulmanas, que se fixaram por 434 anos na chamada *Xintara árabe*, persistindo marcas desta ocupação, como o Castelo dos Mouros, datado do séc. IX, assim como estruturas habitacionais, de armazenamento, ou necrópoles da ocupação medieval muçulmana<sup>100</sup>.

No séc. XIX, em Sintra fixam-se inúmeros viajantes, artistas e aristocratas nacionais e estrangeiros, revelando um novo apogeu. Os ideais românticos que trazem consigo vieram a marcar grandemente a paisagem de Sintra (ver continuação do presente capítulo), concedendo-lhe uma das grandes marcas actuais. É nesta época que se constroem alguns dos mais vistosos e importantes palacetes e chalets da região e se procede à remodelação de construções previamente existentes, sendo uma das marcas de transformação de maior relevância deste período a introdução da nova concepção de jardim e de parque, cujo conceito permite um enquadramento como um todo com o edificado, assente sobre o equilíbrio entre a marca construída e a paisagem<sup>101</sup>. Uma das maiores marcas da ocupação humana será ainda a malha urbana de Sintra, desenhada pelos povos que nela habitaram, e onde se podem encontrar as marcas de várias épocas. O Centro Histórico ter-se-á desenvolvido ainda durante a época muçulmana, sendo o traçado dominado também pelas marcas deixadas ao longo da Idade Média, na então *Suntria*. De malha irregular, muito devido às dificuldades orográficas, mas um conjunto coeso, é privilegiado o espaço interior do quarteirão em detrimento da vivência e qualidade do espaço público. O crescimento urbano

<sup>97</sup> Ver Peças Desenhadas: 8, 9 e 10: Património Arqueológico. E 11, 12 e 13: Património Arquitectónico.

<sup>98</sup> Câmara Municipal de Sintra – Sintra Paisagem Cultural [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.cm-sintra.pt/pgcdr/pg/intro.html>>.

<sup>99</sup> DGEMN – Monumentos.pt - Unidade de Paisagem da Serra de Sintra [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840)>.

<sup>100</sup> Câmara Municipal de Sintra – Sintra Paisagem Cultural [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.cm-sintra.pt/pgcdr/pg/intro.html>>.

<sup>101</sup> DGEMN – Monumentos.pt - Unidade de Paisagem da Serra de Sintra [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840)>.



ter-se-á dado pelo desenvolvimento de núcleos separados, alguns deles por entre a densa vegetação, e primeiramente junto à zona do Arrabalde e centro histórico. Após a desertificação do Castelo, surge o bairro de São Pedro de Penaferrim e, a partir do terceiro quartel do séc. XIX, desenvolve-se o bairro da Estefânea que foi crescendo para a Portela, por volta do meado novecentista. Será também aqui de relevância apontar os danos registados no terramoto de 1755, que em muito danificaram o Centro Histórico sintrense, tornando-se inevitável a reconstrução de grande parte deste núcleo, verificando-se, assim, algumas transformações do tecido urbano tradicional<sup>102</sup>.

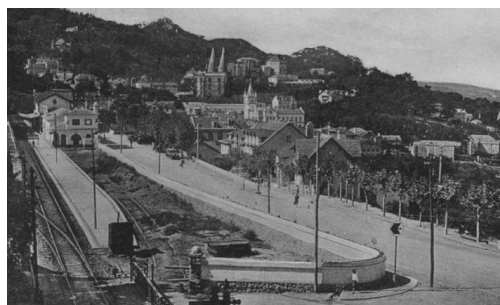
### 2.2.2 O século XX e o apogeu do crescimento urbano em Sintra

O século XX veio a marcar o início da época mais *urbana* desta unidade, começando a traçar-se logo no virar do século quando, em 1887, é inaugurada a ligação Lisboa-Sintra por caminho-de-ferro, um acontecimento que veio a vulgarizar o costume de *ir a Sintra* e movido pela crescente importância desta paisagem singular a nível nacional, e já grandemente demarcada a nível europeu<sup>103</sup>.

Durante o século XX Sintra permanece como um reconhecido e aclamado local de veraneio e de residência de ricos magnatas e aristocratas, de onde se destaca, a exemplo, Carvalho de Monteiro, que manda erigir na quinta que havia adquirido à Baronesa da Regaleira o exuberante palacete de arquitectura neo-manuelina que hoje se pode visitar – uma importante marca do revivalismo português<sup>104</sup>.



**Fig.3:**A Quinta da Regaleira, marca do revivalismo português.  
Fonte: <http://www.cmsintra.pt/Artigo.aspx?ID=3392>.



**Fig.4:**A linha de caminho-de-ferro no início do séc. XX.  
Fonte: <http://palacio-de-sintra.blogspot.pt/2012/02/sintra-nos-anos-40-do-seculo-xx-ameaca.html>.

O espírito romântico que vingava veio somente a ser alterado aquando da proclamação da República, em 1910, após a qual foi instituída uma política que, aliada a uma suposta ideia de progresso, fez debruçar a atenção sobre as potencialidades agrícolas, industriais e comerciais sintrenses, tendo a sua importância no contexto nacional sofrido drásticas mudanças. Todos estes parâmetros e acontecimentos quase repentinos levaram a um retorno do interesse pela paisagem de Sintra, e num olhar mais direccionado à sua preservação, baseada no interesse e protecção do seu património artístico e cultural. Surgem assim associações de defesa do património, academias e institutos vocacionados às artes e à cultura; desenvolve-se também uma política cultural abrangente (direccionada principalmente para a

<sup>102</sup> Câmara Municipal de Sintra – Sintra Paisagem Cultural [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.cm-sintra.pt/pgcdr/pg/intro.html>>.

<sup>103</sup> Câmara Municipal de Sintra – Sintra e a sua História [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.cm-sintra.pt/pgcdr/pg/intro.html>>.

<sup>104</sup> *Idem, Ibidem*.

investigação, estudo e divulgação dos valores histórico-monumentais da região, e para o fomento de um turismo de qualidade), e iniciam-se ainda estudos arqueológicos de extrema importância. Seguindo as tendências já sentidas desde meados do século anterior, surgem também no início do século XX estudiosos e outros interessados, tal como o historiador local Francisco Costa; os pintores Eduardo Viana e Vieira da Silva; o músico Viana da Mota; e escritores como Eça de Queirós, Fernando de Castro ou Ramalho Ortigão, entre muitos outros. Esta nova visão sobre a importância desta paisagem e dos valores que lhe são subjacentes elevam ainda à prossecução de outro tipo de acções fundamentais para a salvaguarda daquela paisagem, como a classificação legal de múltiplos sítios e monumentos; a instituição da Área de Paisagem Protegida de Sintra-Cascais (o actual Parque Natural de Sintra-Cascais, onde a Paisagem Cultural de Sintra se insere); ou a criação de serviços e gabinetes especialmente vocacionados para a preservação, restauro e conservação de todo o património histórico-natural<sup>105</sup>.

Um dos concelhos da área metropolitana de Lisboa com maior crescimento populacional – tendo essa tendência porém vindo a ser cada vez menos óbvia devido à actual menor capacidade económica e financeira –em termos urbanísticos denota-se de especial importância o Plano de De Groer, o Plano de Urbanização de Sintra instituído em 1949, com o principal objectivo de salvaguardar a Vila de Sintra e área envolvente, em que se previsse poder vir a sofrer possíveis agressões. Desde o início do século XX até meados dos anos oitenta, a envolvente à Vila assiste a uma forte pressão urbanística e a um cada vez maior afluxo turístico, impelidos pela crescente importância deste núcleo, levando a um crescimento urbano um tanto anárquico, muito nomeadamente em direcção oposta à Serra, tendo o plano anteriormente mencionado contribuído em muito para a salvaguarda da Vila e sua envolvente. No entanto, e apesar da existência deste plano, o anterior ideal de desenvolvimento enraizado no início do século levou a algumas acções menos adequadas, como a demolição de um quarteirão junto ao Palácio Nacional, o antigo Paço Real, onde estava implantado o Hotel Nunes, que veio a ser substituído pelo Hotel Tivoli, considerado como talvez um dos maiores equívocos do Centro Histórico e por isso excluído intencionalmente da área classificada da UNESCO<sup>106</sup>. É também na primeira década deste século que se vem a elevar em altura os edifícios, e se vem preenchendo os logradouros existentes com novas construções, perdendo-se a ideia de salvaguarda a que estes elementos deveriam estar associados.



**Fig.5:**O Hotel Tivoli (2012).

Fonte: Autora



**Fig.6:**O Palácio Nacional de Sintra (2012).

Fonte: Autora

<sup>105</sup> Câmara Municipal de Sintra – Sintra e a sua História [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.cm-sintra.pt/pgcdr/pg/intro.html>>.

<sup>106</sup> *Idem, Ibidem.*

Em 1989, analisando já uma possível candidatura a Património Mundial, o Historiador de Arte Vítor Serrão afirmava já que “*Sintra não é uma vila qualquer*”, fundamentando a sua opinião numa área essencial e de extrema complexidade, em plena serra e caracterizada pelas suas influências saloias, perfazendo todo um território distinto do restante tecido nacional, e até europeu. Já neste ano este historiador apelava à importância do papel das autoridades e organismos envolvidos na gestão e salvaguarda desta unidade, que deveria ser de vocação prioritariamente cultural, correspondendo a este quadro de uma paisagem homogénea e diversificada, feita de comunhão de estilos e de tempos<sup>107</sup>.

### 2.2.3. A conjugação entre o natural e o cultural: principais obras sobre a paisagem– os parques

#### 2.2.3.1 Parque e Palácio da Pena

Este parque começa a surgir em 1839, numa composição segundo os ideais românticos de D. Fernando II após uma ideia de criação de uma reserva de caça grossa, descontinuada pelas características de declive e pedregosidade do local. Numa área que se estende ao longo de cerca de 210 hectares, o que inclui a Tapada do Mocho e o Castelo dos Mouros, o parque de terreno murado e cujos limites passam imperceptíveis em grande parte da sua extensão<sup>108</sup> é criado sob profundas transformações: o revestimento vegetal natural foi substituído por uma vasta colecção de espécies exóticas ornamentais vindas um pouco de todo o mundo, existindo actualmente mais de 65 espécies diferentes de coníferas e outras espécies que acompanham os elementos construídos numa composição sublime, e que pretende mimificar um aspecto natural e espontâneo, servindo de destaque a existência de alguns jardins clássicos como sendo o jardim das camélias, o jardim inglês, ou o jardim da Condessa da Feiteira<sup>109</sup>. As influências nos jardins alemães, pelo aspecto nórdico e frio das árvores é óbvio, assim como a atitude pictórica e paradoxalmente também inspirada em pinturas de pintores paisagistas ingleses, pela grande colecção de fetos<sup>110</sup> que em Sintra se demonstram de modo sublime.



**Fig.7:**O Palácio da Pena e um vislumbre sobre o Parque.

Fonte: <http://www.cpoc.pt/eventos.php?ev=14Trofeu>



**Fig.8:**Um pormenor do Parque da Pena

Fonte: [http://www.ezimut.com/pois/parque-da-pena/attachment/ppena\\_2](http://www.ezimut.com/pois/parque-da-pena/attachment/ppena_2)

<sup>107</sup> In Câmara Municipal de Sintra – Pelouro do Turismo. *Sintra- Guia do Concelho*. Texto editores, 1ª edição, Sintra, 2008.

<sup>108</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>109</sup> CALADO, Ana Sara, Paisagens Culturais: Análise Comparativa entre o modelo de gestão Europeu e Norte-Americano – Relatório de Trabalho de Fim de Curso da Licenciatura em Arquitectura Paisagista, Universidade do Algarve – Faculdade de Engenharia de Recursos Naturais, Faro, 2006, p. 79.

<sup>110</sup> DGEMN – Monumentos.pt - Parque da Pena [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=23456](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=23456)>.

Este parque, aberto ao público, de propriedade estatal e afecto à PSML, encontra-se parcialmente incluído na Zona de Protecção do Palácio Nacional da Pena e do Chalet da Condessa D'Edla. Segundo a DGEMN, e muito nomeadamente na integração para o Inventário do Património Arquitectónico (SIPA), a este parque é-lhe conferido o Grau 1 de registo de inventário – *“imóvel ou conjunto com valor excepcional, cujas características deverão ser integralmente preservadas. Incluem-se neste grupo, com excepções, os objectos edificados classificados como Monumento Nacional”*<sup>111</sup>.

### 2.2.3.2 Parque e Palácio de Monserrate

Monserrate possui algumas semelhanças com o Parque da Pena, muito nomeadamente em relação ao estilo, ou à quantidade e diversidade de espécies botânicas exóticas. Notável parque que ocupa cerca de 50 hectares da encosta Norte da Serra de Sintra, tem a sua origem no século XVIII, período em que, aquando da remodelação do Palácio de Monserrate, foi criado o seu extenso jardim, repleto de elementos e espécies exóticas<sup>112</sup> e ladeado por um bosque semi-natural de carvalhos. Para além de uma grande riqueza de composição, destaca-se ainda a intensão de recriação de ruínas, assente numa ideia nostálgica de tempo. Em Monserrate o conceito de jardim/ parque exótico acaba a sobrepôr-se ao conceito de grande mata-virgem com preocupações principalmente cenográficas e paisagísticas<sup>113</sup>.



**Fig.9:**O Palácio de Monserrate.

Fonte: <http://www.cm-sintra.pt/AgendaCultural/ArtigoNew.aspx?IDArtigo=1105&IDMagazine=67>.



**Fig.10:**Ruínas de Monserrate

Fonte: <http://casallisboa.blogspot.pt/2009/12/dezembro-2009-parque-de-monserrate.html>.

Semelhante ao Parque da Pena em acessibilidade, propriedade e afectação, o conjunto do parque (Palácio e envolvente) está classificado como Imóvel de Interesse Público por Decreto-Lei nº 95/78 de 12 de Setembro. Segundo a DGEMN, e muito nomeadamente na integração para o Inventário do SIPA, a este parque é-lhe conferido o Grau 2 de registo de inventário – *“imóvel ou conjunto com valor tipológico, estilístico ou histórico ou que se singulariza na massa edificada, cujos elementos estruturais e características de qualidade arquitectónica ou significado histórico deverão ser preservadas. Incluem-se neste grupo, com excepções, os objectos edificados classificados como Imóvel de Interesse Público”*<sup>114</sup>.

<sup>111</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>112</sup> In Câmara Municipal de Sintra – Pelouro do Turismo. *Sintra- Guia do Concelho*. Texto editores, 1ª edição, Sintra, 2008, p.135.

<sup>113</sup> DGEMN – Monumentos.pt - Parque de Monserrate [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=22672](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22672)>.

<sup>114</sup> *Idem, Ibidem.*

## 2.3 Literatura, Arte, Património, Identidade: A importância de Sintra no contexto português e europeu

### 2.3.1 Património Monumental, cultural e identitário: uma evolução vivencial

Por qualquer dos motivos que levaram à vivência e transformação desta paisagem, a reter fica a importância desta unidade, e que proporcionou a sua própria transformação. Dever-se-á por isso começar por enunciar o ambiente bucólico de Sintra, que desde cedo sustentou e suscitou crenças e práticas simbólico-religiosas, como o comprovam os vários elementos edificados ligados ao culto, conferindo-lhe um carácter distinto e contribuindo para um maior entendimento sobre esta unidade como um local de culto, prendendo-se a sua importância e a escolha para a edificação de conventos e ermidas por entre recantos da Serra pela sua condição geográfica, procurando-se locais de difícil acesso, de grande plenitude e de aproximação com o alto, o divino, num local de total contemplação, silêncio e meditação<sup>115</sup>.

Existirão escritos coevos que aclamam já a importância sintrense, principalmente a nível económico, afirmando-a como principal centro urbano, logo a seguir a Al-Usbuna, actual Lisboa, sendo da região provenientes os principais bens abastecedores do principal centro urbano, durante a época muçulmana, de onde este povo retirou o máximo partido durante a sua ocupação, usufruindo não só das características naturais únicas, como também da posição privilegiada, uma serra com uma grande proximidade ao mar e de terras férteis<sup>116</sup>. Sintra é ao longo do período muçulmano (século X) assim retratada pelo geógrafo Al-Bacr, afirmando Sintra como *“uma das vilas que dependem de Lisboa no Andaluz, nas proximidades do mar. Está permanentemente mergulhada numa bruma que se não dissipa. O seu clima é são e os habitantes vivem longo tempo. Tem dois castelos que são de extrema solidez (...) é uma das regiões onde as maçãs são mais abundantes. Esses frutos atingem uma tal espessura que alguns chegam a ter quatro palmos de circunferência. Acontece o mesmo com as pêras (...)”*<sup>117</sup>. Em termos bélicos Sintra era também tomada como um local de estratégia, tanto para o pólo de Lisboa, como a nível ultramarino pela sua posição geográfica, justificando-se por isso as conquistas e ataques que sofreu ao longo das épocas<sup>118</sup>.

Outro ponto marcante da importância de Sintra para o contexto nacional é a data em que é outorgada a Carta de Foral à Vila de Sintra, durante o reinado de D. Afonso VI, ao que se lhe reconhecem as suas regalias, tendo sido pouco depois reconhecidas quatro grandes freguesias (São Pedro de Canaferrim, São Martinho e Santa Maria e São Miguel) a 9 de Janeiro de 1154, o que veio a confirmar o reconhecimento da Vila, vindo-lhe em seguimento, em 1261, a constituição de uma administração local,

<sup>115</sup> DGEMN – Monumentos.pt - Unidade de Paisagem da Serra de Sintra [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840)>.

<sup>116</sup> In Câmara Municipal de Sintra – Pelouro do Turismo. *Sintra- Guia do Concelho*. Texto editores, 1ª edição, Sintra 2008, pp. 16-17.

<sup>117</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>118</sup> Câmara Municipal de Sintra – Sintra e a sua História [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.cm-sintra.pt/pgcdr/pg/intro.html>>.



composta por um alcaide representativo da Coroa e dois alvazis ou juizes eleitos pelo povo<sup>119</sup>. O século XIII marca ainda o início da tradição de doar Sintra à Casa das Rainhas, com a doação em 1287 de D. Dinis a D. Isabel de Aragão e que, após alguns anos de não continuação deste costume, cessa por definitivo no reinado de D. João I<sup>120</sup>.

A partir essencialmente do século XV, estando já consolidada a nação e o território nacional, Sintra vai perdendo o seu carácter bélico e a sua importância na defesa, protecção e local de estratégia lisboeta e ultramarina, e transforma-se gradualmente num local de essência cortesã, fazendo jus a uma corte cada vez mais opulenta, que se vem aqui agora instalar de modo dominante. A presença da Corte passa assim a fazer parte do próprio contexto sintrense, sendo o território palco de vistosas edificações e de visitas reais, como destino privilegiado de veraneio, a relativamente pouca distância do núcleo lisboeta. Já D. Duarte, em 1436, seguindo a tendência de enamoramento por terras sintrenses, deixava escrito numa carta de privilégios aos moradores de Sintra, a melhor afirmação e justificação que se poderá encontrar para a importância sintrense, confirmando-lhe as suas qualidades únicas, físicas e geográficas, de prosperidade e qualidade cénica, e onde se pode ler: *“vimos a esta vila de Sintra muitas vezes ter alguns verões. E assim cremos que o farão os reis que depois de nós vierem, por acharmos a terra de muito bons ares e águas e de comarcas em que há grande abundância de mantimentos de mar e de terra, e por a nossa muito nobre e Leal cidade de Lisboa estar tão próxima, e por termos em Sintra muita folgança e desenfadamento de montes e de caças. E por termos nela nobres paços de mui espaçadas vistas”*<sup>121</sup>. Em Sintra criou-se, por isso, um importante pólo nos itinerários régios, começando a figurar aspectos fundamentais para a História Portuguesa, como o nascimento e morte de D. Afonso V no Palácio de Sintra, em 1432 e 1481, respectivamente; ou a aclamação de D. João II como rei de Portugal.

De relevante interesse para o ponto aqui destacado, enuncia-se também a época Renascentista como particularmente importante, tendo-se Sintra tornado num relevante pólo cultural e mundano, influenciado pelas tendências e o gosto humanista pelas artes, letras e ciências. Nesta época permaneceram, trabalharam e fixaram-se artistas e eruditos como Nicolau de Chanterenne, que trabalhou no Palácio da Pena; Luís de Camões que terá também permanecido em Sintra para dar a ler a D. Sebastião Os Lusíadas; Francisco de Holanda, que se terá refugiado na sua quinta, longe da Corte; Gil Vicente, e muitos outros ilustres. Também aqui de salientar, no período de transição para o século XVI, o que D. Manuel I nos dá a conhecer do seu interesse e por isso da importância de Sintra para a Corte, através do seu cronista Damião de Góis, justificando assim as grandes obras por ele mandadas em território sintrense durante o seu reinado, afirmando que muito lhe agradava passar o Verão naquelas terras, pelo fresco do clima e *“por ser um dos lugares da Europa mais frescos, & alegre para qualquer Rei, Príncipe, & Senhor poder nelle passar o tempo, porque além dos bons ares, que se si lança aquela serra, chamada pelos antigos Promontorio da Lua, há nella muita caça de veados, & outras alimárias, & sobre tudo*

---

<sup>119</sup> In Câmara Municipal de Sintra – Pelouro do Turismo. *Sintra- Guia do Concelho*. Texto editores, 1ª edição, Sintra, 2008, p. 18.

<sup>120</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>121</sup> *Idem, Ibidem*.

*muitas, & muito boas trutas de todo o género das que se em toda a Hispanha podem achar & as milhores fontes dagoa (...)*<sup>122</sup>.

O século XVI, marcado pelo maneirismo e pela ideologia contra-reformista, marca Sintra como um centro cortesão de excelência, e como porta de acesso a inúmeros artistas humanistas, período no qual se construíram numerosas quintas de recreio em redor da Vila, promovendo-se ainda o embelezamento e a adaptação de novos conceitos estéticos de habitabilidade, muitos deles de influência internacional, como são exemplo o Paço Real ou a Casa dos Ribafria, mas também um ponto de viragem na importância de Sintra como centro aristocrático e da Corte portuguesa. É este o período da integração portuguesa no império Habsburgo, a dinastia filipina, e de um gradual afastamento da Corte e da população aristocrática de Sintra, sendo as actividades que promoviam a hegemonia sintrense gradualmente transferidas para Vila Viçosa, a principal cidade da Casa de Bragança, morada dos Duques *eherdeiros* do trono de Portugal e descendentes de D. João I. A Vila foi caindo, assim, num gradual entorpecimento, que se veio a acentuar após a Restauração de 1640, com a insistência nos conflitos com Espanha (1640-1668), e com o descobrimento de outros locais de veraneio, mais de acordo com as modas e gostos da época, fruto de um afastamento quase total em direcção a Lisboa e justificando-se, assim, a construção que ocorreu em direcção à Serra nesse período<sup>123</sup>.

O terceiro quartel do século XVIII e as influências românticas fazem, no entanto, retornar os costumes, e o espírito de outrora. A paisagem conseguida pela fantástica comunhão entre os seus factores físicos e ambientais, em partilha com uma marca humana singular, trouxeram a Sintra magnatas, aristocratas e individualidades como Murphy, Bradford, Byron, Southey, entre outros, em muito contribuindo para o património literário e monumental que hoje se pode disfrutar. O património do século XVIII surge assim envolto nas influências do mistério serrano proporcionado em Sintra, destacando-se obras como Monserrate, um palacete neogótico único, ou a Quinta da Alegria, de enorme valor cultural<sup>124</sup>. É também ao longo deste rico e determinante período que se foram instalando novos e ainda hoje importantes hotéis na Vila, como é o caso do Hotel Lawrence, eternizado na obra *Os Maias*, de Eça de Queirós; o Netto, Costa ou o Victor, também este descrito e perpetuado nos escritos queirosianos<sup>125</sup>.

Já no século XIX, Sintra vive o seu verdadeiro apogeu, e constitui-se como um centro burguês privilegiado, como uma vila associada ao ócio e ao prazer, para o qual contribuiu grandemente a marca deixada no reinado de D. Fernando II da dinastia Saxe-Cobourg-Gotha (1836 – 1885). De origem austro-húngara, o monarca trouxe do seu país de origem grandes influências que marcaram grandemente a paisagem de Sintra, tendo visto nesta paisagem um campo de verdadeira experimentação e aplicação do estilo Romântico, através de uma sensibilidade estética única, constituindo uma das principais marcas

---

<sup>122</sup> In Câmara Municipal de Sintra – Pelouro do Turismo. *Sintra- Guia do Concelho*. Texto editores, 1ª edição, Sintra, 2008, p.18.

<sup>123</sup> Câmara Municipal de Sintra – Sintra e a sua História [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.cm-sintra.pt/pgcdr/pg/intro.html>>.

<sup>124</sup> In Câmara Municipal de Sintra – Pelouro do Turismo. *Sintra- Guia do Concelho*. Texto editores, 1ª edição, Sintra, 2008, p.133.

<sup>125</sup> *Idem*, p. 228.

desta paisagem aos mais diversos níveis<sup>126</sup>. Sintra, como um verdadeiro paradigma do Romantismo, exerceu assim uma importante influência no desenvolvimento do estilo na Europa do séc. XIX, de onde se destacam portanto os Palácios da Pena e Monserrate que precedem os semelhantes europeus em pelo menos um quarto de século, demonstrando-se por isso a grande importância destas obras no contexto europeu, e mesmo mundial<sup>127</sup>.

### 2.3.2 Património literário

Sintra foi, desde sempre, palco de atracção de viajantes de vários pontos do globo que lá procuraram inspiração artística, sendo a literatura uma das artes com mais destacadas e importantes referências a Sintra e à sua misticidade. Os mais antigos registos remontam ainda a Ptolomeu, que caracterizou a Serra como *Serra da Lua*, e ainda Varrão e Columela como *Monte Sagrado*. Escritores e poetas nacionais como Vergílio Ferreira, Gil Vicente, Luís de Camões, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão, Fernando Pessoa, Almada Negreiros, José Saramago, Nunes Claro e até autores internacionais como Luísa Sigeia, William Beckford, Robert Southey, Lord Byron, Thomas Bernhard, ou Hans Christian Andersen, entre muitos outros, contribuem para o vasto património literário sintrense<sup>128</sup>.

De destacar a nível nacional, enuncia-se Eça de Queirós (1845-1900) – *o maior das letras nacionais*. O escritor apresenta-nos, a par de uma vasta obra, um conjunto alargado de definições e interpretações do espírito sintrense, que nos permite um maior entendimento sobre as vivências históricas e sociais do final do séc. XIX e que, embora por vezes de referência ténue, se revelam de igual importância. Sintra está presente em praticamente toda a sua obra, quer como plano de desenrolar da narrativa (*Os Maias*, *O Primo Basílio*, *A Tragédia da Rua das Flores*, *Correspondência de Fradique Mendes*, *Alves e Cª*), quer apenas textualmente (*O Crime do Padre Amaro*, *A Ilustre Casa de Ramires*, *A Capital*, *O Conde de Abranhos*, *A Relíquia*, *O Mistério da Estrada de Sintra*, *As Farpas*). N' *Os Maias*, uma das suas mais notáveis obras, Eça retracts Sintra em toda a sua magnificência, lembrando a Serra, a linguagem romântica que encantou os poetas, e relembra-lhes os hotéis, como o Lawrence's ainda hoje existente. Ainda dentro do plano nacional destaca-se Ferreira de Castro (1898 – 1974). O escritor, amante de Sintra, lá passou grande parte da sua vida e na Serra foi sepultado por sua vontade, tendo deixado por escrito o descritivo da sua afinidade, que se pode percepcionar sensivelmente um pouco por toda a sua obra, mas em particular em *Eternidade*. O Museu com o seu nome, hoje existente, deve a sua existência à livre doação do escritor de todo o seu espólio particular à Vila<sup>129</sup>. No panorama internacional, enuncia-se agora Hans Christian Andersen (1805-1875), romancista e poeta dinamarquês que “*ai descobriu a*

<sup>126</sup> DGEMN – Monumentos.pt - Unidade de Paisagem da Serra de Sintra [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840)>.

<sup>127</sup> In Câmara Municipal de Sintra – Pelouro do Turismo. *Sintra- Guia do Concelho*. Texto editores, 1ª edição, Sintra, 2008, p. 107.

<sup>128</sup> *Idem*, p. 226.

<sup>129</sup> RODIL, João. In Câmara Municipal de Sintra – Pelouro do Turismo. *Sintra- Guia do Concelho*. Texto editores, 1ª edição, Sintra, 2008, p. 230.



*Dinamarca*” e que relatou Sintra como “a mais bela e decantada parte de Portugal”, aquando da sua visita a Portugal, em 1866<sup>130</sup>. Sintra e as suas particularidades foram, pela mão das mais variadas individualidades, descritas, perpetuando a Vila e a Paisagem de Sintra nos seus romances e narrativas, envolvendo-a no enredo como a mística vila que conheceram, como Sintra, sua *musa inspiradora*.

## 2.4 O reconhecimento e a inscrição como Património Mundial

### 2.4.1 Autenticidade e singularidade

*Sintra é o único lugar do país em que a História se fez jardim.*<sup>131</sup>

As particularidades de Sintra residem, desde logo, no característico sincretismo entre as suas componentes naturais (geografia, clima, fauna e flora) únicas no contexto nacional e mesmo europeu, que se conjugam de modo extraordinário com as marcas deixadas de várias épocas por quem se deixou levar pelo espírito serrano, por entre um conjunto único entre flora exótica e a flora mediterrânica e setentrional, permitindo a constituição de áreas florestais singulares; vestígios arqueológicos; palácios e parques de vegetação exótica exuberante; casas senhorinhais com os seus jardins e bosques; palacetes e chalets sublimes; conventos, igrejas e capelas que evocam o culto ou ermidas que procuram o silêncio, a meditação e a contemplação, colocadas estrategicamente por entre a serra escarpada, transformando-a numa paisagem *paradigmática na geografia mundial*<sup>132</sup>. A história do reconhecimento desta paisagem começa a escrever-se em 1981, aquando da criação da Área de Paisagem Protegida de Sintra-Cascais, regulamentada no Decreto n.º 292/81, de 15 Outubro, movida pela aceitação dos valores daquela paisagem e da clara percepção da sua importância e na necessidade da sua protecção e valorização<sup>133</sup>. Mais tarde, em 1994, e conforme constante no Decreto Regulamentar n.º 8/94, de 11 Março, a área até aqui protegida é reclassificada como Parque Natural de Sintra-Cascais<sup>134</sup>, sendo também regulamentado nesse ano o Plano de Ordenamento do Parque Natural Sintra-Cascais (POPNSC), em Decreto Regulamentar n.º 9/94<sup>135</sup>.

A 6 de Dezembro de 1995, Sintra recebe a sua classificação como Património Mundial, na categoria de Paisagem Cultural, durante a 19ª Sessão do Comité do Património Mundial da UNESCO realizada em Berlim: a marca do verdadeiro reconhecimento desta paisagem. A área classificada abrange as

---

<sup>130</sup> In Câmara Municipal de Sintra – Pelouro do Turismo. *Sintra- Guia do Concelho*. Texto editores, 1ª edição, Sintra, 2008, p. 231.

<sup>131</sup> *Idem*, p. 31.

<sup>132</sup> DGEMN – Monumentos.pt - Unidade de Paisagem da Serra de Sintra. [Em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840)>.

<sup>133</sup> Decreto n.º 292/81, de 15 Outubro. [Em linha] – [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.dre.pt/pdf1s/1981/10/23700/27552758.pdf>>.

<sup>134</sup> DGEMN – Monumentos.pt - Unidade de Paisagem da Serra de Sintra. [Em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840)>.

<sup>135</sup> Decreto n.º 9/94. [Em linha] – [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://siddamb.apambiente.pt/publico/documentoPublico.asp?documento=2058&versao=2>>.

freguesias de Santa Maria e São Miguel, São Martinho, São Pedro de Canaferim e Colares<sup>136</sup>, numa área total de aproximadamente 1500 hectares, ao que se lhes mostra adjacente uma zona tampão, que abrange a Vila de Colares e o Cabo da Roca, até ao mar, e uma zona de transição que atravessa os limites municipais e se expande para o município de Cascais e cujo objectivo será a contribuição para a salvaguarda desta unidade<sup>137</sup>.

#### 2.4.2 Critérios de classificação

A Paisagem Cultural de Sintra enquadra-se nas categorias (ii), (iv) e (v) do parágrafo 24, constantes em Orientations devant guider la mise en oeuvre de la Convention du Patrimoine Mondial, estabelecidas pela UNESCO, que fundamentam a existência de uma paisagem que mantém em equilíbrio os elementos construídos com os elementos naturais, numa perfeita harmonia. Classificada na categoria de *Paisagem Cultural*, esta paisagem constitui-se, assim, como *local de interesse* pela UNESCO (Portugal reconhece a categoria de *sítio*, estando aqui incluído o sítio Sintra-Cascais, ao abrigo da Directiva Habitats [92743/CEE]), e marca o seu carácter único, enquadrando-se ainda nas três categorias de Paisagem Cultural igualmente definidas pela UNESCO, e já especificadas no capítulo 1 do presente trabalho:

*Paisagem claramente definida* desenhada e criada intencionalmente pelo homem, salientando-se, no caso de Sintra, os parques, jardins, villas e quintas;

*Paisagem essencialmente evolutiva*, e onde se destaca o processo de evolução religioso, social e económico que contribuiu para a transformação sintrense, e cuja segunda sub-categoria, paisagem viva, vê em si considerado, pela UNESCO, o Centro Histórico de Sintra;

*Paisagem Cultural Associativa*, e onde se considera a Encosta Norte da Serra de Sintra.

### 3. Diagnóstico – 17 anos de gestão de Património Mundial

#### 3.1 A manutenção do estatuto de Património Mundial da UNESCO – As missões da UNESCO e a problemática actual

Paisagem Cultural classificada pela UNESCO desde 1995 – pelo reconhecimento do seu valor intrínseco e de relevante importância para o contexto global<sup>138</sup> – desde a sua classificação e até 1999, data entre a qual estaria a ser desenvolvido pela CMS um plano de gestão para a paisagem sintrense, tal como previsto e como trâmite estipulado aquando da sua classificação, não existem quaisquer relatórios da UNESCO ou ICOMOS sobre esta paisagem em particular<sup>139</sup>. No ano de 2000 surge o primeiro relatório

<sup>136</sup> DGEMN – Monumentos.pt - Unidade de Paisagem da Serra de Sintra. [Em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840)>.

<sup>137</sup> In Câmara Municipal de Sintra – Pelouro do Turismo. *Sintra- Guia do Concelho*. Texto editores, 1ª edição, Sintra, 2008, p.31.

<sup>138</sup> Câmara Municipal de Sintra – Sintra Paisagem Cultural [Em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.cm-sintra.pt/pgcdr/pg/intro.html>>.

<sup>139</sup> Ver em Anexo Decision 26COM 21B.66.

de uma missão conjunta do IUCN e ICOMOS, cuja natureza pretendia “agregar as responsabilidades dispersas pelas várias instituições públicas que a integram e gerir os meios necessários à recuperação e valorização dos monumentos, dos parques e da paisagem envolvente, classificada pela UNESCO”, alertando para a falta de programas de gestão e conservação naquela paisagem. Consequência desta primeira avaliação, surge a Parques de Sintra – Monte da Lua, SA, uma estrutura accionista, de quota partilhada pelo Município de Sintra e outras entidades de relevância, que surge como meio de corresponder aos requisitos estipulados pela UNESCO, consequência da necessidade de existência de uma entidade direccionada às necessidades daquela Paisagem Cultural<sup>140</sup>.

No ano seguinte, em Dezembro de 2001, e apesar das mudanças nas estratégias de acção e de um esforço na tentativa de melhoramento da gestão daquela paisagem, um novo relatório alerta para o pouco progresso percebido, ficando estipulada a obrigatoriedade das autoridades portuguesas intervirem ao longo dos seis anos seguintes, com o objectivo de permitir o desenvolvimento sustentável ao nível da conservação, restauro e gestão da zona tampão. Um plano de gestão era ainda inexistente, pelo que a sua elaboração é agora exigida, devendo nele constar quatro passos fundamentais, recomendados pelo ICOMOS<sup>141</sup>:

1. *“Creation of an independent Cultural Landscape Advisory Committee*
2. *Creation of an advisory body/association of residents*
3. *The establishment of a public information, research and archives centre*
4. *An adjustment of the high protection area of the Natural Park to coincide with the core area of the World Heritage site.”*

Um ano passado desta análise, o relatório de 2002 reforça ainda a necessidade de execução dos quatro passos acima mencionados, no entanto faz rever um parecer mais positivo sobre a tomada de decisões na gestão daquela paisagem<sup>142</sup>. Aquando do 27º encontro da UNESCO, em 2003, enquanto se anuncia que em Sintra se havia designado um órgão específico responsável pela Paisagem Cultural de Sintra, revelam-se também os problemas mais marcantes naquela paisagem, e que se prendem com a pressão turística e urbanística daquele território. Para além de se focar ainda a falta de meios para a correcta manutenção e conservação dos Parques da Pena e de Monserrate, relembra-se a necessidade de existência de um plano de gestão concreto, que faça face a questões agora evidenciadas, e cuja conclusão deveria ocorrer até 2004. A nível de afectação legal é apontada ainda por esta missão a

---

<sup>140</sup> DUARTE, Marta - *O Turismo na Paisagem Cultural de Sintra*. Dissertação de Mestrado em Turismo, Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, s.m., 2010, p. 46.

<sup>141</sup> UNESCO - *State of conservation reports of cultural properties which the Committee noted*. 24COM VIII.iii.35-43, UNESCO, Paris, 2001, p.132.

<sup>142</sup> Ver Anexo: Decision 26COM 21B.66.

inexistência de uma lei nacional específica para Paisagens Culturais<sup>143</sup>, assim como a existência de inúmeros regulamentos e leis que se anulam e sobrepõem mutuamente no caso sintrense, e que correspondem a mais que um organismo/ entidade gestora, cuja coordenação é quase nula<sup>144</sup>. Em 2004 surge então o Plano de Gestão da Paisagem Cultural de Sintra, analisado seguidamente, recebendo como nota do Comité da UNESCO a necessidade da sua implementação desde 2001, data até à qual deveria ter sido elaborado como recomendação da UNESCO e do ICOMOS, reforçando no entanto a necessidade de uma implementação coesa de modo a que se atinjam os objectivos pretendidos<sup>145</sup>.

Em 2006, o parecer proveniente da missão conjunta ICOMOS/IUCN é já favorável, sendo reconhecido o trabalho desenvolvido na recuperação e manutenção dos parques e palácios sintrenses, concluindo não existirem problemas de relevância que pudessem colocar em causa a identidade daquela paisagem<sup>146</sup>. No entanto, são ainda apontadas questões de referência, para as quais deveria ser criada uma resposta precisa e a longo prazo, referenciando-se nomeadamente a ainda ausência de uma gestão clara, as crescentes pressões (essencialmente urbanísticas) sobre os meios rurais e semi-naturais que envolvem a área delimitada pela UNESCO, a existência de pequenas construções pré-fabricadas e por isso desadequadas na entrada de determinados sítios, a necessidade urgente de restauro do Chalet da Condessa D'Edla, ou a falta de um serviço de aconselhamento aos proprietários privados dentro da zona de protecção<sup>147</sup>. O parecer, no entanto, favorável, veio a anular as especulações surgidas ao longo deste período, e muito nomeadamente apresentadas nos meios de comunicação sobre um ultimato a Sintra e uma possível e consequente saída da Lista do Património Mundial da UNESCO<sup>148</sup>, ideal apontado como estando somente sustentado em especulações políticas, num exagero daquela que seria uma missão de rotina tal como previsto pela UNESCO, já que qualquer bem classificado é mantido sob monitorização e revisão periódica, sendo convenientemente deixadas algumas orientações sobre a gestão do bem, sem que isso signifique de qualquer forma a sua colocação na Lista de Património em Risco<sup>149</sup>.

Em consequência destes aspectos agora realçados, uma proposta conjunta ICOMOS/IUCN expressava a necessidade de criação de uma série de documentos e planos, cuja aprovação deveria ocorrer até 2009, e cujo conteúdo relatasse o desenvolvimento sintrense ao longo de um período de cinco anos<sup>150</sup>:

---

<sup>143</sup> Problemática esta já apontada no Capítulo 1 do presente trabalho de investigação, e situação esta que se mantém apesar das recomendações que datam já do ano 2000, e que continua a dificultar a definição, gestão, manutenção e preservação das paisagens culturais em Portugal, para além do caso sintrense.

<sup>144</sup> Artigo Diário de Notícias – Notícias Magazine. In CALADO, Ana Sara, Paisagens Culturais: Análise Comparativa entre o modelo de gestão Europeu e Norte-Americano – Relatório de Trabalho de Fim de Curso da Licenciatura em Arquitectura Paisagista, Universidade do Algarve – Faculdade de Engenharia de Recursos Naturais, Faro, 2006.

<sup>145</sup> Ver Anexo: Decision 27COM 7B.72.

<sup>146</sup> Ver Anexo: Decision 28COM 15B.7742.

<sup>147</sup> Ver Anexo: Decision 30 COM 7B.89.

<sup>148</sup> Jornal o Público – “UNESCO pode fazer ‘ultimato’ à Paisagem Cultural de Sintra”. Edição de 20 de Março de 2004, pp. 46-47.

<sup>149</sup> *Idem, Ibidem*. Ver Anexo 13.

<sup>150</sup> UNESCO – *Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage*, 31th Session, Vilnius, Lithuania, 8-16 July 2006 – item 7 of the provisional agenda. Mission report: Cultural Landscape of Sintra. Sintra: ICOMOS-IUCN-UNESCO, 22-25 March, 2006.

- “Management structure” – a garantia e o desenvolvimento de uma estrutura de gestão coesa;
- “Short term action plan” – a criação de um plano de acção de curto prazo (2007-2009);
- “Urban development strategy” – a criação de estratégias promotoras de um desenvolvimento urbano coerente;
- “Plan for site interpretation” – Um plano interpretativo do local;
- “Sintra-Cascais Natural Park management plan” – Um plano de gestão para o Parque Natural de Sintra-Cascais (2010-2014);
- “Sintra Municipality management plan” (2010-2019) – e principalmente a revisão do PDM para fazer face de um modo mais adequado à realidade de uma Paisagem Cultural classificada;
- “Updating of the World Heritage site management plan” (2010-2014) – a revisão e reformulação do plano de gestão daquela paisagem fazendo face à complexidade e susceptibilidade daquela paisagem, podendo ser levada a cabo por uma equipa independente, e onde devem estar presentes consultores especializados, nomeadamente peritos da UNESCO.

O relatório de 2008 apontava a possível sobrelotação dos parques e palácios daquela paisagem a pôr em causa a qualidade dos espaços, apesar da óbvia criação de receitas, fundamental para a manutenção dos fundos que garantem a subsistência e prossecução dos projectos da autoria da PSML. A falta de coordenação entre as diferentes entidades que actuam sobre a paisagem é também referida, podendo este facto contribuir de forma danosa para a gestão e manutenção do território. Para isto aponta-se a necessidade de criação de um comité de direcção, que tenha como propósito a clarificação das acções desenvolvidas sobre as áreas classificada e tampão<sup>151</sup>. Mais recentemente, em 2010, decorreu nova visita conjunta UNESCO/ICOMOS/IUCN, tendo sido o objectivo primordial a revisão da situação da Paisagem Cultural de Sintra, muito nomeadamente na manutenção do seu valor universal perante as várias acções de gestão a desenvolver no território, averiguando sobre os impactos urbanísticos e de visitação, causado pelas visitas aos vários monumentos do espaço<sup>152</sup>. No mesmo ano, a PSML procedeu ainda à entrega à UNESCO de um relatório elaborado com o intuito de expôr questões de relevância sobre as acções a tomar sobre esta paisagem, e onde ficou predisposto o seguinte:

- “A capacidade de carga<sup>153</sup> está longe de ser excedida em qualquer dos locais preservados.
- Cerca de 90% das licenças passadas pela CMS correspondem à reabilitação urbana no Centro Histórico. Entre 2004 e 2008 foram reabilitados quase 100 edifícios. De facto, em 2007 foi criada Sociedade de Reabilitação Urbana (SRU Sintra Património), como sendo um suporte legal à reabilitação do Centro Histórico.
- A promoção de Sintra aumentou com a inclusão do Turismo de Portugal como accionista. Para além disso, quer a PSML, quer a CMS têm vindo a dinamizar novas atracções turísticas em

<sup>151</sup> Ver anexo: Decision 33COM 7B.116.

<sup>152</sup> Ver Anexo: Visita 11-15 de Janeiro 2010.

<sup>153</sup> Capacidade de carga social.

Sintra para que a sazonalidade não seja tão patente, nomeadamente, novos circuitos temáticos, horários alargados, planos para escolas e seniores, que têm como finalidade a orientação para um turismo mais sustentável.

- Quanto ao comité de direcção proposto, foi explicado que, por a Zona de Tampão e Zona de Transição passarem pelo PNSC, que por sua vez é legalmente regulado pelo POPNSC e administrado pelo ICNB, qualquer transformação que se pretenda efectuar, necessita que todas as instituições públicas e privadas tenham de cumprir com os planos inerentes<sup>154</sup>.

### **3.1.1 A gestão actual da Paisagem Cultural de Sintra**

#### **3.1.1.1 Metodologia de gestão e órgãos intervenientes**

Actualmente a Paisagem Cultural de Sintra possui três entidades de maior expressão a actuar no território, e que agem quase que num sistema de gestão partilhada– Câmara Municipal de Sintra, Parque Natural de Sintra-Cascais e Parques de Sintra–Monte da Lua. Porém, estas entidades actuam em dissociação, sem grande articulação e muitas vezes em sobreposição de princípios e de acções, apesar de individualmente cada entidade possuir uma boa estruturação e de proceder à acção do estipulado e delineado como estratégia. Isto vem a dificultar o delegar de obrigações de cada entidade com exactidão, e perfaz a existência de um modelo de gestão sectorial onde a falta de coordenação é óbvia, e onde – à primeira vista - nenhum dos organismos se destaca, sendo difícil concluir qual será o órgão gestor principal, sem que recaiam algumas dúvidas sobre a acção correspondente de cada entidade, sendo ainda comum o apontar de obrigações por parte de uma destas entidades sobre as restantes, como tal se veio a observar durante a recolha de informação para o desenvolvimento da presente dissertação de mestrado.

---

<sup>154</sup> DUARTE, Marta - *O Turismo na Paisagem Cultural de Sintra*. Dissertação de Mestrado em Turismo, Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, s.m., 2010, pp. 44-45.

Órgãos gestores	Enquadramento Legal	Planos subsequentes	Papel na Paisagem Cultural	Financiamento	Observações	Principais problemas/limitações
Câmara Municipal de Sintra (CMS)	_____	PDM: Plano de Gestão da Paisagem Cultural de Sintra:	Autarquia	Estatal (Autarquia)	_____	Revisão do PDM a decorrer de momento que deveria ter tido lugar em 2009, urgente pela pouca sensibilidade com que a Paisagem Cultural é retratada. Plano de gestão existente possui intenções pouco concretizadas.
Parque Natural de Sintra-Cascais (PNSC)	Decreto regulamentar nº 8/94 de 11 de Março reclassifica a Área protegida de Sintra-Cascais em Parque Natural.	Plano de Ordenamento do Parque Natural de Sintra-Cascais (POPNSC): Criado em Decreto Regulamentar n.º9/94 e mais recentemente aprovado em Resolução do Conselho de Ministros n.º 1-A/2004 de 7 de Janeiro - Visa a protecção, promoção e valorização dos valores turísticos, naturais e culturais da paisagem. Ver em Anexo objectivos.	Desenvolvimento de percursos, trilhos e outras actividades desportivas que fomentem a participação, manutenção da área florestal dentro dos limites da área de parque, manutenção da fauna existente e salvaguarda de zonas de protecção. Promoção, divulgação e educação ambiental.	Estatal (ICNB)	É criado pela “necessidade de fazer frente à crescente e intensa pressão urbana e à degradação que ameaçava uma zona de grande sensibilidade, repleta de valores naturais, culturais e estéticos a preservar, como a serra de Sintra, a faixa litoral e as áreas adjacentes”.	Plano de Ordenamento pouco sensível à complexidade de uma paisagem desta natureza apesar da revisão de 2004.
Parques de Sintra – Monte da Lua (PSML)	Decreto-lei nº 215/2000, de 2 de Setembro – cria a PSML na sequência do cumprimento dos compromissos para com a UNESCO aquando da classificação da Paisagem Cultural de Sintra.	_____	Gestão de alguns dos mais significantes pólos sintrenses: -Parque e Palácio da Pena - Palácio e Jardins de Monserrate - Castelo dos Mouros - Convento dos Capuchos Diversidade de acções promotoras e dinâmicas na paisagem: restauro, música, fotografia...	Capitais exclusivamente públicos	Funciona como uma estrutura accionista: - ICNB: 36%; - Instituto dos Museus e Conservação: 34%; - Turismo de Portugal: 15%; - CMS: 15%. Carácter evolutivo e dinâmico. Órgão mais representativo e de maior expressão na manutenção do património.	Em termos de acção, limitada aos pólos cuja gestão já lhe pertence. Apesar do carácter evolutivo, para aquisição de novas propriedades depende da cedência de proprietários ou do Estado. Pouca abrangência face à complexidade da paisagem.

**Quadro 5:** Síntese da actuação de cada órgão interveniente na gestão da Paisagem Cultural de Sintra. Fontes: informação constante nos respectivos sítios da internet e conseguida através de técnicos da CMS, PSML e PNSC.

### 3.1.1.2 O Plano de Gestão actual da Paisagem Cultural de Sintra

Em 2004 surge então o Plano de Gestão para a Paisagem Cultural de Sintra, desenvolvido e formalizado pela CMS, com um período de vigência de cinco anos e constituído por duas fases. Como opções estratégicas constavam 13 objectivos principais:

- *“Garantia da continuidade e sustentabilidade do desenvolvimento integral de Sintra, aplaudindo o potencial do turismo como contributo para viabilizar as áreas históricas;*
- *No contexto sócio-económico maximizar o potencial da herança cultural como condutor do desenvolvimento económico e social e maximizar também o impacto conhecido sobre a economia de Sintra e da sua região face à presença de um património mundialmente reconhecido;*
- *Coordenar o sistema de relações entre as diversas entidades envolvidas na gestão da Zona Inscrita e da área envolvente;*
- *Promover o ordenamento territorial, o planeamento e a gestão do património;*
- *Promover e organizar no tempo a recuperação do Património degradado;*
- *Proteger a Serra e suscitar a prevenção dos incêndios;*
- *Divulgar o património de Sintra no mundo, tornando-se mais universal, dando relevo à herança tangível e intangível e dar a Sintra um papel de líder na gestão das paisagens culturais;*
- *Criação do centro documental respeitante à "Paisagem Cultural de Sintra";*
- *Promover o turismo cultural e de qualidade e organizar melhor o turismo para maximizar limitando os efeitos perversos;*
- *Dinamizar actividades económicas que possam permitir a qualificação da imagem de Sintra e fazer beneficiar as actividades específicas de região face à presença do património;*
- *Captar novos sectores e agentes económicos vocacionados para a promoção e conservação do património;*
- *Desenvolver um sentido de pertença nos vários actores locais, assegurando a sua participação e envolvimento;*
- *Evidenciar um pólo de desenvolvimento cultural no norte da Zona Tampão, particularmente desfavorecida, por forma a melhor aproveitar os benefícios do turismo na Região.”<sup>155</sup>*

Os objectivos descritos assentam nas seguintes áreas de intervenção estratégica:

- a) *“Acções de conservação, restauro e protecção nas zonas Inscrita, Tampão e de Transição;*
- b) *Instrumentos de Salvaguarda da PCS;*
- c) *Acções de Dinamização e Valorização da PCS;*

---

<sup>155</sup> Câmara Municipal de Sintra – Plano de Gestão-Sintra Património Mundial[Em linha]. [Consult. 15 Maio 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.cm-sintra.pt/pgcdr/sintra.html>>.



d) *Divulgação e Promoção da PCS;*

e) *Cronograma e Modelo de Financiamento da PCS*”.<sup>156</sup>

As intervenções levadas a cabo nesta paisagem, e muito em particular no Centro Histórico, estão inseridas no *Projecto Integrado*, tendo como colaboradores externos o Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo. Intervenções a nível monumental, e muito nomeadamente a nível da herança cultural mais significativa, como os parques, palácios e outros elementos de igual relevância, têm como agentes de acção principais a CMS, PSML e PNSC, recorrendo e apoiando-se em agentes externos como o agora prestes a extinguir-se IGESPAR, a Fundação CulturSintra, ou a Direcção Geral de Recursos Florestais, entre outras entidades reguladoras dos espaços<sup>157</sup>. Questão conseguida do pretendido na implementação do Plano de Gestão da Paisagem Cultural de Sintra de 2004, foi a promoção e divulgação desta paisagem, através de alguns eventos de significância e que oferecem ao mais vasto público uma oferta diversificada de actividades desde a música ao teatro, integrados muitas vezes nos elementos monumentais de maior relevância<sup>158</sup>.

O plano de gestão elaborado para o caso sintrense, apesar de em conformidade com a obrigação estipulada aquando da missão recebida em 2000, caracteriza-se por um plano de orientações, cujas acções se revelam de pouca aplicabilidade e de pouca adequação à realidade daquela paisagem. Para além de uma maior adequação de acções, estão ainda em falta estratégias a longo prazo<sup>159</sup>, de considerável e relevante falta para o contexto de uma paisagem de tal ordem e complexidade.

### **3.2.2. A população e o património: percepções e vivência**

Para um diagnóstico completo, não poderia deixar de se analisar a vivência das comunidades nesta paisagem, que em tudo permite reflectir sobre problemáticas mais precisas da sua gestão, nomeadamente sobre a difusão do seu papel. Como tal, procedeu-se a um estudo de modo a aferir o conhecimento sobre a Paisagem Cultural de Sintra, através do método de inquérito<sup>160</sup>. A amostra foi composta por 100 pessoas, dos sexos feminino e masculino, de idade superior a 18 anos, e provenientes das seguintes faixas representativas: residentes; trabalhadores/ em contacto com o local; e turistas (destes, nacionais e estrangeiros), sendo cada faixa representada por uma amostragem de 25 pessoas. O estudo foi realizado entre os dias 21 e 23 de Setembro, por método presencial. Os inquiridos foram confrontados com questões directamente relacionadas com a Paisagem Cultural de Sintra, de modo a perceber o seu grau de conhecimento sobre aquele território, e como é que isso se reflecte no seu modo

---

<sup>156</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>157</sup> DUARTE, Marta - *O Turismo na Paisagem Cultural de Sintra*. Dissertação de Mestrado em Turismo, Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, s.m., 2010, p. 50.

<sup>158</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>159</sup> Câmara Municipal de Sintra – Plano de Gestão-Sintra Património Mundial[Em linha]. [Consult. 15 Maio 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.cm-sintra.pt/pgcdr/sintra.html>>. – onde se pode ler explicitamente que o plano desenvolve acções e estratégias a curto e médio prazo.

<sup>160</sup> Ver Anexo 11 - Inquérito de aferição de conhecimento sobre a Paisagem Cultural de Sintra.

de “viver paisagem”. A análise permitir a aferição de alguns resultados inesperados mas também curiosos, nomeadamente quanto à percepção do turista.

No geral, e verificado em particular em população residente ou a trabalhar na Vila, a população admite conhecer os motivos/ valores que levaram à classificação desta paisagem, assim como os valores que compõem uma Paisagem Cultural, sendo a sua justificação, no entanto, muitas vezes desfazadas do conteúdo real daquelas temáticas, revelando na realidade algum desconhecimento sobre a paisagem, sobre os verdadeiros motivos da sua classificação e sobre os seus valores extraordinários. Regista-se no entanto um número significativo de justificações que apontam para uma paisagem única, sendo-lhe por isso reconhecida a sua singularidade. Os turistas, e em particular os estrangeiros, revelam em contraste um conhecimento, no geral, claro sobre o valor da paisagem, registando-se ainda um número significativo de definições bastante completas e concisas sobre os valores que compõem uma Paisagem Cultural.

Quanto aos meios de divulgação, e muito nomeadamente quando inquiridos sobre o conhecimento das actividades desportivas e de âmbito cultural a desenrolar naquela paisagem, a grande maioria das respostas positivas registou-se na população residente ou a trabalhar no local. No entanto, destas respostas afirmativas, grande parte admitiu conhecer somente “algumas acções”, afirmando existir muitas vezes pouca divulgação. As acções mais mencionadas foram os percursos pedestres e de BTT, conteúdo cultural do Centro Olga Cadaval, e acções promovidas em monumentos como a Quinta da Regaleira. O maior número de respostas revelando o desconhecimento destas componentes deu-se na amostragem da população turística, que se verificou ainda que usualmente não pernoita em Sintra e que apenas visita a Vila e arredores durante um dia, provenientes do núcleo lisboeta onde estão alojados (estrangeiros) ou das imediações (portugueses), conhecendo desta paisagem o que lhes foi transmitido através de amigos que já haviam visitado Sintra, ou através da internet<sup>161</sup>. Talvez por isso o turista admita no geral não recorrer a qualquer informação disponibilizada pelo posto de turismo, trazendo muitas vezes consigo alguns guias e pequenos manuais, esperando encontrar na sua visita a simbiose entre a natureza e os monumentos nela dispostos, e ainda um espaço de lazer e reflexão, contrastante com o movimento das grandes urbes (tendo sido estas as respostas mais comuns).

Questão curiosa, foi o reconhecimento e percepção do turismo em massa por grande parte da população turística, apontando-o como um ponto negativo e de grande impacto na paisagem. Apesar de se ter verificado ainda que grande parte da população utiliza o automóvel como meio de transporte preferencial de acesso à Vila, aferiu-se que a população turística opta por andar a pé para conhecer aquela paisagem<sup>162</sup>. O mais comumente ouvido pelos inquiridos, quando lhes era pedida uma palavra que descrevesse Sintra, foi o termo “Romântica”, seguida de “Mágica”, “Mistério” e “Natureza”.

---

<sup>161</sup>Ver Anexos 8, 9 e 10 – Caracterização evolucionar do número de dormidas e de visitantes na Paisagem sintrense.

<sup>162</sup>Ver Gráfico 1 - Estatísticas (síntese) das questões de resposta directa (sim-não) do questionário para aferição do conhecimento sobre a Paisagem Cultural de Sintra

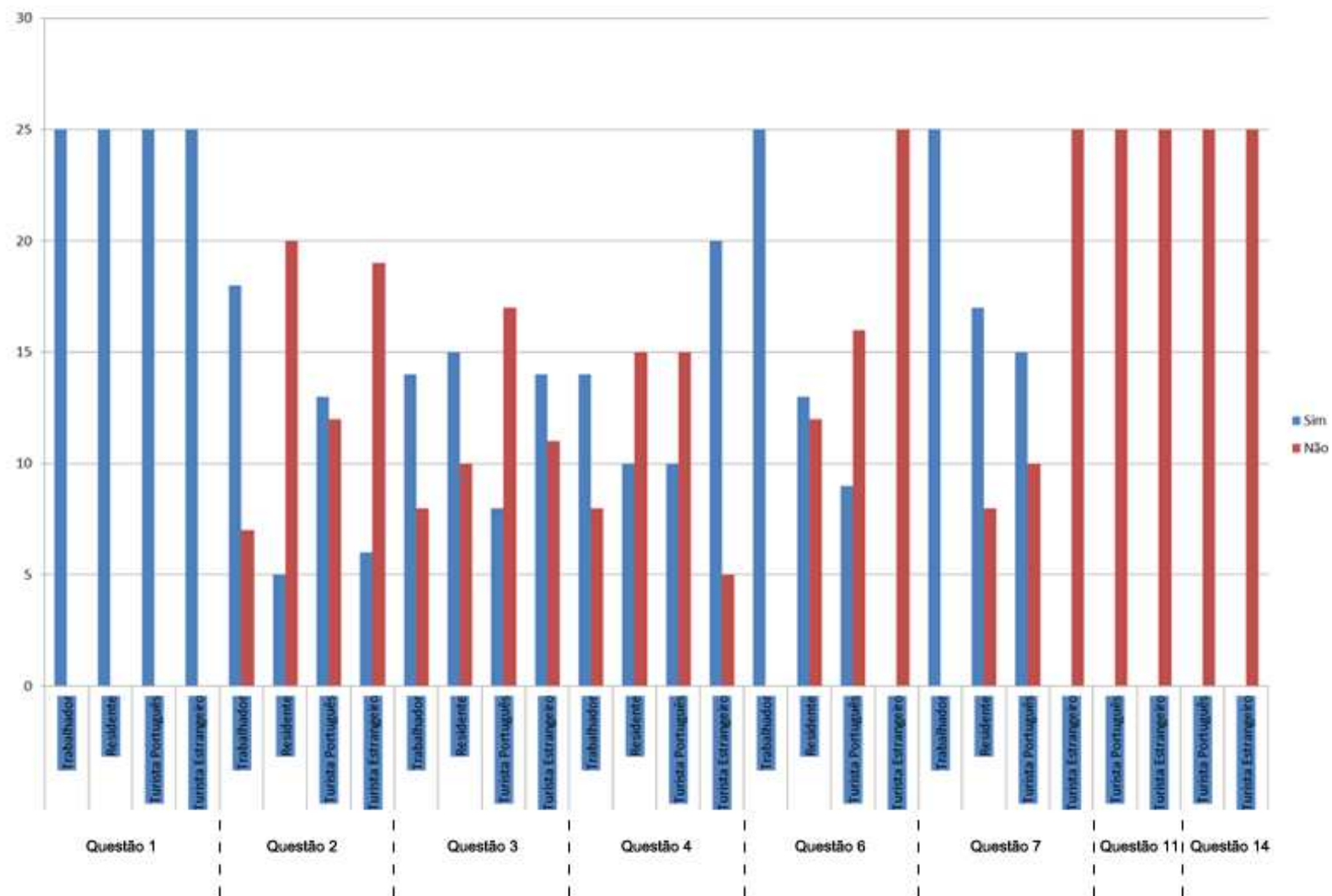


Gráfico 1: Estatísticas (síntese) das questões de resposta directa (sim-não) do questionário para aferição do conhecimento sobre a Paisagem Cultural de Sintra

Numa análise ao contexto actual, persistem algumas das problemáticas destacadas pelas missões mencionadas, como por exemplo a inexistência de um modelo de gestão claro, ou a pressão urbanística, actualmente mais controlada devido ao contexto económico-social. A persistência destas questões e o adensamento de outras, muitas delas equivalentes aos das duas restantes paisagens culturais classificadas pelas UNESCO em Portugal, mencionadas no Capítulo 1 do presente trabalho, poderá talvez justificar-se em parte pela lei nacional, que se mantém sem o desenvolvimento de uma regulamentação específica para a figura de paisagem cultural, que persiste sem o devido reconhecimento como figura do Ordenamento de Território, sendo a revisão do seu estatuto legal da maior relevância. Dezassete anos após a classificação desta paisagem, suportada no plano de gestão existente, percebe-se agora a necessidade não só de rever as disposições do plano em vigor, como também adequá-lo à situação actual, conferindo-lhe uma aplicabilidade real e adequada às necessidades socio-económicas actuais e à própria evolução a que esta paisagem mutável assistiu. Apesar de não se considerar a eventualidade desta paisagem vir a ser colocada na Lista de Património em Risco da UNESCO, a eventualidade desse acontecimento devido à gradual perda de autenticidade desta paisagem deve ser tomado como uma questão fundamental e que significaria uma perda irreversível tanto para o contexto nacional como a nível mundial. Devem ser tomadas por isso boas práticas de gestão, se possível de maior coordenação que as existentes. Seguidamente apresenta-se por isso um quadro que permite sintetizar os principais problemas detectados na Paisagem Cultural de Sintra, assim como um conjunto de estratégias que poderão ser postas em prática posteriormente em prol da criação de um plano de gestão eficiente e aplicável.

Principais problemas na Paisagem Cultural de Sintra	Possível resolução
<ul style="list-style-type: none"> <li>Falta de coordenação entre os órgãos existentes – gestão sectorial (dificuldade por parte das entidades em exprimir o seu modelo de gestão, facilmente encaminhando responsabilidades para os dois restantes órgãos gestores) <ul style="list-style-type: none"> <li>- Falta de exactidão no relegar as actividades a desenvolver pelas várias entidades.</li> </ul> </li> <li>Desadequação dos planos legais em vigor face à realidade económico-social actual – possível necessidade de revisão (e necessidade urgente de revisão do PDM).</li> <li>Inexistência e impossibilidade de aplicação (natureza do património) de um Plano de Pormenor para a Paisagem Cultural de Sintra, tal como é indicado na Lei de Bases do Património Cultural.</li> <li>Pressão urbanística observável nos últimos anos (actualmente em estagnação devido a contexto económico-social) - Falta de políticas de manutenção e de salvaguarda adequadas, tanto para a paisagem cultural como para a envolvente (Carência de um Plano de Salvaguarda para a Paisagem Cultural de Sintra, que abranja nomeadamente zonas tampão e de transição).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Criação ou reestruturação de um órgão/ entidade/ gabinete onde estejam assentes representantes legais das várias entidades gestoras, população e ainda consultores especializados, e que funcione como a interface entre as entidades anteriores, promovendo, através de uma visão clara de prioridades, a ocorrência de acções conjuntas e em coordenação e que promova conjuntamente o desenvolvimento de planos de gestão concisos e que vão de encontro às necessidades impostas pelo contexto actual.</li> <li>Criação de um plano de gestão e salvaguarda que promova um desenvolvimento sustentável da paisagem através da oferta e não em base de restrições.</li> <li>Revisão dos instrumentos de gestão territorial (IGT), em especial os de âmbito municipal (PMOT).</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Falta de coordenação entre acções de desenvolvimento regional e económico associadas a acções de preservação e conservação daquela paisagem. <ul style="list-style-type: none"> <li>- Economia local não possui qualquer obrigatoriedade na contribuição para a manutenção da paisagem ou dos seus componentes, da qual é no entanto totalmente dependente.</li> </ul> </li> <li>Carência de meios de promoção e de divulgação eficazes e em momento oportuno aos mais variados níveis: Paisagem Cultural, turismo cultural, etc.</li> <li>Turismo de massas que se pode verificar danoso – além da capacidade de carga desta paisagem.</li> <li>Carência de medidas eficientes e promotoras do contacto entre população turística e a população local.</li> <li>Carência de uma linguagem de comunicação coesa entre as entidades gestoras e a população .</li> <li>Desarticulação do próprio ideal de Paisagem e do seu carácter identitário <ul style="list-style-type: none"> <li>- Clara dissociação do carácter identitário da paisagem pela vivência promovida actualmente.</li> </ul> </li> <li>Caos automóvel mais acentuado em determinadas alturas do ano (pico de turismo): Falta de parques de estacionamento e de uma óbvia organização do trânsito automóvel.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Criação de meios de sustentabilidade económica aliados a meios de preservação da paisagem, através de um sistema de desenvolvimento regional integrado - Binómio entre o turismo de base essencialmente económica e o património.</li> <li>Acções de promoção, divulgação e consciencialização eficazes e através dos mais diversificados meios (folhetos, divulgação através da internet, criação de “pontos de encontro” [posto de turismo como “ponto inicial”]), aliadas a acções educativas e de sensibilização, apelando à vasta significância de uma paisagem cultural e contribuindo, assim, para a sua manutenção e preservação.</li> <li>Fomento da participação pública como um meio efectivo e viável para a gestão.</li> <li>Manutenção e melhoramento da marca “Sintra Romântica” – fomentar a interpretação turística do património (saber fruir para a revitalização e sustentabilidade económica através de práticas turísticas sustentáveis).</li> <li>Promoção da ligação por caminho-de-ferro Lisboa-Sintra.</li> <li>Estruturação e organização da circulação de trânsito</li> <li>Estudo para possível proposta de novos parques de estacionamento e métodos de escoamento do fluxo automóvel.</li> </ul>

**Quadro 6:** Principais problemas na Paisagem Cultural de Sintra e proposta de possível resolução.

#### 4 Estratégias de gestão e de conservação da Paisagem Cultural de Sintra, Património Mundial

“(...) the concept of cultural landscapes as well as the protection and management mechanisms associated with them need to be enhanced in this region in order to sustain the long-term conservation of important landscapes”<sup>163</sup>.

De facto, depois de reconhecido o valor de uma paisagem, o seu carácter - histórico, social e cultural – deverá ser merecedor de planeamento e gestão cuidados. No entanto, o que realmente o caracteriza, como o sentimento de pertença e de afinidade para com aquela paisagem, a história do lugar e o seu carácter identitário que a torna única, são frequentemente deixados para segundo plano, baseando-se a protecção do património em componentes essencialmente técnicas e científicas, levando a que o seu conteúdo, vital, seja subestimado<sup>164</sup>.

Segundo Alexandre Cancela D'Abreu, os *construtores* da paisagem possuem normalmente um profundo desconhecimento sobre a complexidade do sistema-paisagem, actuando sobre este elemento consoante a sua experiência de vida, normalmente limitada, aliada a uma ainda curta visão do futuro, fazendo pesar sobre aquela paisagem os interesses imediatos e as circunstâncias de momento, com elevados custos sociais, ambientais e culturais<sup>165</sup>. Talvez por isso, e apesar da existência de uma vasta lista de orientações para a gestão de uma paisagem, e para o desenvolvimento de um plano de gestão – que deve ser adaptado e adequado às necessidades e especificidade de cada paisagem, e “*versar aspectos de política geral, do estatuto jurídico e das medidas de protecção, e bem assim de aspectos práticos da administração e da gestão quotidianas*”<sup>166</sup> – a sua implementação é ainda, no geral, fraca na Europa<sup>167</sup>. A existência de um plano de gestão toma-se, no entanto, como fundamental na salvaguarda de uma paisagem, devendo ainda garantir-se que tenha aplicação – já que, sem aplicabilidade, será apenas uma listagem de intenções<sup>168</sup> - e devendo ser desenvolvido com base nas instruções do Comité do Património Mundial<sup>169</sup> e dos organismos já mencionados no primeiro capítulo. Os planos deverão ainda ser revistos periodicamente, dentro de um prazo estabelecido, para que mantenham a sua aplicabilidade face ao contexto daquela paisagem que, como sistema dinâmico, está sujeito a tantas mudanças quanto o agente nela actuante lhe incute.

<sup>163</sup> GALLAND, Pierre, ANDRIAN, Giorgio, et al. - *Preserve World Heritage*. Kerstin Manz and Mechtild Rössler, Germany, 2008, p. 29.

<sup>164</sup> SABATÉ BEL, Joaquim (dir), *De la preservación del patrimonio a la ordenación del paisaje, Ensayos*, Universidad Politécnica de Catalunya, [S./vol.], nº1, (2005). [Em linha].– [Consult. 22 Mar. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://hdl.handle.net/2099/1885>>.

<sup>165</sup> ABREU, Alexandre D'Orey Cancela, *Ética e Paisagem*. Fundação Calouste Gulbenkian. [Em linha]. Lisboa: SLP, 2011– [Consult. 23 Fev. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.gulbenkian.pt/media/files/FTP\\_files/pdfs/ambiente2010/S\\_EticaPaisagem\\_AlexAbreuSet2011.pdf](http://www.gulbenkian.pt/media/files/FTP_files/pdfs/ambiente2010/S_EticaPaisagem_AlexAbreuSet2011.pdf)>.

<sup>166</sup> UNESCO - *Guidelines on the Inscription of Specific Types of Properties on The World Heritage List*, p. 33. [Em linha].– [Consult. 22 Fev. 2012]. Disponível na WWW: <URL:<http://whc.unesco.org/archive/opguide08-en.pdf#annex3>>.

<sup>167</sup> Dados Periodic Reporting. In GALLAND, Pierre, ANDRIAN, Giorgio, et al. - *Preserve World Heritage*. Kerstin Manz and Mechtild Rössler, Germany, 2008, p. 12.

<sup>168</sup> DRUCKER, Peter. INDUARTE, Marta -*O Turismo na Paisagem Cultural de Sintra*. Dissertação de Mestrado em Turismo, Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, s.m., 2010, p. 46.

<sup>169</sup> GALLAND, Pierre, ANDRIAN, Giorgio, et al. - *Preserve World Heritage*. Kerstin Manz and Mechtild Rössler, Germany, 2008, p. 28.

#### 4.1 Instrumentos de Gestão territorial e o enquadramento legal da Paisagem Cultural de Sintra

O sistema de gestão territorial organiza-se nos âmbitos nacional, regional e municipal, e no qual a política de ordenamento do território e de urbanismo assenta<sup>170</sup>. A Paisagem Cultural de Sintra, conjunto classificado pela UNESCO<sup>171</sup>, inserido no sítio Sintra-Cascais e dentro dos limites de um Parque Natural, possui em si uma relevante complexidade de gestão, adensada por um número elevado de instrumentos de gestão territorial (IGT), aos níveis acima descritos, que pela génese do local muitas vezes se sobrepõem e cujos princípios se anulam mutuamente, dificultando o relegar de acções para cada entidade interveniente<sup>172</sup>. A nível municipal (PMOT), para além do Plano Director Municipal de Sintra (PDM-Sintra) encontram-se em vigor dois Planos de Pormenor (PP), e ainda o Plano de Urbanização (PU) da Vila de Sintra (em revisão), encontrando-se em elaboração outros 14 PP e quatro PU.

Face a esta questão, deverá começar por se analisar a lei nacional onde esta figura se revê com maior representatividade. Como tal, olhando novamente à Lei de Bases do Património Cultural, explicitada no Capítulo 1, pode ler-se que *“O acto que decreta a classificação de monumentos, conjuntos ou sítios (...), ou em vias de classificação como tal, obriga o município, em parceria com os serviços da administração central ou regional autónoma responsáveis pelo património cultural, ao estabelecimento de um plano de pormenor de salvaguarda para a área a proteger”*. Mais se indica que *“a administração do património cultural competente pode ainda determinar a elaboração de um plano integrado, salvaguardando a existência de qualquer instrumento de gestão territorial já eficaz, reconduzido a instrumento de política sectorial nos domínios a que deva dizer respeito.”*<sup>173</sup> Como se pode aferir, a presente lei atribui como normativa obrigatória o desenvolvimento de um PP por parte das autarquias. No entanto, e apesar do grande número de planos envolvidos na gestão desta paisagem, o plano em Sintra não existe nem se encontra como previsto<sup>174</sup> apesar de, em teoria, se adequar e justificar ao caso. Este facto pode justificar-se pela pouca aplicabilidade da lei ao caso sintrense, já que este tipo de IGT se define como um plano para áreas urbanas<sup>175</sup>, sendo que Sintra apresenta uma vertente urbana e uma outra vertente rural, anulando assim esta intenção legal. Numa outra perspectiva, poderia justificar-se a necessidade de um novo plano de ordenamento para a gestão desta paisagem, muito nomeadamente para a manutenção das Zonas Tampão e de Transição que, apesar de existentes, não possuem qualquer disposição legal ou plano específico que permita a salvaguarda destas áreas ironicamente de salvaguarda. No entanto,

<sup>170</sup> Alínea nº1 do art. 2º do Decreto-Lei nº380/99, de 22 de Setembro.[Em linha]. – [Consult. 22 Jul. 2012]. Disponível na WWW: <URL:<http://www.dre.pt/pdf1s/1999/09/222A00/65906622.pdf>>.

<sup>171</sup> Aviso nº 15169/2010 de 22 de Julho.[Em linha]. – [Consult. 22 Jul. 2012]. Disponível na WWW: <URL:<http://dre.pt/pdf2sdip/2010/07/147000000/4094940949.pdf>>.

<sup>172</sup> Ver Quadro Anexo 15: quadro síntese dos instrumentos de gestão territorial em vigor. Ver ainda Peça Desenhada 14: Instrumentos de Gestão Territorial Existentes.

<sup>173</sup> Art. 53º da Lei nº 107/2001 de 8 de Setembro.[Em linha]. SLP, 2001 – [Consult. 27 Mar. 2012]. Disponível na WWW: <URL:<http://dre.pt/pdf1s/2001/09/209A00/58085829.pdf>>. Ver Anexo 1.

<sup>174</sup> Tal plano não consta da lista de planos existentes ou previstos como tal é explanado em: CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA - Planos de Ordenamento do Território [Em linha]. Sintra: SLP, ano 2012 – [Consult. 23 Jun. 2012]. Disponível na WWW:<URL:<http://www.cm-sintra.pt/Artigo.aspx?ID=4373>>.

<sup>175</sup> Comunicação do Arq.º Carlos Pinto, Divisão do PDM de Sintra, Câmara Municipal de Sintra, a 5 Set. 2012.

qualquer novo plano de ordenamento que se venha a propor, para qualquer que seja a intenção, virá a sobrepor-se aos planos já existentes, e muito em particular ao POPNSC, o que somente iria adensar o já grande número de planos em vigor naquela área.

A primeira conclusão será a de que esta situação se poderia inverter caso existisse uma lei específica e adequada para a protecção da paisagem, ao invés de uma lei que parece regulamentar património de um modo generalista e que leva obrigatoriamente a uma adaptação das disposições em vigor, muitas vezes pouco adequadas como no presente caso de estudo, podendo por isso propôr-se um plano de ordenamento e de gestão que fizesse face a estas questões. No entanto, face ao quadro jurídico actual, e tendo ainda em conta uma abordagem mais realista e talvez de maior aplicabilidade, toma-se como mais adequado, não a criação ou proposta de novos planos a nível de ordenamento – solução alienada do legalmente existente e promotora da associação de mais um plano de ordenamento a uma gestão já ela complexa e sectorial – mas sim a criação de orientações que façam parte de um Plano de Gestão Integrado, e como também passa como indicação no mesmo artigo daquela lei<sup>176</sup>. Este plano seria um conjunto de estratégias, relegando para cada entidade quais as acções exactas que lhe ficam a cargo, facilitando por isso a transposição dessas orientações a integrar nos IGT em vigor através da respectiva entidade gestora (a exemplo: transposição de orientações para o PDM-Sintra, PP's e PU através das orientações relegadas à CMS, ou a mesma situação para o PNSC e o POPNSC). Esta metodologia permitirá salvaguardar os IGT em vigor, sem os anular, implementando simultaneamente uma maior coordenação de acção no território, funcionando o plano proposto como o elemento agregador fundamental em falta e que anula possíveis sobreposições de ideais e políticas. Uma opção complexa mas, face ao quadro jurídico existente, mais racional.

Como um aparte, tendo ficado definido, em 2007, que as acções sobre as zonas tampão e de transição estariam sob tutela da área e consequente plano de ordenamento do parque natural (não se justificando por isso um plano específico para estas áreas), faria todo o sentido que se procedesse à revisão dos limites destas áreas, sendo que a zona de transição ultrapassa o limite do parque, fragilizando e dificultando assim acções para a sua salvaguarda que possam ser desenvolvidas por esta entidade. Parte da mesma zona encontra-se ainda sobre território do município de cascais, o que poderá sempre resultar numa falta de coordenação nas acções sobre esse território, que compete salvaguardar uma área fora desse município, apesar da sua integração no PN. Realça-se por isso a importância deste Plano de Gestão, que sugere estratégias e orientações integradas, permitindo não só um maior contacto e melhoria na comunicação com os dois municípios, como também relegar orientações, essas sim específicas e adequadas a esta situação complexa.

#### **4.2 Plano de Gestão Integrado da Paisagem Cultural de Sintra**

---

<sup>176</sup> Art. 53º da Lei nº 107/2001 de 8 de Setembro.[Em linha]. SLP, 2001 – [Consult. 27 Mar. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://dre.pt/pdf1s/2001/09/209A00/58085829.pdf>>. Ver Anexo 1.



#### 4.2.1 Normas de Gestão

Pretende-se por isso a constituição de um documento dinâmico e flexível, que permita tirar partido do potencial da paisagem caso de estudo, e ao que cabe ainda formular uma ordem de trabalhos que permita pôr em prática os objectivos delineados, através de uma visão clara de prioridades, assim como a manutenção da área (limpeza, obras de conservação e outro tipo de acções rotineiras), e que tenha um período de aplicação de, sensivelmente (e face a outros planos de gestão já elaborados<sup>177</sup>), cinco anos. Este plano agora delineado deverá por isso ter em conta as componentes natural, cultural (à qual lhe corresponde a nossa memória colectiva), histórica e religiosa, permitindo o delinear de estratégias, a curto, médio e longo prazos, estas últimas até agora em falta e potenciadoras do desenvolvimento regional, em associação plena com acções de conservação e preservação daquela paisagem.

#### 4.2.2 Modelo de gestão

A necessidade de um único elemento ou órgão gestor vem ganhando força, justificando-se e afirmando-se como um modelo de gestão mais adequado. No entanto, embora teoricamente viável, a criação de um novo organismo gestor representa primeiramente um gasto financeiro substancial, não só pela sua criação mas também pela mobilização de funcionários e de bens, algo inclusivamente pouco adequado à situação socio-económica actual. Este facto, articulado com a adição de mais um organismo gestor àquela paisagem por si só de grande complexidade a nível de gestão, e à semelhança da inutilidade de criação de um novo plano de ordenamento, conforme já descrito acima, poderá vir a adensar a gestão já complexa e difícil daquela paisagem.

##### 4.2.2.1 A Entidade Parques de Sintra – Monte da Lua SA

Das três entidades envolvidas na gestão desta paisagem, a PSML é a que tem desempenhado o papel mais relevante na manutenção desta paisagem, estando actualmente sob sua tutela cerca de 40% da área classificada (cerca de 361 ha), dividida por categorias como: área construída e caminhos (18ha), área florestal (216ha), área de arboreto/ envolvente (90ha) e área de jardins (36ha). A UNESCO designa em 2007, a PSML como a nova entidade gestora daquela paisagem, sendo inclusivamente de sua autoria e execução o Plano de Acção de curto-prazo (2007-2009) exigido pela UNESCO em 2006 conforme já mencionado no anterior capítulo, e que permitiu uma visão sobre<sup>178</sup>:

- Análise crítica ao uso das terras, incluindo o plano de gestão para as florestas, bem como a elaboração de uma nova estratégia para o desenvolvimento urbanístico na Paisagem Cultural de Sintra;

---

<sup>177</sup> REGO, F. M. C. C., PAIS, N. L. - *Plano de Ordenamento e Gestão da Mata Nacional do Buçaco*, coord. Nuno Lecoq, 2007, pp. 141-285.

<sup>178</sup> DUARTE, Marta - *O Turismo na Paisagem Cultural de Sintra*. Dissertação de Mestrado em Turismo, Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, s.m., 2010, pp.42-43.

- Continuação das acções de restauro e conservação, onde estão incluídas a reabilitação urbana dos parques, limpeza das florestas e restauro da maioria dos palácios;
- Aumento de visitas aos parques e palácios devido às melhores condições e planos de interpretação.

Para além disso, e face a uma proposta do ICNB, o Ministro do Ambiente havia já decidido, a 9 de Outubro de 2009, que o quadro de directores da PSML seria o órgão executivo da Paisagem Cultural de Sintra<sup>179</sup>.

Como tal, conclui-se que a PSML, para além do carácter evolutivo que tem demonstrado, é também o organismo que parece já possuir, embora ainda a nível quase embrionário<sup>180</sup>, os princípios que poderão vir a proporcionar uma gestão total e racional daquela paisagem. Para isso seria somente necessária uma modificação na sua estrutura orgânica, mantendo-se a representatividade de entidades externas, indo de encontro à formalização de uma estratégia semelhante ao Comité aconselhado pela UNESCO em 2008<sup>181</sup>, aumentando somente a representatividade da CMS, que como autarquia deveria ter uma participação mais activa<sup>182</sup>. Com a PSML responsável pela gestão, e mantendo sempre a representatividade de outras entidades na sua constituição como hoje se observa, mais facilmente se conseguiria uma maior coordenação, tão necessária – já que actualmente facilmente as entidades se empurram em responsabilidades, agindo sectorialmente. Assim, a PSML onde a CMS teria uma maior representatividade, seria o organismo que iria permitir, condicionar ou orientar as acções sobre aquela paisagem, e iria inclusivamente estar na base do desenvolvimento do dito Plano de Gestão Integrado.

Dinamização de acções para o desenvolvimento integrado da Região de Sintra e muito em particular para a área classificada;	
Promover a articulação entre as entidades gestoras da presente paisagem;	
Promover parcerias e projectos de coordenação para o desenvolvimento regional, económico ou social	Dinamizar parcerias com e entre centros de investigação, instituições de formação ou outros, no sentido da valorização económica do território e do fomento da competitividade e coesão territorial da região;
	Colaboração com o Instituto de Turismo de Portugal no sentido da execução do Plano de Desenvolvimento Turístico da Paisagem Cultural de Sintra, e o desenvolvimento de acções de promoção e de valorização da marca “Sintra, Capital do Romantismo”, em benefício do desenvolvimento regional.
Coordenar a execução de programas e projectos públicos a acontecer na Paisagem Cultural	
Zelar pelo cumprimento do estipulado pela UNESCO aquando da classificação,	Na cooperação na protecção do património, contribuindo na manutenção de um justo equilíbrio entre conservação, sustentabilidade e desenvolvimento,

Continuação na página seguinte.

<sup>179</sup> *Idem, Ibidem*, p. 45.

<sup>180</sup> Comunicação do Arq.º Carlos Pinto, Divisão do PDM de Sintra, Câmara Municipal de Sintra, (5 Set. 2012).

<sup>181</sup> Decision 33COM 7B.116. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/decisions/1908>. Ver ainda sub-capítulo 3.1-A *manutenção do estatuto de Património Mundial da UNESCO – As missões da UNESCO e a problemática actual*, onde tal é referido.

<sup>182</sup> Comunicação do Arq.º Carlos Pinto, Divisão do PDM de Sintra, Câmara Municipal de Sintra, (5 Set. 2012).

promovendo a salvaguarda e conservação dos valores culturais, naturais e paisagísticos desta paisagem;	garantindo a protecção dos bens do património mundial, o desenvolvimento social e económico e a qualidade de vida das comunidades.
Estimular a participação pública;	

**Quadro 11:** Principais objectivos do Plano de Gestão Integrado para a Paisagem Cultural de Sintra proposto.

Os principais objectivos do Plano de Gestão Integrado para a Paisagem Cultural de Sintra proposto, acima descritos, visam por isso zelar pela conservação daquela paisagem, salvaguardando os seus recursos naturais e culturais, potenciando as suas qualidades, muito nomeadamente cénicas, e contribuindo, assim, para uma gestão e vivência equilibradas, e constituindo o mote de prossecução do presente trabalho de investigação.

#### 4.2.3 Estratégias para a gestão

Projecta-se agora um conjunto de acções cujo objectivo primordial será o delinear de orientações para uma gestão sustentável, que vise simultaneamente a boa gestão e uso múltiplo dos recursos naturais e a manutenção e preservação do carácter identitário e patrimonial daquela paisagem, e que estarão assentes em cinco temáticas<sup>183</sup>, abrangendo área classificada e Zonas Tampão e de Transição, sendo elas:

- Manutenção da área florestal;
- Manutenção do património arquitectónico e arqueológico;
- Promoção do uso e da participação pública;
- Desenvolvimento turístico e regional;
- Promoção do estudo e da divulgação da paisagem.

##### 4.2.3.1 Manutenção da área florestal

Como já afirmado no Capítulo 1 da presente dissertação, a gestão europeia das suas paisagens culturais começa a antever o declínio e a degradação destas últimas, facto que se repercute também pelo nosso país<sup>184</sup>. O abandono, a desflorestação, a redução da biodiversidade e do material genético, são problemáticas comuns. A necessidade de uma visão multifuncional da floresta, o seu uso racional e uma gestão sustentável são por isso pilares obrigatórios, estando esta visão suportada no conhecimento dos benefícios da manutenção de espaços florestais, tanto a nível ecológico como nas populações<sup>185</sup>. A nível ecológico podem destacar-se questões fundamentais como o sequestro de carbono, a protecção da

<sup>183</sup> REGO, F. M. C. C., PAIS, N. L. - *Plano de Ordenamento e Gestão da Mata Nacional do Buçaco*, coord. Nuno Lecoq, 2007, pp. 141-285.

<sup>184</sup> ELC – UE Cultura 2000, *Paisagem Cultural Europeia. A nossa herança comum*, Universidade de Bergen, Noruega.

<sup>185</sup> REGO, F. M. C. C., PAIS, N. L. - *Plano de Ordenamento e Gestão da Mata Nacional do Buçaco*, coord. Nuno Lecoq, 2007, pp. 141-285.

biodiversidade, a conservação de recursos hídricos, a valorização da paisagem, as oportunidades de recreio, a prevenção e o combate à erosão, entre outras<sup>186</sup>. No entanto, a floresta como entidade revela-se como um elemento demonstrador de grande valor, que adquire da relação com a população nomeadamente através dos seus usos de recreio, contribuindo para o bem-estar físico, psíquico e espiritual e social dos cidadãos<sup>187</sup>. A área florestal da Paisagem Cultural de Sintra pode assim ser percebida também como um meio de harmonização ao qual se lhe podem atribuir funções de recreio, ligadas mais directa ou indirectamente a valores ecológicos e/ ou patrimoniais<sup>188</sup>:

As estratégias de ordenamento e de *organização* do espaço florestal propostas deverão assentar e ser promovidas, conforme constante na Lei de Bases da Política Florestal<sup>189</sup>, através de Planos Regionais de Ordenamento Florestal (PROF), sendo o caso de Sintra abrangido pelo PROF da Área Metropolitana de Lisboa (PROF-AML)<sup>190</sup>. Segundo este plano, o concelho de Sintra, graceado pelo perímetro florestal da Serra, deverá estar sujeito à criação de um Plano de Gestão Florestal (PGF)<sup>191</sup>, cujo princípio regulamentar tem como propósito regular “*no espaço e no tempo as intervenções de natureza cultural e de exploração*”, desempenhando “*um papel crucial no processo de melhoria e gestão dos espaços florestais, por serem eles que operacionalizam e transferem para o terreno as orientações estratégicas contidas no PROF AML*”<sup>192</sup>. Prevê também, para casos de maior susceptibilidade de incêndio, e por isso de particular importância para o caso sintrense, o enquadramento de zonas críticas e a execução de medidas relativas à gestão dos combustíveis e da infra-estruturação dos espaços florestais, mediante a implantação de redes regionais da defesa da floresta (RDF). O Perímetro Florestal da Serra de Sintra é, inclusivamente, seleccionado como *floresta modelo* no âmbito do PROF AML<sup>193</sup>, apresentando como funções, segundo o grau de prioridade: a protecção, uma segunda função de recreio, enquadramento e estética da paisagem, e uma terceira a respeito da conservação de habitats, da fauna e da flora, e de geomonumentos. Como objectivos específicos, estipula-se ainda<sup>194</sup>:

- a) *Conservação da biodiversidade e riqueza paisagística;*
- b) *Melhoria da qualidade de vida das populações dos espaços protegidos;*
- c) *Proteger o património arqueológico, arquitectónico e a paisagem nos espaços florestais;*
- d) *Recuperação de áreas degradadas, nomeadamente as áreas ocupadas com invasoras lenhosas;*
- e) *Preservar os valores fundamentais do solo e da água;*

---

<sup>186</sup> Direcção Geral dos Recursos Florestais – *Estratégia Nacional para as Florestas*. 2006.

<sup>187</sup> REGO, F. M. C. C., PAIS, N. L. - *Plano de Ordenamento e Gestão da Mata Nacional do Buçaco*, coord. Nuno Lecoq, 2007, pp. 141-285.

<sup>188</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>189</sup> Lei nº 33/96 de 17 de Agosto.

<sup>190</sup> Aprovado pelo Decreto Regulamentar n.º 15/2006, de 19 de Outubro.

<sup>191</sup> Capítulo III, art. 8º do Decreto Regulamentar n.º 15/2006, de 19 de Outubro.

<sup>192</sup> Decreto Regulamentar n.º 15/2006, de 19 de Outubro.

<sup>193</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>194</sup> Capítulo III, art. 13º do Decreto Regulamentar n.º 15/2006, de 19 de Outubro.

f) Ordenamento dos espaços de recreio;

g) Melhorar a gestão florestal.”

Pontos Fortes:	Pontos Fracos:
• Sub-região com características muito favoráveis ao desenvolvimento florestal, nomeadamente de folhosas	• Fraco associativismo florestal
• Sub-região de elevado valor biogenético	• Elevada pressão humana
• Multifuncionalidade da floresta - Componente florestal encontra-se fortemente associada à actividade turística	• Susceptibilidade aos incêndios florestais em especial provenientes da encosta sul
• Elevado valor paisagístico	• Elevada pressão imobiliária
• Possibilidade de aproveitamento da biomassa florestal residual	• Elevada susceptibilidade a processos erosivos
• Existência de património paisagístico e arquitectónico próximo de um grande centro populacional inserido numa paisagem florestal	• Área florestal ocupada por invasoras lenhosas
• Elevada procura turística, nacional e internacional	

**Quadro 8:** Pontos Fortes e Pontos Fracos da Área Florestal sintrense.

Objectivos gerais	Descrição dos objetivos gerais
Conservar/ recuperar povoamentos florestais autóctones	<b>Manter e melhorar a gestão florestal:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conservar e valorizar o coberto vegetal sintrense</li> <li>- Conservar e valorizar os parques de Sintra</li> <li>- Substituir de forma progressiva as espécies tomadas como inadequadas por espécies de maior interesse</li> <li>- Substituir de forma progressiva a vegetação infestante assim como controlar os seus povoamentos</li> <li>- Implementação de um Plano de Erradicação de invasoras lenhosas, tal como estipulado no PROF-AML</li> <li>- Recuperar e criar novas estruturas necessárias à gestão e manutenção do coberto florestal</li> <li>- Elaborar medidas de prevenção contra incêndios a ser complementadas com a legislação existente.</li> </ul>
Promover a regeneração natural das áreas com vegetação climácica	
Reduzir os riscos de incêndio	
Manter em conta a classificação de “Mata modelo”, actuando no sentido de permitir a manutenção desse estatuto.	
Ter-se em conta o articulado da Estratégia Nacional para as Florestas assim como as projecções referenciadas no PROF-AML	
Compatibilizar as estratégias delineadas com os instrumentos de planeamento territorial	
Continuar o processo de florestação e gradual limpeza de infestantes	
Manter e aumentar as áreas de vegetação climácica	<b>Manter e valorizar a biodiversidade:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Adequar a gestão de conservação dos habitats, da fauna e da flora</li> <li>- Identificar, manter e melhorar as populações de</li> </ul>
Recuperar as linhas de drenagem natural, promovendo o corte e a limpeza dos exemplares de espécies invasoras em pelo menos 5m para cada lado das margens	

Continuação na página seguinte.

Diligenciar para que se contrarie, preventivamente, o risco de incêndio	espécies de interesse, evitando o seu declínio e tomada por espécies invasoras
Transportar as estratégias delineadas no presente plano para o PDM de Sintra, agora em revisão	- Promover a gestão sustentada da paisagem

**Quadro 9:** Objectivos gerais do Plano de Gestão Integrado para a Área Florestal sintrense.

#### 4.2.3.1.1 Objectivos específicos

##### Reflorestação e controlo de espécies

Iniciadas as plantações no século XIX conforme já mencionado no capítulo 2, espécies como o pinheiro-bravo e o eucalipto foram sendo introduzidas na envolvente desta unidade. Estas duas espécies constituem-se como uma mancha que contrasta com a diversidade biológica que caracteriza a área florestal desta unidade, possuindo inclusivamente grande combustibilidade e por isso facilitando a propagação de fogos (sendo esta uma área de risco), sendo o pinheiro susceptível perante o nemátodo da madeira (devendo aplicar-se o princípio da precaução), e inibindo ainda o desenvolvimento das espécies autóctones da região. Tendo ainda em conta as orientações constantes no PROF AML relativamente a esta temática, deverá proceder-se à sua substituição sempre que possível (que deverá ser monitorizada e controlada) e de principal incidência sobre áreas que não sejam de exploração silvícola. Dever-se-á utilizar espécies de maior adequação e correspondentes à mata original, como por exemplo: *Quercus suber* L., *Quercus faginea* Ten., *Quercus pyrenaica* Willd., *Castanea sativa* Mill., *Cupressus lusitanica* Lindl. ex Parl., *Laurus nobilis* L., *Arbutus unedo* L., *Ilex aquifolium* L., *Dianthus cintranus* Boiss. & Reut., *Silene cintrana* Rothm., *Hypericum androsaemum* L., *Polygonatum odoratum* (Mill.) Druce., *Primula acaulis* Hill., *Ulex europaeus* L. subs. *latebracteatus*, ou *Paeonia lusitanica* Mill. (espontânea nos matos da Serra)<sup>195</sup>, sendo ainda consideradas pelo PROF-AML<sup>196</sup>: *Frangula alnus* Mill., *Prunus lusitanica* L., *Quercus rubra* L., *Prunus avium* (L.) L., *Fraxinus angustifolia* Vahl, *Juglans regia* L., *Acer pseudoplatanus* L., *Tamarix africana* Poir., sendo que outras espécies podem ser consideradas, quando as condições edafo-climáticas assim o justifiquem. Isto contribuirá para a criação das condições necessárias à reintrodução dos endemismos sintrenses, devendo existir especial controlo e manutenção sobre as áreas, que poderão facilmente ser tomadas por espécies invasoras.

Espécie	Função/ modelo silvícola a incentivar	Actualidade   2025   2045(%)
Pinheiro-bravo	-----	74   50   25
Pinheiro-manso	Povoamento puro de pinheiro-manso com função de protecção.	0   3   5

<sup>195</sup> CABRAL, Francisco Caldeira, *Sintra, Património Cultural e Natural – Conferência proferida a convite da Associação de Defesa do Património de Sintra*. Palácio de Valenças, Sintra, 1989, p. 5.

<sup>196</sup> Art. 25º alínea 3 do Decreto Regulamentar n.º 15/2006, de 19 de Outubro.

Eucalipto	-----	12   5   0
Sobreiro	Povoamento puro de sobreiro com função de protecção. Povoamento puro de sobreiro com função de conservação.	0   5   10
Outros carvalhos	Povoamento puro de carvalho-alvarinho com função de conservação.	1   5   15
Outras resinosas	-----	3   10   15
Outras folhosas	Povoamento puro de castanheiro com função de produção.	10   22   30

**Quadro 10:**Regime de florestação com vista a um plano de reflorestação até 2045, proposto segundo o PROF-AML.

### Combate a espécies invasoras

Espécies invasoras como *Arundo donax*, *Pittosporum undulatum*, *Acacia dealbata*, *Acacia longifolia*, *Acacia melanoxylon*, *Hakea salicifolia*, *Hakea sericea*, *Cortaderia Selloana*, ou *Carpobrotus edulis*, têm prosperado pelo abandono dos terrenos agrícolas, desadequada reflorestação após incêndios ou limpezas mal realizadas das matas, facilmente ocupando áreas livres de biótipos, e dificultando a sua reintrodução<sup>197</sup>. A implementação de um Plano de Erradicação de Invasoras Lenhosas, que funcione a médio/ longo prazo é por isso fundamental. Deverá proceder-se ao arranque e abate gradual destas espécies, acompanhados de tratamento com herbicida e arbusticida, a repetir até o banco de sementes no solo estar esgotado, e sob constante monitorização. Vegetação autóctone e mais adequada deve ser introduzida, preferencialmente após conclusão das primeiras operações, permitindo assim uma gradual substituição<sup>198</sup>.

### Protecção e salvaguarda das linhas de água

A unidade de paisagem da Serra de Sintra, como observado já em fase de diagnóstico, possui uma rede hidrográfica significativa, que tem como função o encaminhamento e correcto escoamento das águas superficiais serranas, que no Inverno tomam inclusivamente regime torrencial. Será por isso de particular importância que se incite a preservação e protecção destas linhas de água, evitando assim conflitos de maior, muito nomeadamente o arrastamento de matéria e a consequente erosão. A linha de água de maior relevância será a Ribeira de Colares, susceptível à ocorrência de cheias, devendo para tal promover-se a existência e manutenção da sua galeria ripícola, recorrendo ao uso de espécies adequadas, como: *Crataegus monogyna*Jacq., *Nerium oleander*L., *Sambucus nigra*L., *Securinega tinctoria*Rothm., *Alnus glutinosa*(L.) Gaertn., *Fraxinus angustifolia*Vahl., *Populus alba*L., *Populus nigra*L.,

<sup>197</sup> A. Filipe Saraiva – Arquitecto Paisagista – Recuperação da Paisagem Cultural de Sintra. [Em linha]. [Consult. 25 Jul. 2012]. Disponível na WWW:<URL: <http://afilipesaraiva.blogspot.pt/2011/04/trabalho-academico-recuperacao-da.html>>.

<sup>198</sup> REGO, F. M. C. C., PAIS, N. L. - *Plano de Ordenamento e Gestão da Mata Nacional do Buçaco*, coord. Nuno Lecoq, 2007, pp. 141-285.

*Salix alba*Thunb. e *Salix fragilis*L.<sup>199</sup>.Esta prática, no entanto, deverá ter aplicabilidade também nas restantes linhas de água do território.

### **Constituição de um viveiro**

A existência de um viveiro seria essencial<sup>200</sup>, tanto pela produção de espécies adequadas à situação sintense, como pelo rápido acesso aquando de necessidade, tornando a gestão da área florestal sustentável, e independente de entidades exteriores, podendo inclusivamente fornecer visitantes e outras entidades, tornando-a também lucrativa, para além de um terceiro aspecto lúdico e educacional. A formalização de uma lista de espécies cuja presença fosse fundamental devia, assim, ser desenvolvida, e à qual se recorresse aquando de uma necessidade de substituição, ou acções de florestação após combate a infestantes ou de áreas ardidas. Mantendo os ideais de sustentabilidade, dever-se-á também produzir o composto que servirá estas plantações, através da utilização de “folhada” proveniente da limpeza de caminhos, parques e outras áreas ajardinadas<sup>201</sup>.

### **Controlo e gestão de incêndios e áreas ardidas**

Sintra é um dos municípios com maior risco de incêndio da AML<sup>202</sup>. A perda irreparável que seria o efeito de um grande incêndio nesta paisagem classificada, torna-se assim de particular importância, e por isso uma das prioridades máximas do presente plano de gestão. Como tal propõe-se:

- Investigação, identificação e monitorização de situações de maior risco de ignição (inclusivamente em sede de Plano de Defesa da Floresta [PDF]), estabelecendo adequadamente e atempadamente medidas de prevenção
- Sensibilização das populações para a prevenção dos incêndios florestais, e tendo em conta o número de ocorrências por acção humana
- Implementar em sede de PDF medidas de restrição de acesso aos espaços florestais em dias de maior risco de incêndio<sup>203</sup>.

Para áreas ardidas, deverá ainda ser considerado de igual importância a continuação das atitudes já tomadas sobre o território em sede de um Plano de Gestão de Áreas Ardidas, que oferece já soluções eficientes a longo prazo para a correcta recuperação do património natural ardido, no seu todo de

---

<sup>199</sup> A. Filipe Saraiva – Arquitecto Paisagista – Recuperação da Paisagem Cultural de Sintra. [Em linha]. [Consult. 25 Jul. 2012]. Disponível na WWW:<URL: <http://afilipesaraiva.blogspot.pt/2011/04/trabalho-academico-recuperacao-da.html>>.

<sup>200</sup> REGO, F. M. C. C., PAIS, N. L. - *Plano de Ordenamento e Gestão da Mata Nacional do Buçaco*, coord. Nuno Lecoq, 2007, pp. 141-285.

<sup>201</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>202</sup> Análise constante no PROF-AML: Art. 44º, Decreto Regulamentar n.º 15/2006 de 19 de Outubro. [Em linha]. [Consult. 25 Jul. 2012]. Disponível na WWW:<URL:<http://dre.pt/pdf1sdip/2006/10/20200/72567274.pdf>>. Ver ainda Peça Desenhada 15: Áreas ardidas nos concelhos de Sintra e Cascais entre 1995-2008.

<sup>203</sup> Tal como no caso do Parque Nacional de Białowieża, muitas vezes é necessário condicionar e restringir o número de visitantes, assim como condicionar o seu comportamento em determinados locais, cuja susceptibilidade assim o justifique.



extrema importância dado o contexto da maior sensibilidade<sup>204</sup>. A recuperação e criação de novos caminhos florestais, que facilitem não só a mobilidade e fluxo pedonal, mas também o acesso e mobilidade por máquinas e veículos de manutenção e de combate a incêndios é por isso também fundamental, enunciando-se como estratégia a integrar no Plano de Gestão que consta das intenções da presente dissertação.

### **Paisagem, património e recreio**

Conforme já mencionado, os valores naturais são directamente associados ao bem-estar humano<sup>205</sup>, podendo na área florestal desenvolver-se uma grande variedade de actividades lúdicas ou ligadas ao lazer. No entanto, a susceptibilidade destas áreas levam à necessidade de criação de estratégias de prevenção, devendo por isso ser garantido<sup>206</sup>:

- Elaboração de um estudo de avaliação da capacidade de carga na área florestal sintense que fundamente o suporte das actividades aqui correntes;
- Monitorização permanente da pressão humana nestes espaços;
- Criação de um código de conduta para a fruição dos espaços florestais de lazer.

### **Manutenção das áreas agrícolas**

O carácter agrícola e rural desta paisagem tem, muitas vezes, sido desprezado, muito pela crescente pressão urbanística a que aquela área está sujeita, trazendo em si como consequências o incorrecto uso do solo, por motivos turísticos e para habitação, actividades mais rentáveis<sup>207</sup> e que contribuem, assim, para uma gradual perda de identidade. De entre as consequências demarca-se a invasão dos terrenos cultiváveis por espécies como *Arundo donax*, utilizada na compartimentação dos campos e na sua protecção contra os ventos marítimos, a desagregação dos muros de pedra seca que permitiam a compartimentação e divisão do território em courelas, prática típica da região, à qual se lhe acrescenta o desaparecimento gradual dos pomares que antes abasteciam a capital<sup>208</sup>, e que quebra a dinâmica existente entre os dois núcleos urbanos. Os terrenos contíguos às linhas de água, com especial importância sobre a Ribeira de Colares, deverão integrar planos de reabilitação, recuperando-se o seu carácter produtivo, devendo o seu bordejamento fazer-se com recurso às mesmas espécies da galeria ripícola. O carácter agrícola deverá ainda ser mantido na vertente exposta a Sul, devendo garantir-se a conservação dos muros de pedra tradicionais, para além do bordejamento do território com *Prunus*

---

<sup>204</sup> *Recuperação das áreas ardidas do Parque Natural Sintra-Cascais*. [Em linha]. [Consult. 25 Jul. 2012]. Disponível na WWW:<URL: <http://naturlink.sapo.pt/Noticias/Noticias/content/Recuperacao-das-areas-ardidas-do-Parque-Natural-Sintra-Cascais?bl=1>>.

<sup>205</sup> REGO, F. M. C. C., PAIS, N. L. - *Plano de Ordenamento e Gestão da Mata Nacional do Buçaco*, coord. Nuno Lecoq, 2007, pp. 141-285.

<sup>206</sup> *Idem*, *Ibidem*.

<sup>207</sup> *Plano Verde do Concelho de Sintra*, 2ª Fase, Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista “Prof. Caldeira Cabral”. Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2008, p. 34.

<sup>208</sup> A. Filipe Saraiva – Arquitecto Paisagista – *Recuperação da Paisagem Cultural de Sintra*. [Em linha]. [Consult. 25 Jul. 2012]. Disponível na WWW:<URL: <http://afilipesaraiva.blogspot.pt/2011/04/trabalho-academico-recuperacao-da.html>>.

*spinosa*, prática também característica desta região<sup>209</sup>. A área vitivinícola de Colares, demarcada desde 1908<sup>210</sup>, está a sofrer também um gradual abandono, muito pelo custo da mão-de-obra, aliado aos elevados custos de produção. Deverão revitalizar-se as tradicionais vinhas de “chão de areia”, prática que em muito tem contribuído para a preservação dos recursos naturais e sobretudo da paisagem<sup>211</sup>, devendo garantir-se a tradicional protecção com recurso a paliçadas de *Arundo donax*, podendo ainda utilizar-se a plantação irregular de maçã-reineta por entre a vinha, que não deve exceder os 1.50m ou 1.80m<sup>212</sup>, e que funcione igualmente como sebe de protecção. A preservação das técnicas tradicionais é questão de primeira ordem, numa aplicação no entanto adequada à situação actual, devendo aplicar-se nesta região conhecimento e prática de modo a criar um produto de qualidade certificada, rentável e por isso sustentável. Os terrenos agrícolas ou com aptidão para tal e também outros espaços não edificados deverão ser alvo de planos de reabilitação ou reconversão, consoante a sua maior adequação ao contexto actual, devendo utilizar-se como base o estudo desenvolvido pelo CEAP<sup>213</sup>, e considerando ainda o elevado valor ecológico dos solos em determinadas áreas, e cuja acção essencial seria a preservação da sua aptidão agrícola, salvaguardando, assim, o correcto uso dos solos<sup>214</sup>.

#### 4.2.3.2 Manutenção do património arquitectónico e arqueológico

O município de Sintra assistiu, essencialmente entre os anos 70 e 90, a um crescimento urbano disperso e descontínuo, consequência do melhoramento em termos de eficiência na gestão de infraestruturas, equipamentos e espaço público, que se deu um pouco por todos os concelhos das áreas metropolitanas<sup>215</sup>. Dá-se como consequência do impulso de principalmente promotores privados, tendo sido esta a causadora das maiores alterações na paisagem<sup>216</sup>. Segundo a CMS, a inversão dos efeitos e consequências desta tendência só se conseguirá através da alteração de perímetros pensados numa lógica de maior estruturação urbana interna e de reforço da rede municipal de aglomerados urbanos. De facto, o correcto uso do solo e a sua contenção para usos urbanos, assim como a existência de estratégias que visem a consolidação e estruturação dos aglomerados existentes assumem, actualmente, um papel da maior relevância, podendo um correcto delineamento proporcionar a médio/longo prazo a sustentabilidade e coesão necessárias<sup>217</sup>. Analisando os IGT actualmente em vigor, muito nomeadamente

---

<sup>209</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>210</sup> Câmara Municipal de Sintra – Sintra e a sua História [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.cm-sintra.pt/pgcdr/pg/intro.html>>.

<sup>211</sup> Instituto da Conservação da Natureza - *Relatório do Plano de Ordenamento do Parque Natural de Sintra-Cascais*. Ministério das Cidades, Ordenamento do Território e Ambiente, 2003.

<sup>212</sup> A. Filipe Saraiva – Arquitecto Paisagista – Recuperação da Paisagem Cultural de Sintra. [Em linha]. [Consult. 25 Jul. 2012]. Disponível na WWW:<URL: <http://afilipesaraiva.blogspot.pt/2011/04/trabalho-academico-recuperacao-da.html>>.

<sup>213</sup> Base digital desenvolvida pelo: *Plano Verde do Concelho de Sintra*, 2ª Fase, Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista “Prof. Caldeira Cabral”. Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2008, p. 39.

<sup>214</sup> Ver Peça Desenhada 16: Valor Ecológico dos Solos.

<sup>215</sup> Câmara Municipal de Sintra – *Relatório Fundamentado de Avaliação da Execução do Plano Director Municipal – Quantificação dos Compromissos e da Reserva Urbanística*. Divisão do Plano Director Municipal de Sintra, Sintra, 2012, p. 5.

<sup>216</sup> *Idem*, p. 13.

<sup>217</sup> *Idem*, p. 6.

o PDM de Sintra<sup>218</sup>, poderá concluir-se que o seu predisposto foi delineado como uma projecção e previsão face à dinâmica sentida na altura e ao quadro legislativo que serviu de referência à sua elaboração<sup>219</sup>, não conseguindo por isso actualmente continuar a fazer face às condicionantes impostas pela condição de ocupação e ordenamento actuais, sendo a sua revisão urgente<sup>220</sup>.

Objectivos gerais	Descrição dos objectivos gerais
Promover o conhecimento, a divulgação e a recuperação do património edificado e desenvolver diligências para o tornar sustentável.	Conservar e salvaguardar o património edificado
	Requalificar património degradado ou em risco de degradação
	Reconversão de estruturas edificadas obsoletas ou expectantes para usos de maior adequação

**Quadro 11:** Objectivos gerais do Plano de Gestão Integrado para a manutenção do património edificado.

#### 4.2.3.2.1 Objectivos específicos

##### Requalificação de Quintas de elevado valor cultural e patrimonial

O Plano Verde de Sintra dá a conhecer a lista das Quintas de Sintra. Igualmente, mostra que muitas delas, quer propriedade de privados, quer propriedade da autarquia, grande parte desconhecidas na sua grande generalidade, para além de elevado valor cultural, estão degradadas<sup>221</sup>. Dever-se-á integrar a requalificação e recuperação destes bens nas estratégias de gestão desta paisagem, revitalizando o seu carácter identitário, incluindo-as ainda em roteiros de visita, garantindo-se o seu acesso pelo público, mesmo que somente durante um determinado período em caso de elementos de ordem privada ou cuja sensibilidade assim o condicione, em tudo como o já desenvolvido no continente americano, potenciado pela TCLF (The Cultural Landscape Foundation<sup>222</sup>). A inventariação e possível classificação como imóveis de interesse, de quintas e outros elementos de elevado valor cultural e patrimonial (como o exemplo de jardins históricos que complementem a estratégia proposta para as quintas), deverá ainda ser tida em consideração, devendo igualmente procurar-se incentivos à sua conservação, a par de actividades cujo propósito seja o dar a conhecer este património. A Carta<sup>223</sup> desenvolvida, e em função do acima exposto, contempla assim somente as quintas de elevado valor cultural e/ ou patrimonial, tanto pela sua relevância, como pela inexistência de dados substanciais sobre as muitas quintas que compõem as áreas classificadas e adjacentes.

<sup>218</sup> Implementado pelo Decreto-Lei n.º 69/99 de 2 de Março. [Em linha]. [Consult. 25 Jul. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.dre.pt/pdf1s/1999/03/060A00/13821391.pdf>>.

<sup>219</sup> *Idem*, *Ibidem*.

<sup>220</sup> O mesmo estará a entrar em revisão, tendo os seus objectivos sido já aprovados, conforme aferido em comunicação com os Arq.º Carlos Pinto e Arq.º Rui Rodrigues, Divisão do PDM de Sintra, Câmara Municipal de Sintra, a 3 Out. 2012. Tal revisão prevê já um melhor enquadramento da figura da Paisagem Cultural de Sintra, embora não se possa concluir sobre as acções futuramente projectadas e projectáveis, até à sua implementação.

<sup>221</sup> Lista de Quintas constante em: *Plano Verde do Concelho de Sintra*, 2ª Fase, Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista “Prof. Caldeira Cabral”. Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2008, pp. 69-70.

<sup>222</sup> Este organismo promove a abertura do património nacional ao público, conseguindo assim não só a sua divulgação e reconhecimento, como também uma contribuição na conservação dos bens. Disponível em: <http://tclf.org/>.

<sup>223</sup> Ver peça desenhada 17: Levantamento das Quintas de Elevado Valor Cultural e/ ou Patrimonial.

## **Manutenção e recuperação do parque edificado da Vila**

Grande parte do edificado da Vila de Sintra, principal núcleo turístico, encontra-se em moderado a acentuado estado de degradação, não sendo incomuns situações em que apenas o piso térreo está conservado, servindo ocupação comercial. Apesar de existir obrigatoriedade por parte da autarquia e privados em manter o seu património edificado, a falta de fundos para investimento leva ao constante incumprimento e inexistência de coimas. Propõe-se por isso a gradual e faseada recuperação deste edificado do núcleo da vila sintrense – dentro dos meios legais possíveis, frizando-se neste aspecto em particular o modo de financiamento como o maior entrave – e que deverá abordar intervenções como o melhoramento geral do estado de conservação do edificado, assim como a remoção de toldos e painéis publicitários – em tudo dissonantes com a génese identitária do local – devendo retomar-se fundos e programas como o agora suspenso RECRUA<sup>224</sup> e semelhantes, alargando-se ainda a acção do programa CORESINTRA (Conservação e Restauro de Edifícios de Sintra<sup>225</sup>) para uma resposta mais rápida e de maior abrangência, e apelando a programas externos como o já utilizado POLIS ou o Fundo de Turismo.

## **Consolidação dos núcleos habitacionais**

A reabilitação e renovação dos núcleos habitacionais deve ser uma das prioridades das estratégias propostas, fazendo face ao impacto deixado por anos de pressão urbanística que culminou no uso inadequado do solo, estando actualmente muitos núcleos em pleno crescimento sobre as vias de comunicação<sup>226</sup>, e ocupando por vezes solos de elevado valor ecológico que, pela sua génese, deveriam ser salvaguardados. Os núcleos e aglomerados habitacionais deverão por isso ser consolidados, com vista à sua contenção. Seguindo o estudo desenvolvido pelo CEAP, deverá ser tomado como urbanizável somente o solo que de alguma maneira permita a consolidação dos núcleos existentes<sup>227</sup>, permitindo não só a manutenção da sua individualidade e identidade, como também o ordenamento do território de modo sustentável, contribuindo para a continuidade dos sistemas naturais. Tal informação é contemplada na Carta seguinte, permitindo um olhar pertinente sobre a área edificada e edificável<sup>228</sup>.

## **Proposta de estruturas de utilização colectiva**

Muitas vezes surge a necessidade de adequar o local em infraestruturas, de modo a melhorar a capacidade de oferta, qualidade e suporte dos serviços turísticos, para que se obtenha um turismo

---

<sup>224</sup> Comunicação pelo Vereador do Turismo José Lino Ramos, Divisão do Turismo, Câmara Municipal de Sintra, (16 Maio. 2012).

<sup>225</sup> Regulamento do Programa “CORESINTRA” Conservação e Restauro de Edifícios de Sintra. [Em linha]. [Consult. 04 Out. 2012]. Disponível na WWW:<URL: <http://www.cm-sintra.pt/Artigo.aspx?ID=3427>>.

<sup>226</sup> A. Filipe Saraiva – Arquitecto Paisagista – Recuperação da Paisagem Cultural de Sintra. [Em linha]. [Consult. 25 Jul. 2012]. Disponível na WWW:<URL: <http://afilipesaraiva.blogspot.pt/2011/04/trabalho-academico-recuperacao-da.html>>.

<sup>227</sup> *Plano Verde do Concelho de Sintra*, 2ª Fase, Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista “Prof. Caldeira Cabral”. Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2008, p. 128.

<sup>228</sup> Ver Peça Desenhada 18: Aptidão à edificação.

proactivo e de desenvolvimento<sup>229</sup>. Prevê-se por isso como essencial a existência de um local de recepção e de reunião, que simultaneamente ofereça uma experiência lúdica e que contribua para o conhecimento daquela paisagem, para residentes (que revelam inclusivamente grande desconhecimento sobre a sua paisagem) e turistas, combatendo inclusivamente o facto destes últimos, usualmente, não terem conhecimento de actividades de âmbito cultural naquela paisagem<sup>230</sup>, muito por não lhes ser oferecida informação em momento e local oportuno (vindo muitas vezes em visita sem qualquer tipo de informação de base), e pela posição pouco estratégica do posto de turismo da Vila. Este local terá assim tradução pela criação de um Centro Interpretativo, e cuja localização deverá ser estrategicamente estudada. A casa da ex- JAE, em localização quase estratégica junto à entrada da Vila e recuperada pela PSMN, foi o local escolhido para reconversão num local de divulgação e promoção da Paisagem Cultural de Sintra<sup>231</sup>, que serve de ponto de iniciação e de onde deverão partir percursos desenvolvidos naquela paisagem. É ainda um espaço de recepção ao turista<sup>232</sup>, permitindo-lhe conferir a informação necessária à mobilidade no local, que nem sempre lhe é disponibilizada, não usufruindo em pleno da paisagem quando a visita, tanto em desconhecimento da riqueza patrimonial sintrense, como em reconhecimento de estabelecimentos hoteleiros, conforme foi aferido através de inquérito.

As pequenas edificações de guardas florestais, assim como outras estruturas edificadas obsoletas ou em degradação poderão também ser recuperadas e reconvertidas para uso público, podendo assumir variadas funções, como sendo o turismo rural, apoio a actividades desportivas, ou outro tipo de edificação de carácter lúdico e/ ou educativo, não devendo por isso a sua existência e génese ser desprezadas.

### **Manutenção e recuperação de outros elementos construídos**

Em Sintra muitos são os elementos construídos de valor cultural e patrimonial cuja manutenção, conservação e recuperação deveriam ser prioritários. Os muros em ruína, típicos e característicos desta região, deverão ser alvo de reabilitação, em particular os muros das Tapadas de D. Fernando II, do Mouco e do Palácio de Monserrate<sup>233</sup>. As Tapadas e outros locais de interesse e valor cultural e patrimonial deverão também ser alvo de projectos de requalificação e, em alguns casos em particular, de reconversão, de modo a inverter a situação de abandono e degradação a que muitos destes elementos estão sujeitos. A atribuição de utilização pública a estes espaços, à semelhança do acima proposto para Quintas de elevado valor cultural e/ ou patrimonial, onde se poderá desenvolver uma grande variedade de actividades culturais, recreativas, lúdicas e educativas, é também uma estratégia fundamental, sendo que

---

<sup>229</sup> BURMESTER, Andrea, ENGELS, Barbara et al. - Extracts from the BfN-Workshop Report: Tourism Planning and Management for World Natural Heritage Sites in Europe, Vilm, 2007. In GALLAND, Pierre, ANDRIAN, Giorgio, et al. - *Preserve World Heritage*. Kerstin Manz and Mechtild Rössler, Germany, 2008, pp. 32-34.

<sup>230</sup> Observável através dos resultados estatísticos obtidos por inquérito.

<sup>231</sup> Comunicação do Presidente da PSMN António Lamas, aquando do seminário *Património Cultural e Natural Sintra*, Quinta da Regaleira, 21 de Maio de 2012.

<sup>232</sup> Informações para Turistas em Sintra – Info Parques de Sintra. [Em linha]. [Consult. 04 Out. 2012]. Disponível na WWW:<URL: <http://www.bigviagem.com/informacoes-para-turistas-em-sintra-info-parques-de-sintra/>>.

<sup>233</sup> A. Filipe Saraiva – Arquitecto Paisagista – Recuperação da Paisagem Cultural de Sintra. [Em linha]. [Consult. 25 Jul. 2012]. Disponível na WWW:<URL: <http://afilipesaraiva.blogspot.pt/2011/04/trabalho-academico-recuperacao-da.html>>.

a atribuição de uma função faz do bem um espaço sustentável, capaz de proporcionar a sua própria manutenção. O restauro das estufas existentes na Tapada de D. Fernando II poderia ainda integrar a criação do viveiro mencionado acima, podendo este notável elemento ser utilizado simultaneamente como um precioso recurso para a área florestal onde se insere. Um centro de interpretação florística e faunística poderia também ganhar expressão no mesmo local. Será também relevante a requalificação de jardins e parques sintrenses, devendo ser disponibilizados ao público e podendo ainda integrar a criação de um jardim ou parque botânico, complementando as actividades já desenvolvidas nos parques.

Outros elementos construídos de igual relevância embora muitas vezes desprezados, como a rede de minas sintrense, em degradação (muito por desconhecimento), deveriam ainda ser alvo de limpeza e restauro, podendo vir a integrar e retomar funções essenciais como o abastecimento de água a um conjunto de pequenas represas para o combate a incêndios na Serra<sup>234</sup>, apoio às actividades agrícolas, ou para introdução na rede pública de abastecimento de água, sendo essencial a manutenção do ideal de recuperação do carácter funcional destes elementos.

#### **4.2.3.3 Promoção do uso e da participação pública**

A constante presença, reconhecimento e redescobrimto das tradições e história das populações, pode ser utilizada como uma ferramenta eficiente na gestão e planeamento, contribuindo para o desenvolvimento e modernização do local. A actual destradicionalização e práticas turísticas não sustentáveis surgem por isso como uma problemática, correndo-se o risco de perda da identidade do local – já que é nas comunidades locais que se revê o seu património imaterial – e desventrando, ainda, a forma como o local é vivido, passando a existir uma relação sem qualquer proximidade ou troca de experiências. No entanto, as Paisagens Culturais não são “*meros utensílios de entretenimento e consumo dos tempos modernos*”<sup>235</sup>, tornando-se por isso relevante a inclusão das populações na gestão e promoção do património. A população deverá ser incluída nos processos de conservação e salvaguarda do património, num papel participativo e não somente como espectador, contribuindo para a melhoria da relação entre estas populações e o meio, podendo inclusivamente esta estratégia potenciar o desenvolvimento económico e o investimento<sup>236</sup>. Esta estratégia permitiria um maior controlo e interesse pelo espaço, contribuindo por isso para a diminuição da hipótese de acontecimento de questões como incêndios, degradação do parque habitacional e outras questões de igual relevância<sup>237</sup>. Evitaria ainda muitas das críticas e conflitos por parte da população sobre determinadas acções no território, e que normalmente surgem por desconhecimento, permitindo ainda fomentar um método de gestão mais

---

<sup>234</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>235</sup> COSTA, Cláudia, *Paisagens Culturais: Memória de uma identidade colectiva para o futuro. Caso Estudo: Deserto Carmelita do Bussaco*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagista, Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, 2011, p. 43.

<sup>236</sup> Comunicação da docente da ESHT Gabriela Carvalho sobre a temática *Património Cultural e Interpretação Turística*, aquando do seminário *Património Cultural e Natural Sintra*, Quinta da Regaleira, 21 de Maio de 2012.

<sup>237</sup> REGO, F. M. C., PAIS, N. L. - *Plano de Ordenamento e Gestão da Mata Nacional do Buçaco*, coord. Nuno Lecoq, 2007, pp. 141-285.

dinâmico, activo e participativo, contribuindo para o desenvolvimento do interesse das populações pela “sua” paisagem. Sessões de discussão abertas, acções de promoção e de divulgação aos mais vários níveis deverão por isso constar das estratégias a integrar no Plano de Gestão Integrado que aqui se considera, e como se poderá contemplar na continuidade da leitura das estratégias aqui propostas.

#### 4.2.3.4 Desenvolvimento turístico e regional

O turismo retrata-se como um fenómeno intangível, podendo apenas ser observado e vivido no acto do consumo, surgindo pela interacção simultânea de vários sistemas<sup>238</sup>. Muitos sítios, após a sua classificação, aumentaram exponencialmente o número de visitas, concluindo-se sobre a importância do estatuto de património reconhecido, como um verdadeiro pólo de atractividade. No entanto, poucos são os sítios classificados como Património Mundial que possuem definidas estratégias a longo prazo para um turismo sustentável, e que sirvam de suporte a uma visão estratégica global e uma gestão equilibrada<sup>239</sup>. Falta por isso renovar o olhar sobre o património e sobre o cariz cultural dos bens, associando-o numa relação directa com uma equilibrada capacidade de gestão e conservação e o seu papel como destino turístico, diminuindo o desenvolvimento associado ao turismo em massa<sup>240</sup>. O turismo de massas, como em tudo serve o exemplo sintrense, demonstra um carácter e consequências nocivas para a paisagem que o sustenta, colocando ou podendo vir a colocar em causa a integridade do sítio e o seu reconhecido valor universal, e que vem acompanhado, muitas vezes, de fraca regulamentação e sensibilidade por parte dos órgãos gestores. Seguir o exemplo de casos de sucesso, e analisar as estratégias tomadas, como o caso de Ohrid, na antiga República Jugoslava da Macedónia<sup>241</sup>, pode fazer parte de uma estratégia conseguida.

Apesar da existência de problemáticas com alguma expressão, já enunciadas no Capítulo 1, na Europa a gestão de Paisagens Culturais acaba por se ver mais facilitada que em outras partes do mundo, muito pela existência de uma variedade de fundos europeus e governamentais que podem garantir uma fundação estável para a gestão - embora alguns destes recursos financeiros não sejam muitas vezes atribuídos aos pontos de maior necessidade, e muitos outros programas de apoio não consigam assegurar a sustentabilidade a longo prazo. No entanto, muitos são os sítios cuja multiplicidade de tarefas a integrar em gestão, tenham necessidade de recurso a outras fontes de financiamento, tais como

---

<sup>238</sup> Beni, 2002, pp.18. In DUARTE, Marta - *O Turismo na Paisagem Cultural de Sintra*. Dissertação de Mestrado em Turismo, Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, s.m., 2010, p.13.

<sup>239</sup> BURMESTER, Andrea, ENGELS, Barbara et al. - Extracts from the BfN-Workshop Report: Tourism Planning and Management for World Natural Heritage Sites in Europe, Vilm, 2007. In GALLAND, Pierre, ANDRIAN, Giorgio, et al. - *Preserve World Heritage*. Kerstin Manz and Mechthild Rössler, Germany, 2008, pp. 32-34.

<sup>240</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>241</sup> *Idem, Ibidem*: No caso enunciado, o turismo, proactivo e planeado de modo sustentável, tem-se mostrado benéfico para a conservação do local, que se desenvolve sustentado e sob a marca de um sítio classificado como Património Mundial, que lhe aumenta a visibilidade.

donativos ou receitas ligadas ao turismo<sup>242</sup>, como inclusivamente se observa no caso de estudo, em que a PSML recorre maioritariamente às receitas geradas, não possuindo apoio estatal. É da maior importância tomar uma abordagem de proximidade e que permita identificar a significância dos valores desta paisagem para o turismo, que permitam a sua plena vivência em vez de uma limitação ou a constituição de um conjunto de restrições. O sucesso na gestão será alcançado aquando de uma maior interligação dos sítios com a sua envolvente, e muito nomeadamente com as condições e impactos ambientais, sociais e económicos, e o desenvolvimento em benefício das comunidades locais. O turismo poderá, assim, contribuir para o desenvolvimento e economia regionais, a nível de recursos e promoção que advém dessa indústria, assim como para maximizar a educação sobre aquela paisagem, e o seu desenvolvimento sustentável<sup>243</sup>. Para o caso nacional, o turismo é de facto uma das actividades de maior importância, assumindo-se como um dos maiores impulsionadores económicos, representando cerca de 11% do Produto Interno Bruto (PIB), e cerca de 10% do emprego<sup>244</sup>.

## Turismo Cultural

O Turismo cultural é definido como *“form of tourism whose object is, among other aims, the discovery of monuments and sites. It exerts on this last a very positive effect insofar as it contributes – to satisfy its own ends – to their maintenance and protection. This form of tourism justifies in fact the efforts which said maintenance and protection demand of the human community because of the socio-cultural and economic benefits which they bestow on all the populations concerned”*<sup>245</sup>, observando-se em Sintra e nas suas peculiaridades, o seu expoente máximo. De facto, o consumo de cultura esteve desde sempre interligado com a prática do turismo, sendo a procura cultural um acto antigo e recorrente e que se revia já no período romano, pelo demarcado interesse na história e cultura gregas e egípcias, ou até nos peregrinos, através de uma prática de assimilação de saberes e costumes<sup>246</sup>. A OMT, que distingue o turismo cultural como uma mistura de interesses segundo os estilos de vida singulares, assume ainda que *“using culture as vehicle for sustainable tourism development is now becoming an important item in the priorities of public policy planners”*<sup>247</sup>, reforçando-se aqui a prioridade desta actividade, que assume uma cada vez maior importância.

---

<sup>242</sup> Comunicação do Presidente da PSML António Lamas, aquando do seminário *Património Cultural e Natural Sintra*, Quinta da Regaleira, 21 de Maio de 2012.

<sup>243</sup> BURMESTER, Andrea, ENGELS, Barbara et al. - Extracts from the BfN-Workshop Report: Tourism Planning and Management for World Natural Heritage Sites in Europe, Vilm, 2007. In GALLAND, Pierre, ANDRIAN, Giorgio, et al. - *Preserve World Heritage*. Kerstin Manz and Mechthild Rössler, Germany, 2008, p. 32.

<sup>244</sup> DUARTE, Marta - *O Turismo na Paisagem Cultural de Sintra*. Dissertação de Mestrado em Turismo, Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, s.m., 2010, pp. 15.

<sup>245</sup> ICOMOS (1976) – *Charter of Cultural Tourism*. [Em linha]. [Consult. 25 Maio 2012]. Disponível em URL: <[http://www.icomos.org/tourism/tourism\\_charter.html](http://www.icomos.org/tourism/tourism_charter.html)>.

<sup>246</sup> GOELDNER, Charles, MCINTOSH, Robert W. - *Turismo: princípios, práticas e filosofias*. Bookman, Porto Alegre, 1990, pp. 23-191.

<sup>247</sup> OMT (2004) – *Seminar 7-9 June 2004*. [Em linha]. [Consult. 03 Agosto 2012]. Disponível em URL: <<http://pub.unwto.org/WebRoot/Store/Shops/Infoshop/Products/1391/1391-1.pdf>>.



- "1. A importância comercial do turismo deve ser reconhecida, não obstante o facto de muitas vezes os turistas não se impressionarem com o esforço necessário à manutenção e gestão de um espaço. O turismo não pode descurar o impacto da cultura e do que o seu consumo pode influenciar determinada área.*
- 2. Uso correcto do Património Cultural: Passa por manter a identidade e ainda conservar todo o valor intrínseco de cada lugar, não esquecendo o facto de que os visitantes são também utilizadores.*
- 3. Consumo de experiências e produtos: O turista cultural deseja consumir experiências. É também imprescindível transformar o consumo em produtos de cariz turístico-cultural.*
- 4. O Turista: A decisão de um destino pressupõe um levantamento de informações que vão criando expectativa no turista. Importa assim interagir com o potencial cliente antes de haver consumo."*

**Quadro 12:** Elementos que abrange o Turismo Cultural. Adaptado do presente em MCKERCHER, Bob e CROS, Hilary du - *Cultural Tourism: The Partnership between Tourism and Cultural Heritage Management*. The Haworth Press, New

A obrigatoriedade de integrar património às práticas turísticas, de modo sustentável, é por isso fundamental, devendo ser desenvolvidas políticas que permitam a criação de oportunidades económicas e sociais através do património, permitindo gerar emprego, e contribuir ainda face aos custos de preservação através das receitas obtidas<sup>248</sup>. Reconhece-se, no entanto, que qualquer actividade turística a desenvolver nestas áreas de extrema sensibilidade e complexidade deve ser, para além de sustentável, adaptada à condição onde se desenvolve, ao que se deve ainda enquadrar estratégias que permitam um conhecimento menos linear e mais abrangente do espaço, numa experiência muito mais rica.

Benefícios e malefícios das actividades turísticas	
Impactos positivos	Impactos negativos
Meio de protecção das culturas	Criação de maus hábitos para a sociedade em termos sócio culturais
Recuperação de celebrações e tradições esquecidas	Vandalismo, desgaste do património material, poluição e compactação do solo em termos físicos
Ferramenta para consolidar a conservação quando bem aplicada	Inflação, superdependência, perda monetária, baixo rendimento em termos económicos
Aumento de receitas a nível regional, criação de possíveis postos de trabalho	Ruído e poluição

**Quadro 13:** Impactos positivos e negativos que advêm do turismo, adaptado de: TIMOTHY, Dallen J., NYAUPANE, Gyan P., *Cultural heritage and Tourism in the developing World – A Regional Perspective*, 1ªed. USA e Canada, Routledge, 2009, ISBN: 978-0-203-87775-3, [S./vol.].

O turismo pode por isso ser utilizado como um método eficaz de promoção e preservação das paisagens e do património cultural e ainda de criação de receitas, no entanto, deve também aqui ser estimulada e desenvolvida uma metodologia, que deverá passar pela orientação a partir de propósitos como a divulgação e oferta de recursos de qualidade ao público, o respeito pela capacidade de carga do local,

<sup>248</sup> DUARTE, Marta - *O Turismo na Paisagem Cultural de Sintra*. Dissertação de Mestrado em Turismo, Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, s.m., 2010, p. 22.

garantia de meios de financiamento adequados, um planeamento e gestão equilibrados, e a promoção da participação activa do público<sup>249</sup>. Em 2009, foi desenvolvida pela CMS, em parceria com ATL e Turismo de Portugal (TP), a marca “Sintra, Capital do Romantismo”, e cujo principal objectivo seria o de fixar os turistas em Sintra por um período superior ao de um dia, através de acções e iniciativas envolvendo múltiplos intervenientes<sup>250</sup>. Implementada e desenvolvida em correspondência às expectativas do pretendido aquando da sua criação, vê a opção desta denominação sustentada pela notável obra desse período presente naquela paisagem, oferecendo uma imagem objectiva e directa daquela paisagem. No entanto, a oferta turística tem de oferecer algo mais vasto – turismo de natureza (neste caso em particular pela grande qualidade paisagística), património gastronómico – que deverá estar também em associação com o desenvolvimento desta marca.

<b>Objectivos gerais</b>	<b>Descrição dos objectivos gerais</b>
Manter a biodiversidade Manter o valor estético da paisagem	Promover boas práticas turísticas compatibilizando-as com a preservação dos valores da paisagem sintrense Sensibilização em prol da salvaguarda da paisagem
Minimizar os conflitos actuais Manifestar-se em acções que actuam de forma transversal, conciliando estratégias aos níveis global, regional e local Criar uma actividade que surge e se desenvolve para para lá da tradicional ideia associada ao consumo de massas, dependendo grandemente da interacção entre a população local e os agentes externos que o procuram, sejam eles turistas ou investidores.	Informar e sensibilizar os visitantes sobre a riqueza patrimonial da Paisagem Cultural de Sintra - promover o uso público Promover acções de formação, educação e voluntariado, junto a escolas, outros jovens e população em geral, para a sensibilização perante questões pertinentes sobre a Paisagem Cultural de Sintra e que simultaneamente signifiquem uma ajuda na concretização de algumas tarefas menos especializadas Promover a imagem da Paisagem Cultural de Sintra (e a utilização da marca “Sintra Romântica”) como suporte de comunicação com a população local e visitantes, incrementando a sustentabilidade das actividades
Providenciar estruturas de recepção, acolhimento e divulgação	Promover a oferta de alojamento tornando Sintra um local de estadia, para além do carácter “de passagem” hoje primordial e contribuindo para o desenvolvimento local Criação de estruturas (apropriação de edifícios de actividade expectante) e melhoramento das existentes para melhor acolher os visitantes

**Quadro 14:** Objectivos gerais do Plano de Gestão Integrado para o desenvolvimento turístico e regional.

#### **4.2.3.4.1 Objectivos específicos**

##### **Criação de meios de Interpretação turística**

Numa paisagem cultural bem preservada, os visitantes são capazes de entender os diversos acontecimentos históricos que moldaram aquela paisagem, assim como os vários elementos que a compõe e que dela fazem parte. Uma das estratégias mais importantes será por isso a de utilizar meios

<sup>249</sup> REGO, F. M. C. C., PAIS, N. L. - *Plano de Ordenamento e Gestão da Mata Nacional do Buçaco*, coord. Nuno Lecoq, 2007, pp. 141-285.

<sup>250</sup> DUARTE, Marta - *O Turismo na Paisagem Cultural de Sintra*. Dissertação de Mestrado em Turismo, Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, s.m., 2010, p. 52.

presentes na paisagem para a criação de “laços” com os visitantes. Isto porque há o conhecimento de uma afinidade das populações com o seu local de origem, ou com locais com os quais se identifiquem individual ou socialmente, pelo que será de particular importância a criação de formas de interacção com a população, para que essa afinidade surja<sup>251</sup>. Associada a este ideal, considera-se a existência de elementos pré-existentes na paisagem, como sendo percursos, rotas e outros elementos, e que se podem constituir como o património imaterial do local, carregando em si toda uma história associada a um grande simbolismo, como fazem exemplo as rotas de peregrinação<sup>252</sup>. Determinadas estratégias de interpretação turística podem por isso vir a ser desenvolvidas, procurando acções que permitam fidelizar o turista e assim fazê-lo voltar, através da sua interpretação do local e do apelo à sua experiência individual. O património que de alguma maneira, envolto em toda a sua história e misticismo, encanta o visitante, é o grande mote de fidelização do turista, funcionando como um *chamariz* para quem o visita, que procura laços de pertença, a identidade de um povo, desenvolvendo-se uma consciência de memória e de pertença e que se resume, no fundo, à constituição e definição do património cultural. Património que, como tal, deve ser fruído. O património cultural é assim património de identidade. Há que criar uma afinidade para a sua interpretação, fruição e consequente consciencialização para a sua protecção<sup>253</sup>.

Para a concretização deste ideal, será por isso da maior importância a constituição de um binómio entre o turismo – de base essencialmente económica – com o património, valorizando o que é cultural, divulgando e trazendo os produtos desse cariz. “Sintra, Capital do Romantismo” é um excelente exemplo implementado e que oferece uma interpretação turística directa, sendo a criação desta interpretação essencial para cativar, envolver o turista, e promover assim o conhecimento da paisagem, que passa a interpretar-se por si só, devendo dar-se por isso, não só continuidade a esta marca por que Sintra é conhecida, como também realçar-se as acções por ela promovidas.

### **Fomentação do contacto entre comunidades: o turismo e as populações**

Tal como tem vindo a ser já abordado ao longo do presente trabalho de investigação, uma gestão e planeamento eficientes passam pela integração e aceitação das populações como parte da identidade da paisagem onde se inserem, sendo por isso a sua participação e presença em acções sobre a paisagem de extrema importância. Por outro lado, existe o reconhecimento de que as actividades turísticas, cujas estratégias sejam bem projectadas e delineadas, podem actuar de forma benéfica na gestão e preservação do património, através da promoção e transmissão de conhecimento sobre a sua génese, sensibilidade e complexidade. No entanto, mesmo com esta correcta aplicação de conceitos e a aceitação dos mesmos, existe ainda actualmente uma falta de comunicação entre estas duas linguagens, não existindo qualquer tipo de estratégia de integração, envolvência e contacto entre população residente

<sup>251</sup> Comunicação da docente da ESHT Gabriela Carvalho sobre a temática *Património Cultural e Interpretação Turística*, aquando do seminário *Património Cultural e Natural Sintra*, Quinta da Regaleira, 21 de Maio de 2012.

<sup>252</sup> COSTA, Cláudia, *Paisagens Culturais: Memória de uma identidade colectiva para o futuro. Caso Estudo: Deserto Carmelita do Bussaco*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagista, Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, 2011, p. 45.

<sup>253</sup> *Idem, Ibidem*.

e turística<sup>254</sup>, que se poderia demonstrar como de grande relevância para a sua gestão. Como tal, propõe-se primeiramente a criação de iniciativas, cuja promoção deva ser constante e permanente, e não apenas destinada a ocasiões fugazes, cuja temática seja do interesse, tanto de residentes (promovendo assim também a sua participação e envolvimento), como de visitantes, permitindo a atracção destas duas comunidades e, assim, promover o seu contacto. Propõe-se por isso a criação de acções de formação que foquem temáticas variadas, assim como outro tipo de actividades ou workshops – como acções de restauro abertas ao público<sup>255</sup>, actividades desenvolvidas pela população residente a estrangeiros, permitindo uma rica troca de experiências, ou o fomento do contacto e conhecimento de produtores artesanais (queijadas de Sintra, vinho de Colares, e outros).

### **Recepção a visitantes**

Actualmente as receitas das entradas nos monumentos mais marcantes da Paisagem Cultural de Sintra constituem as maiores receitas para o investimento na sua conservação<sup>256</sup>. Como tal, e por se considerar que existe já uma correcta e adequada racionalização de meios e controlo de entradas, deverá ser constante nas estratégias aqui contempladas e para futura implementação no Plano de Gestão Integrado, a manutenção dos comportamentos já adoptados. As entradas e acesso a determinadas áreas (quer área florestal, quer monumentos), deve ainda estar assente sobre um estudo de capacidade de carga, para que não se exceda o limite máximo de visitantes, estipulado como garantia de uma vivência plena. O visitante deveria ainda, aquando da sua chegada, ser recebido por uma entidade capaz de lhe dar a conhecer a riqueza sintrense, retomando-se por isso aqui o ideal do Centro Interpretativo, já explanado e contemplado acima, e por isso agora somente enunciado.

### **Actividades de âmbito ambiental – turismo de natureza**

A área florestal serrana é, acima de tudo, uma área de grande sensibilidade e susceptibilidade, possuindo no entanto um enorme potencial, podendo este ser utilizado como recurso de actividades turísticas, a par de estratégias equilibradas e sustentáveis. Poderá por isso propor-se um conjunto de actividades, que poderão vir a ser desenvolvidas através de uma empresa externa, embora exista dimensão e representatividade suficiente para que sejam suportadas pelo PNSC, e pela PSML, devendo ainda melhorar e difundir as actividades já existentes. De entre estas actividades a propôr, enunciam-se:

- Visitas ao Centro de Interpretação proposto, divulgando e sensibilizando para a importância patrimonial daquela paisagem como um todo;

---

<sup>254</sup> Comunicação pelo Vereador do Turismo José Lino Ramos, Divisão do Turismo, Câmara Municipal de Sintra, (16 Maio. 2012).

<sup>255</sup> Prática actualmente já empregue pela PSML, e que deveria manter-se.

<sup>256</sup> Comunicação do Presidente da PSML António Lamas, aquando do seminário *Património Cultural e Natural Sintra*, Quinta da Regaleira, 21 de Maio de 2012.

- Passeios temáticos para:

- Observação/catalogação/fotografia da flora;
- Observação/catalogação/fotografia da fauna (com especialização em aves, nativas e migratórias, mamíferos diurnos e nocturnos, répteis...).

- Acções de voluntariado para a recuperação de património natural e cultural (que permitem ainda a participação e envolvimento da população na manutenção deste vasto património);

- Divulgação e fomentação de actividades de Desporto na Natureza<sup>257</sup>;

- Divulgação da rede de percursos existentes, fomentando a sua utilização (pedonal, bicicleta...).

### **Percursos**

O turista percorre o espaço normalmente a pé<sup>258</sup>. Há por isso que melhorar a mobilidade, devendo propôr-se uma rede de percursos pedonais coesa e que não entre em conflito com o automóvel. Com isto pretende-se, não só a criação de uma oferta prazerosa, interessante e diversificada ao visitante<sup>259</sup>, como também contribuir para a divulgação, promoção e conservação do património. Os percursos propostos deverão também estar suportados por um estudo de capacidade de carga, nomeadamente aqueles que visem uma maior aptidão a turismo de natureza (percursos sobre a Serra). Os meios criados deverão ser da maior diversidade e de igual interesse, permitindo “distribuir” as massas para diferentes pontos de igual relevância daquela paisagem, evitando a saturação dos pontos de, até agora, maior interesse turístico, criando assim novos pólos de atracção e garantindo uma maior sustentabilidade e respeito pela capacidade de carga do local. Os percursos propostos visam o desenvolvimento de trilhos pedonais, de bicicleta, e até mistos, divididos por graus de dificuldade (fácil, médio e difícil), e fazendo face às dificuldades de mobilidade sentidas pela morfologia da serra. Poderá ainda existir a necessidade de controlar os acessos, não devendo estas medidas ser vistas como restritivas, mas tendo em vista o equilíbrio ecológico do local, devendo por isso ser devidamente esclarecidas aquando do acesso informativo deste material. Para os percursos e actividades propostos, o acesso do visitante deverá ainda ser acompanhado de um conjunto de normas de conduta e cuidados especiais a ter, e que foquem questões como:

- *“Não sair dos caminhos e trilhos marcados;*
- *Não ter atitudes comportamentais que possam pôr em causa o equilíbrio ou perturbar o local;*
- *Não colher plantas ou capturar qualquer animal;*
- *Manter a limpeza do local, fazendo uso do equipamento oferecido para tal;*

---

<sup>257</sup> Ver Anexo 16: Carta de Desporto de Natureza do PNSC.

<sup>258</sup> Observável através dos resultados estatísticos obtidos por inquérito.

<sup>259</sup> REGO, F. M. C. C., PAIS, N. L. - *Plano de Ordenamento e Gestão da Mata Nacional do Buçaco*, coord. Nuno Lecoq, 2007, pp. 141-285.

- *Não fazer lume;*
- *Não provocar qualquer tipo de dano em património natural ou construído*<sup>260</sup>.

Os percursos deverão estar auxiliados por uma rede de infra-estruturas e equipamentos de modo a melhorar a relação com o espaço, colocados estrategicamente e que permitam a garantia da informação necessária, o aluguer de elementos como bicicletas, ou a existência de casas de banho. O Cruzamento dos Capuchos, Pedras-Irmãs-Peninha e Pé-da-Serra são locais com maior aptência à recepção deste tipo de equipamento<sup>261</sup>, e onde deveria ainda existir elementos como parques de merendas ou espaços de entretenimento de natureza semelhante. A sua implementação deverá ser acompanhada de outro tipo de equipamento essencial (mobiliário urbano, recipientes para resíduos...), devendo ainda cumprir as medidas de defesa da floresta contra incêndios, quando desenvolvidos sobre génese como tal justificável, impostas pela Portaria nº 1140/2006 de 25 de Outubro. A manutenção destes percursos deverá ser obrigatória, para que permaneçam em bom estado de conservação e se mantenham apelativos.

Para efeitos de actuação para a presente dissertação, tendo em conta a vasta e variada oferta de percursos existentes<sup>262</sup>, consideraram-se para efeitos de estudo, as Pequenas Rotas de Sintra. Tendo em conta o acima exposto, a estes percursos é por isso feita uma revisão, que visa o seu enriquecimento através da adição de pontos de visita de interesse, tornando-os mais atractivos, e delineando-os com maior coordenação, e por uma única entidade, o que geralmente não acontece, surgindo alguns conflitos da proposta de percursos pela CMS e PNSC<sup>263</sup>. Das pequenas rotas existentes, considerou-se como objecto de revisão a Pequena Rota das Quintas, ao que se lhe propõe acrescentar alguns elementos de elevado valor cultural e patrimonial, sendo esta proposta feita em base de todos os condicionamentos previstos pela grande maioria destes elementos – de propriedade privada – deixando margem para os elementos agora considerados. Propõe-se ainda uma nova rota de visita – uma Pequena Rota Literária – considerando assim uma tão importante marca da História sintrense. Por este percurso constam elementos como o Largo Ferreira de Castro, onde se encontrava o antigo Hotel Victor, o Hotel Lawrence's, a Fonte e Cascata dos Pisões – elementos tão difundidos principalmente nos escritos de Eça de Queirós, Seteais, o Museu Ferreira de Castro e a Álea onde o escritor está sepultado, a Casa do Adro – morada de Hans Christian Andersen durante a sua estada em Sintra, a Quinta dos Castanhais – local de veraneio de Eça, contemplando ainda locais como a Periquita ou o Miradouro da Ferraria, para que se vivencie a paisagem e as tão afamadas queijadas na nossa literatura. De extrema importância deverá ser ainda a integração destas pequenas rotas e do local em rotas nacionais e internacionais, no caso

<sup>260</sup> Seguindo do predisposto em REGO, F. M. C. C., PAIS, N. L. - *Plano de Ordenamento e Gestão da Mata Nacional do Buçaco*, coord. Nuno Lecoq, 2007, pp. 141-285.

<sup>261</sup> A. Filipe Saraiva – Arquitecto Paisagista – Recuperação da Paisagem Cultural de Sintra. [Em linha]. [Consult. 25 Jul. 2012]. Disponível na WWW:<URL: <http://afilipesaraiva.blogspot.pt/2011/04/trabalho-academico-recuperacao-da.html>>.

<sup>262</sup> Ver Peça Desenhada 19: Levantamento dos Percursos e Rotas existentes no PNSC.

<sup>263</sup> Comunicação pelo Vereador do Turismo José Lino Ramos, Divisão do Turismo, Câmara Municipal de Sintra, (16 Maio. 2012).

sintrense com uma maior projecção face à Grande Rota do Atlântico<sup>264</sup>, devendo para isso criar-se pontos de interface entre as rotas, a par de uma divulgação correcta e sustentada, para além do levantamento e disponibilidade de coordenadas GPS que facilitem a navegação, conferindo não só uma maior visibilidade, como também a integração do local em roteiros de visitação a grande escala, tendo esta paisagem um valor extraordinário, justificável para tal<sup>265</sup>.

### **Equipamento - Sinalética**

A sinalética existente em Sintra revela-se insuficiente, quer em quantidade, quer em localização, revelando-se somente sinalética de qualidade junto dos actualmente considerados pontos de maior interesse turístico (património gerido actualmente pela PSML). A sinalética tem como objectivo demonstrar, não só a indicação da localização de determinados pontos ou sinalização de percursos, como deverá ainda oferecer a informação necessária do local. A sinalética, que deverá preferencialmente seguir a mesma linguagem, evitando assim dissociações de material e de leitura, deverá proporcionar:

- Sinalização dos vários acessos a determinados pontos fundamentais da paisagem (património construído);
- Encaminhamento do turista pelo espaço;
- Identificação dos vários equipamentos;
- Identificação de espécies da flora sintrense, em particular as mais notáveis (continuação do já desenvolvido);
- Integração de percursos propostos em rotas internacionais e utilização da respectiva sinalização (segundo normas internacionais), já em utilização por alguns países<sup>266</sup>.

A proposta de uma linha de sinalética de maior adequação, e em continuidade com a já existente é por isso da maior importância, devendo esta ser uma das estratégias primordiais a contemplar.

### **Ordenamento da circulação automóvel**

A tomada por automóveis, principalmente durante os meses do verão, e pela mão de turistas movidos pela grande proximidade à capital e à grande acessibilidade da vila - o IC19, constituem uma das questões mais gravosas e de maior impacto neste território. O primeiro passo seria a divulgação da existência do comboio, que deveria ser tomado como meio de transporte preferencial. Sintra possui também uma rede de transportes interna desenvolvida e preparada para o turismo, existindo carreiras cujo percurso se desenvolve sobre alguns dos monumentos sintrenses mais significativos. No entanto, a falta de meios de promoção adequados origina uma fraca afluência, usufruindo ainda de uma dimensão pouco justificável para o contexto sintrense, dificultando muitas vezes a mobilidade. Para além de uma

---

<sup>264</sup> Ou Grande Rota Europeia, um percurso pedestre transeuropeu que percorre cerca de 27km em território sintrense, que se inicia na Rússia e que segue ao longo da costa litoral. Entra em Portugal por Valença, seguindo pelos concelhos ribeirinhos até Sagres, e terminando em Tarifa (Ponta de África). Considerado um percurso de elevado valor paisagístico.

<sup>265</sup> Ver Peça Desenhada 20: Pequenas Rotas de Sintra: existentes e propostas.

<sup>266</sup> REGO, F. M. C. C., PAIS, N. L. - *Plano de Ordenamento e Gestão da Mata Nacional do Buçaco*, 2007, pp. 141-285.

correcta promoção para a justificação da sua existência, propõe-se que circulem veículos de menor dimensão e num horário mais realista face à procura. Por outro lado, o caos causado pela grande afluência automóvel revela ainda que a paisagem não está preparada para uma recepção em grande escala, devendo tomar-se como prioritário o desenvolvimento de modos de escoamento deste fluxo, a par de uma projecção adequada de parques de estacionamento. Isto porque, apesar de a questão prioritária ser o afastamento gradual da grande circulação automóvel (que deverá estar previsto no estudo para a capacidade de carga da paisagem), há que continuar a oferecer condições adequadas de mobilidade dentro da vila, já que a acessibilidade (principalmente através do grande eixo do IC19) está já garantida. Os parques de estacionamento deverão estar adequadamente localizados, bem integrados no meio e equipados correctamente. Por outro lado, é também facto que o automóvel entra em Sintra maioritariamente pela mão de turistas que visitam Sintra somente por um dia. Como tal, uma maior promoção e criação de maior e melhor oferta de alojamento poderia prever-se como uma das soluções a tomar, sendo que, incentivado o turista a pernoitar, diminuiria esta pressão associada às visitas fugazes.

#### 4.2.3.5 Promoção e divulgação da paisagem

Objectivos gerais	Descrição dos objectivos gerais
Promoção da utilização sustentável do património existente, explorando-o numa perspectiva lúdica, educacional e científica para a sua promoção e conservação.	Criação de meios de promoção palpáveis e não palpáveis através do recurso aos meios disponíveis.
	Criação e promoção de actividades lúdicas de ensino, formação e investigação.
	Retornar ao sentido de afinidade das populações para com a paisagem – sentido de uma paisagem que <i>lhes</i> pertence.

**Quadro 15:** Objectivos gerais do Plano de Gestão Integrado para a promoção e divulgação da paisagem.

A Fundação CulturSintra, criada em 1997, tem um papel preponderante na investigação incidente na recuperação das memórias e na valorização patrimonial<sup>267</sup>, promovendo muitas das iniciativas culturais na paisagem. Em termos de divulgação, e tomando como certo o facto do turista aceder a qualquer informação através da internet<sup>268</sup>, foram criados dois sites, que procuram disponibilizar toda a informação necessária à população turística. De facto, a internet tem vindo a atingir um papel da maior relevância ao nível da divulgação e comercialização de serviços e produtos turísticos, devendo as entidades gestoras estar a par do progresso e apresentar formas e ferramentas capazes que permitam desenvolver funcionalidades destinadas ao consumidor<sup>269</sup>. No entanto, muitos são os métodos de divulgação que se poderão contemplar, permitindo uma origem de informação fidedigna, correcta, e em tempo oportuno.

<sup>267</sup> DUARTE, Marta - *O Turismo na Paisagem Cultural de Sintra*. Dissertação de Mestrado em Turismo, Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, s.m., 2010, p. 51.

<sup>268</sup> Observável através dos resultados estatísticos obtidos por inquérito.

<sup>269</sup> DUARTE, Marta - *O Turismo na Paisagem Cultural de Sintra*. Dissertação de Mestrado em Turismo, Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, s.m., 2010, p. 53.



#### 4.2.3.5.1 Objectivos específicos

##### Meios de promoção e divulgação

Populações turística e residente não obtém, usualmente, grande conhecimento sobre actividades de âmbito cultural naquela paisagem, apesar dos meios existentes e descritos acima. Os primeiros por não lhes ser oferecida informação relevante em tempo oportuno, como já afirmado, e os últimos por considerarem que muitas vezes não existem meios de divulgação coerentes e de maior abrangência<sup>270</sup>. A criação de folhetos informativos, ou a publicação de periódicos, são importantes meios de promoção, quando devidamente divulgados, devendo estes ser desenvolvidos e estar acessíveis, realçando-se ainda a presença nas redes sociais como fundamental, devendo por isso ser destacada uma entidade que permita a total actualização e acompanhamento neste eficaz meio de divulgação. A actual inexistência de um folheto informativo com dados sobre a classificação deste conjunto como Património Mundial da UNESCO na categoria de Paisagem Cultural<sup>271</sup>, contribui também para o óbvio desconhecimento das suas componentes (muito em particular pela população residente)<sup>272</sup>, sendo esta talvez a maior falta em termos de informação disponível, e devendo por isso propôr-se também a sua elaboração<sup>273</sup>. A alienação da existência dos sites criados para a divulgação desta paisagem<sup>274</sup>, dão também a perceber que estes elementos não são adequadamente divulgados, sendo que a sua informação, essencial e da maior relevância, acaba por não ser transmitida, passando despercebida. A melhoria na apresentação do site da Câmara Municipal de Sintra (site confuso, de informação dispersa) e um encaminhamento mais óbvio para os sites *Sintra Romântica* e *Sintra In* seria da maior importância, devendo considerar-se a melhoria da oferta de informação através deste meio. Iniciativas como “*Talking Heritage*” – oferta de percursos multimédia em Sintra, deverão ter continuidade, devendo ainda desenvolver-se e implementar-se acções como o exemplo Açoreano ZOOMAZORES<sup>275</sup>. Assim sendo, e dada a existência de meios de divulgação, a conclusão será a de que a falha estará no meio de projecção: o turista consegue muita informação através dos locais de alojamento. No entanto, a CMS e outras entidades envolvidas, e às quais compete a divulgação, apenas distribuem este material nas unidades hoteleiras da região, conseguindo pouco impacto e limitada abrangência. A correcta divulgação e distribuição de informação como folhetos nas unidades hoteleiras das imediações (especialmente de Lisboa, de onde provém grande parte do fluxo turístico) deverá por isso ser implementada, permitindo não só o devido conhecimento daquela paisagem e das acções nela decorrentes, como também garantir informação em momento oportuno. Em complementação deste ideal e em continuação da proposta acima, deverão também propôr-se outros folhetos de igual génese, contemplando-se agora um primeiro, destacado ao conhecimento da Serra e do

---

<sup>270</sup> Observável através dos resultados estatísticos obtidos por inquérito.

<sup>271</sup> Comunicação pelo Vereador do Turismo José Lino Ramos, Divisão do Turismo, Câmara Municipal de Sintra, (16 Maio. 2012).

<sup>272</sup> Observável através dos resultados estatísticos obtidos por inquérito.

<sup>273</sup> Ver Peça Desenhada 21: Folheto Informativo sobre a Paisagem Cultural de Sintra.

<sup>274</sup> *Idem*.

<sup>275</sup> Permite o acesso online à oferta de percursos e respectivo *download* de coordenadas, acesso aos vários tipos de programação turística, e outras informações de igual relevância. Acessível através do site: <<http://www.zoomazores.com/>>.

Património Natural sintrenses, e cujo público alvo deverá ser considerado para além do visitante que visita especificamente a serra e usufrui de um elemento específico, como um percurso. Grande parte do público que visita com um sentido lúdico, e sem qualquer interesse nos percursos existentes – não obtendo, por isso, a informação constante nos folhetos informativos correspondentes – acaba por não possuir qualquer tipo de conhecimento sobre o local ou sobre as normas de conduta a providenciar. Como tal, propõe-se um folheto informativo, que se pretende de linguagem apelativa à semelhança do já destacado anteriormente, e que dê a conhecer ao visitante as potencialidades e obrigações de vivência de um espaço de tal complexidade. Os folhetos informativos dos percursos e rotas existentes, actualmente em distribuição, não possuem também uma linguagem apelativa e directa, pelo que se propõe a sua reformulação. A exemplo, apresentam-se os folhetos idealizados para a Pequena Rota das Quintas (de trajecto revisto) e para a Pequena Rota Literária (proposta), devendo os restantes seguir linguagem semelhante<sup>276</sup>. O envolvimento do comércio local na preservação do património prevê-se também de extrema importância, podendo existir a criação de receitas através de uma pequena taxa pedida aos comerciantes, incluída no valor da sua licença – podendo, assim, contribuir para a manutenção da paisagem que está na origem da criação das suas receitas<sup>277</sup> – e que é da maior importância para entidades como a PSML, que não recebe incentivos do Estado. Deverá ainda fomentar-se a criação de Workshops e acções de restauro e recuperação, que permita dar a conhecer às pessoas o que se faz na paisagem cultural de sintra, e qual a importância desta unidade como património mundial – *Sintra é única*.

### **Promoção do estudo e da investigação científica**

A riqueza faunística e florística, e a componente evolucionária da Serra de Sintra, em outros tempos palco de experimentação e adaptação de espécies provenientes de todo o mundo, podem servir hoje de tema para novos palcos de experimentação e estudo, para projectos académicos e de investigação dos mais variados âmbitos. Dever-se-ão estabelecer contratos com Instituições universitárias e outras organizações, e promover o Estudo e a Investigação Científica<sup>278</sup>. De entre a importante e fundamental acção da PSML nesta paisagem, refere-se ainda a previsão da reconversão de uma estrutura edificada para o desenvolvimento de estudos de base botânica<sup>279</sup>. Esta acção virá a demonstrar interesse e relevância não só no desenvolvimento de importantes estudos sobre a flora local, permitindo o escrutínio sobre a manutenção, conservação ou reconversão de espécies naquele território, como representará ainda a concretização de um ideal já mencionado acima, sobre o reaproveitamento de estruturas edificadas obsoletas ou expectantes. O ideal destas estratégias será não só dar a conhecer este vasto

---

<sup>276</sup> Ver Peças Desenhadas 22, 23 e 24: Folhetos Informativos para: Recomendações em espaço florestal, a Pequena Rota das Quintas e Pequena Rota Literária respectivamente.

<sup>277</sup> Comunicação do Presidente da PSML António Lamas, aquando do seminário *Património Cultural e Natural Sintra*, Quinta da Regaleira, 21 de Maio de 2012.

<sup>278</sup> À semelhança do seguido em REGO, F. M. C. C., PAIS, N. L. - *Plano de Ordenamento e Gestão da Mata Nacional do Buçaco*, 2007, pp. 141-285.

<sup>279</sup> Comunicação do Presidente da PSML António Lamas, aquando do seminário *Património Cultural e Natural Sintra*, Quinta da Regaleira, 21 de Maio de 2012.

património, como também tirar partido de uma das suas muitas potencialidades, permitindo o estudo que, eventualmente, poderá um dia constituir as bases da sua preservação.

#### **4.2.4 Interpretação e formalização das bases e estratégias de acção a contemplar no Plano de Gestão Integrado**

Definidas e explanadas as intenções e estratégias acima referidas, cabe agora reflectir no método de interpretação destas bases, para posterior projecção de acções sobre o território (zonas classificadas, de tampão e de transição, objecto do presente estudo), a serem contempladas no Plano de Gestão Integrado defendido:

A conclusão de que um novo plano de ordenamento viria somente a tornar mais complexa a gestão já sectorial da Paisagem Cultural de Sintra não invalida, no entanto, que seja apresentada uma síntese de proposta de ordenamento que faça parte das orientações do Plano de Gestão Integrado proposto. Tendo em conta a base teórica que tem vindo a ser desenvolvida ao longo do presente capítulo, e ainda os usos e ocupação do solo actuais neste território<sup>280</sup>, dever-se-á, em função das exigências ecológicas e humanas do local, enumerar primeiramente o conjunto de intervenções a realizar sobre as áreas classificadas, de tampão e de transição – zonas alvo do dito Plano<sup>281</sup>. Estas intervenções e proposta de reconversão de usos, serão ainda o mote para uma síntese de ordenamento<sup>282</sup> que visa por isso, não a constituição de novo plano de ordenamento, mas sim a idealização no território de uma série de intenções e de estratégias já explanadas, numa contribuição para a integração das orientações propostas nos IGT em vigor, fomentando assim um maior equilíbrio nas acções a promover neste sítio, e buscando uma solução para a sobreposição de orientações e acções sobre o território, que os IGT actualmente apresentam pela óbvia falta de sensibilidade e de comunicação na sua implementação. Os instrumentos de base teórica, verão por sua vez a sua concretização através de uma ordem de trabalhos, seguidamente apresentada, e que permitirá relegar com exactidão o papel de cada entidade interveniente na gestão desta paisagem, contrariando e minimizando, assim, a acção sectorial que hoje prevalece, comportando ainda a proposta de estratégias a longo prazo, actualmente em falta nesta paisagem. Dada a extensão da presente dissertação, a ordem de trabalhos em questão – à semelhança das estratégias que têm vindo a ser delineadas no presente capítulo – apresenta-se com o pormenor suficiente para a sua percepção, embora, em aplicação real, esta devesse apresentar-se em maior extensão e pormenor, para a sua correcta implementação. Pretende-se no entanto, e de modo sintetizado, um olhar sobre as acções contribuidoras de uma gestão de maior coordenação e eficiência sobre a Paisagem Cultural de Sintra, destacando a sua prioridade, financiamento (através do estudo de fundos e normas existentes, nacionais e europeias) e afectação:

---

<sup>280</sup> Ver Peça Desenhada 25: Ocupação do solo (actual).

<sup>281</sup> Ver Peça Desenhada 26: Intervenções e proposta de reconversão de usos.

<sup>282</sup> Ver Peça Desenhada 27: Síntese de Ordenamento.

Tema	Estratégia	Ações a realizar	Entidade responsável	Financiamento	Prioridade e Afectação
Manutenção da área florestal	Controlo e erradicação gradual do pinheiro bravo e eucalipto de forma faseada	Corte faseado dos exemplares para posterior e gradual substituição por espécies de maior interesse botânico	Parque Natural Sintra-Cascais (PNSC) em actuação conjunta com ICNB	Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural (FEADER); Instituto de Financiamento da Agricultura e Pescas (IFAP)	Médio/ Longo prazo
	Acções de reforestação e ordenamento do espaço com espécies adequadas	Plantação de espécies de adaptação garantida, nomeadamente as pertencentes à formação climática			
	Implementação de um plano de erradicação de invasoras lenhosas	Corte de todos os exemplares			
		Remoção das toijas e restante biomassa e seu transporte para destino devido			
		Plantação das áreas limpas com espécies previamente definidas			
		Monitorização anual das áreas de intervenção e tomada de acções adequadas à situação			
	Protecção e salvaguarda das linhas de água	Limpeza das margens			Médio prazo
		Plantação de espécies adequadas e previamente definidas			
	Controlo e gestão de incêndios e áreas ardidas	Sensibilização dos visitantes e comunidade local aos incêndios florestais			
		Constituição de uma equipa de prevenção e de primeira intervenção no combate aos incêndios			
		Disponibilização de meios móveis para utilização da equipa acima mencionada			
		Promoção de acções de simulação de combate a incêndios: avaliação de tempo de chegada ao local e teste de visibilidade a partir do ponto de vigia mais próximo			
		Promoção da vigilância móvel			
	Constituição de um viveiro	Aproveitamento das estruturas e viveiros da CMS actualmente existentes	Câmara Municipal de Sintra (CMS)	Estatual – orçamento e financiamento da autarquia	Curto prazo
		Listagem e catalogação das espécies de interesse para futura referência e que deverão existir no viveiro			
		Manutenção de um banco de sementes			
	Desenvolvimento de acções e actividades de recreio	Manutenção e limpeza das estradas e trilhos	PNSC	Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural (FEADER); Instituto de Financiamento da Agricultura e Pescas (IFAP)	Curto prazo
		Proposta e manutenção do equipamento e mobiliário disposto à ocorrência de actividades de recreio			Curto/ Médio prazo
		Promoção do bom uso do espaço florestal			
		Promoção dos percursos e das actividades a ocorrer em espaço florestal			
	Manutenção da mata – cortes e limpeza	Manutenção e limpeza de mata e matos, contribuindo para o controlo de infestantes e para a melhor gestão de incêndios	(página seguinte)	(página seguinte)	Curto prazo
	Estudos sobre capacidade de carga da paisagem	Elaboração de estudos de capacidade de carga para aferição dos danos e bom uso do espaço pela actividade humana			
		Promoção da gestão multifuncional dos habitats			

	Supervisão das actividades recorrentes no perímetro florestal	Identificar, manter e melhorar os habitats naturais e semi-naturais	PNSC em actuação conjunta com Parques de Sintra Monte da Lua (PSML)	Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural (FEADER); Instituto de Financiamento da Agricultura e Pescas (IFAP)	Curto/Médio prazo
		Conservação da Fauna e da Flora através da sua catalogação			
		Conservação da Fauna e da Flora através da sua divulgação			
		Acções de monitorização regulares com vista ao controlo e intervenção sobre comportamentos danosos			
	Manutenção das áreas agrícolas	Recuperação dos muros de pedra solta e outras estruturas tradicionais			
		Implantação de estratégias de desenvolvimento em espaço rural			
		Reconversão de espaços sem utilização definida ou de diferente génese em solos de elevado valor ecológico			
		Ocupação por agricultura de pequena escala em áreas adjacentes às linhas de água sempre que as condições assim o permitam			
<b>Manutenção do património edificado</b>	Requalificação, recuperação, reconversão e conservação de Quintas de elevado valor cultural e patrimonial	Listagem e catalogação das quintas existentes, enriquecendo a listagem existente	CMS em actuação conjunta com PSML	CORESINTRA; Estatal – orçamento e financiamento da autarquia; PSML; Fundo de Turismo	Médio prazo
		Recuperação de quintas cujo valor cultural e patrimonial assim o justifique			
		Atribuição de uso público a quintas de uso obsoleto ou privadas (sempre que o seja permitido pelo proprietário)			
		Abertura e análise a processos de classificação como imóveis de interesse sempre que tal se justificar			
		Negociação com os proprietários de imóveis de interesse (semelhante para propriedade da autarquia ou estatal) para que haja abertura e acesso ao público, permanente ou em datas ocasionais			
		Criação e promoção de acções de divulgação do património através da sua abertura e/ ou entrada livre de pagamento (quando tal ocorrer)			
	Recuperação do património edificado degradado da Vila	Recuperação de edifícios que demonstrem claros sinais de degradação		Estatal – orçamento e financiamento da autarquia; PSML	Curto/ médio prazo
		Aplicação de sanções a proprietários que demonstrem desinteresse na manutenção do seu património			
		Atribuição de apoios de programas nacionais e da autarquia para a manutenção de património edificado em caso de impossibilidade comprovada do proprietário			
	Criação e manutenção de um Centro Interpretativo	Manutenção dos ideais já implementados na ex-JAE		Idem; CORESINTRA	Curto/ médio prazo
		Criação de meios de divulgação e de dinamismo deste centro fundamental			
	Acções de reconversão de património edificado em usos de maior adequação	Reconversão de parque edificado de uso obsoleto para uso da autarquia e das entidades, de apoio às actividades decorrentes no território	CMS	CORESINTRA; Estatal – orçamento e financiamento da	Médio/ Longo prazo
	Manutenção do património edificado da Vila	Utilização de meios equivalentes aos referidos para a recuperação do edificado, para a boa manutenção e gestão dos edifícios sintenses			

				autarquia	
<b>Promoção do uso e da participação pública</b>	Desenvolvimento de acções de voluntariado	Promoção de acções de voluntariado aliadas à divulgação da paisagem e da necessidade de manutenção de um património único	Actuação conjunta entre PSML CMS e PNSC	Fundo de Turismo; Estatal – orçamento e financiamento da autarquia	Curto prazo
	Criação de acções de formação sobre temáticas relacionadas com a paisagem	Fomentação e divulgação de acções de formação e workshops ligados a actividades de âmbito ambiental, artesanato e produção regional, recuperação e divulgação patrimonial.			
		As acções descritas deverão chegar à população local e turística, assim como aos mais variados escalões etários (ex.: envolver escolas, lares).			
<b>Desenvolvimento turístico e regional</b>	Promoção e execução de acções de turismo na natureza e de ecoturismo	Delineamento de actividades segundo a Carta de Desporto de Natureza e as suas orientações	PNSC em actuação conjunta com Turismo de Portugal	Fundo de Turismo	Médio prazo
		Proposta de actividades lúdicas segundo a capacidade de carga do local			
		Reconversão de pequenas edificações para uso de apoio às actividades propostas			
	Criação de sinalética adequada dentro de perímetro urbano	Utilização de meios de condução no espaço em formato e leitura simples, directa e em espaço adequado e pertinente	CMS	Fundo de Turismo; Estatal – orçamento e financiamento da autarquia	Curto prazo
	Promoção dos meios de transporte internos de Sintra	Divulgação junto do posto de turismo, Centro interpretativo e constante nos folhetos informativos criados para a difusão da paisagem			
		Substituição dos veículos a circular por viaturas de dimensão justificável			
		Adequação dos horários às necessidades de acesso e mobilidade			
	Inserção de equipamentos de manutenção e de uso público em perímetro urbano	Colocação de equipamento como papeleiras e equivalentes para a garantia da manutenção e boa vivência do espaço			Curto/ Médio prazo
	Criação de um fundo municipal para a contribuição de parte das receitas geradas no comércio local	Acções de consciencialização dos comerciantes para a importância do seu contributo para a conservação da paisagem que lhes garante a subsistência da sua actividade Introdução de fundo municipal de contribuição em prol da conservação da paisagem			
	Desenvolvimento de estacionamento adequado	Implementação de estratégias adequadas de escoamento de tráfego			
		Estudo para a disposição e construção de novos parques de estacionamento para melhoramento da mobilidade no local			Médio/ Longo prazo
	Proposta e enriquecimento dos percursos existentes	Integração de percursos na Grande Rota existente	(página seguinte)	(página seguinte)	Curto/ Médio prazo
		Criação de percursos temáticos para observação/ catalogação e fotografia de flora local			
		Criação de percursos temáticos para observação/ catalogação/ e fotografia de fauna local			

	Desenvolvimento, fomentação e coordenação de actividades desportivas em território florestal	Delineamento de actividades segundo a Carta de Desporto de Natureza e as suas orientações	PNSC	Fundo de Turismo	Médio prazo
	Criação de percursos pedonais/ bicicleta/ automóvel/ mistos	Criação de novos e manutenção dos existentes	Actuação conjunta entre PNSC e CMS	Fundo de Turismo; Estatal – orçamento e financiamento da autarquia	Curto prazo
	Criação de sinalética adequada em perímetro florestal	Utilização de meios de condução no espaço em formato e leitura simples, directa e em espaço adequado e pertinente			Curto prazo
	Criação de sinalética adequada em perímetro misto	Idem.			Curto prazo
	Divulgação da existência da ligação de caminhos-de-ferro Lisboa-Sintra	Distribuição de informação nos meios informáticos e em formato de panfleto junto das unidades hoteleiras de proximidade (ex.: Lisboa e Cascais)	CMS em actuação conjunta com Turismo de Portugal		Curto/ Médio prazo
	Manter e diversificar a oferta aliada à marca “Sintra Capital do Romantismo”	Alargar as acções promovidas em função desta marca Difundir a marca através dos meios informáticos e em formato de panfleto junto das unidades hoteleiras de proximidade (ex.: Lisboa e Cascais)			
<b>Promoção e divulgação da paisagem</b>	Criação de folhetos informativos	De cuidados e normas em espaço florestal	PSML	Fundo de Turismo; PSML	Curto/ Médio prazo
		De divulgação de “Sintra Património Mundial” actualmente inexistente			
		De melhoramento de imagem aos folhetos de divulgação dos percursos			
	Publicação de livros e semelhantes	Sobre a história e importância de Sintra, Património Mundial	CMS em actuação conjunta com PSML	Estatal – orçamento e financiamento da autarquia	Médio/ Longo prazo
		Sobre a Serra e o Património Natural sintrense.			
		Outras temáticas de relevância			
	Melhoramento e manutenção da informação digital	Melhorar a linguagem apresentada no site da Câmara Municipal de Sintra	CMS		
		Divulgação eficiente dos sites “Sintra Romântica” e “Sintra-in” através dos folhetos informativos e outros mais óbvios			
		Presença da marca nas redes sociais e constante actualização de informação			
	Formalização de contratos com instituições para a fomentação do estudo e investigação científica	Estabelecimento de protocolos com Universidades e centros de investigação. Captação de escolas e grupos externos.	Actuação conjunta PNSC, PSML e entidades externas	Instituições de ensino e outras de relevância (intervenção do ministério da educação)	

**Quadro 16:** Ordem de trabalhos para o Plano de Gestão Integrado da Paisagem Cultural de Sintra. Adaptação da metodologia utilizada no Plano de Gestão da Mata Nacional do Buçaco (REGO, F. M. C. C., PAIS, N. L. - Plano de Ordenamento e Gestão da Mata Nacional do Buçaco, 2007.).

## Conclusões

Paisagens culturais são sistemas dinâmicos e não estáticos, cuja existência é continuamente condicionada pela evolução natural dos ecossistemas e pela cultura que dela faz parte, numa relação indissociável.

A boa gestão de uma paisagem, muito nomeadamente através de técnicas de gestão tradicionais, movidas pelas raízes culturais do local, e que se projectam na exploração dos recursos naturais do sítio, permite a garantia imediata dos seus interesses colectivos, mantém e preserva os ciclos produtivos e consequentemente assegura benefícios económicos. A economia, associada à cultura de um sítio, surge assim muitas vezes em torno de mitos e de locais de peregrinação, pela transmissão de costumes e saberes, constituindo estes costumes tradicionais o património imaterial, que define a identidade e diversidade cultural de um sítio. Quando estas condições mudam, e os comportamentos associados se revêem mutabilizados pelas novas gerações, novas acções terão de ser postas em prática. As estratégias de gestão propostas, cujo objectivo será a sua integração num Plano de Gestão Integrado para a Paisagem Cultural de Sintra, procuram exactamente a constituição de bases para o equilíbrio e harmonia necessárias à manutenção de uma paisagem cultural, cuja singularidade e autenticidade estiveram na base da sua classificação como Património Mundial da UNESCO.

O claro desconhecimento das populações locais sobre o seu património, tornando-as impotentes apesar do interesse e vontade de actuação, e a gravosa falta de enquadramento específico da figura de Paisagem Cultural no quadro jurídico nacional, conduziram ao longo dos anos a práticas de pouca abrangência, apesar dos esforços denotados pelas entidades intervenientes na gestão, esforços esses reconhecidos nas últimas missões da UNESCO. O turismo, de massas, que como actividade singular é incapaz de fazer face às necessidades de conservação do sítio, indissociado de uma base económica e de desenvolvimento de contribuição para a conservação, e a clara descoordenação de acção entre as entidades intervenientes – da qual se destaca a Parques de Sintra-Monte da Lua como aquela de maior relevância na conservação desta paisagem – em muito têm contribuído para a permanência destas problemáticas que, embora não se considerando qualquer desclassificação, poderão pôr em risco, a longo prazo, a integridade e autenticidade desta paisagem. Aplicando o mencionado, o património sintrense, de forte cariz cultural, necessita de uma maior aproximação ao seu património. O conjunto deve ser entendido, não somente como um local onde determinados monumentos se encontram, mas sim como todo um sistema que se desenrola numa paisagem marcada por várias épocas, e que constituem o seu vasto património intangível. A beleza e conservação do local, o desenvolvimento económico e a sua projecção turística deverão ser revistos em estratégias de interligação e abrangência desta diversidade e complexidade. O desafio está por isso na criação de uma metodologia de gestão que permita a manutenção e conservação do local através da motivação das populações locais, de modo a que estas mantenham uma participação activa naquela paisagem e as dissuada de abandonar ou de criar um



sentimento alienado do significado daquela paisagem. As estratégias criadas deverão passar por monitorização contínua e multidisciplinar que permita aferir a sua eficiência, devendo ainda respeitar as necessidades das populações e outros intervenientes na paisagem, e assegurar a sua sustentabilidade socioeconómica, ecológica e cultural, sem que de algum modo se restrinja a sua evolução natural. Isto implicará, obrigatoriamente, a conservação dos recursos e dos valores culturais e naturais, assim como os processos que deles dependam (desenvolvimento local, produção industrial e agrícola, actividades terciárias, etc.), em total integração, considerando-se a globalidade do sistema-paisagem em que se inserem.

As estratégias delineadas procuram assim contribuir para uma maior conectividade de acção – actualmente em falta no caso de estudo – assentando sobre questões primordiais de conservação, de desenvolvimento e de gestão. Estes últimos componentes deverão assumir-se como em constante interligação, indissociáveis, permitindo encontrar no desenvolvimento económico o financiamento necessário para a conservação da paisagem, sendo esta última, simultaneamente, a base de toda a estrutura económica do local, como que num constante ciclo. As estratégias aqui propostas para integração num Plano de Gestão Integrado, verão assim o seu objectivo com a concretização de acções de maior adequação a esta paisagem – permitindo interligar conservação a desenvolvimento regional e económico, minorar a gestão sectorial e a sobreposição de planos e acções a que actualmente se assiste e se anulam, e cujo princípio primordial será a conservação e boas práticas de gestão desta paisagem singular no contexto mundial.

A curta extensão de um trabalho académico, que limita em aprofundamento as matérias propostas, deixa as portas abertas à posterior constituição de um documento de maior complexidade e abrangência. Ficam no entanto assim lançadas, tanto quanto possível, aquelas que poderão servir de base à implementação de uma metodologia de gestão de maior adequação à complexidade e susceptibilidade de uma paisagem como Sintra, ficando ainda, por isso, um ainda longo percurso na implementação de uma boa gestão daquela paisagem. Da maior importância seria por isso o aprofundamento em extensão e complexidade das temáticas propostas – considerando-se a sua viabilidade de implementação – enriquecendo em pormenor as componentes teóricas e, muito em particular, a ordem de trabalhos proposta, que para uma adequada e clara implementação deveria abordar com maior pormenor e complexidade as matérias nela presentes.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### Monografias

BROWN, Steve - *Cultural landscapes and park management: a literature snapshot*. Sidney: Department of Environment and Climate Change, Sidney, 2008.

Câmara Municipal de Sintra – Pelouro do Turismo. *Sintra- Guia do Concelho*. Texto editores, 1ª edição, Sintra 2008.

Câmara Municipal de Sintra – *Relatório Fundamentado de Avaliação da Execução do Plano Director Municipal – Quantificação dos Compromissos e da Reserva Urbanística*. Divisão do Plano Director Municipal de Sintra, Sintra, 2012.

COSTA, Cláudia & MARTINS, Nuno - *Património, paisagens culturais, turismo, lazer e desenvolvimento sustentável. Parques temáticos vs parques patrimoniais*. Exedra journal, nº temático – Turismo e Património, 2009.

FOWLER, Peter - *World Heritage Cultural Landscapes 1992-2002*. World Heritage Papers 6, UNESCO World Heritage Centre, Paris, 2003.

GALLAND, Pierre, ANDRIAN, Giorgio, et al. - *Preserve World Heritage*. Kerstin Manz and Mechtild Rössler, Germany, 2008.

GOELDNER, Charles, MCINTOSH, Robert W. - *Turismo: princípios, práticas e filosofias*. Bookman, Porto Alegre, 1990.

MAGALHÃES, M.R., M.M. ABREU, M. LOUSÃ & N. CORTEZ - *Estrutura Ecológica da Paisagem, conceitos e delimitação - escalas regional e municipal*. ISA Press. Lisboa, 2007.

MEINIG, Donald - *The interpretation of ordinary landscapes: geographical essays*. Oxford University Press, New York, 1979.

Instituto da Conservação da Natureza - *Relatório do Plano de Ordenamento do Parque Natural de Sintra-Cascais*. Ministério das Cidades, Ordenamento do Território e Ambiente, 2003.

*Plano Verde do Concelho de Sintra*, 2ª Fase, Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista “Prof. Caldeira Cabral”. Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa, 2008.

REGO, F. M. C. C., PAIS, N. L. - *Plano de Ordenamento e Gestão da Mata Nacional do Buçaco*, 2007.

RIBEIRO, José Cardim. FERREIRA, Virgílio. GRANJA, Carlos. *Sintra: Património da Humanidade*. Câmara Municipal de Sintra, 1996.

UNESCO - *State of conservation reports of cultural properties which the Committee noted*. 24COM VIII.iii.35-43, UNESCO, Paris, 2001.

UNESCO – *Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage*, 31th Session, Vinius, Lithuania, 8-16 July 2006 – item 7 of the provisional agenda. Mission report: Cultural Landscape of Sintra. Sintra: ICOMOS-IUCN-UNESCO, 22-25 March 2006.

UNESCO World Heritage -*Centre cultural landscapes: the challenges of conservation*. World Heritage papers 7, UNESCO World Heritage Centre, France, 2003.

UNESCO – *World Heritage Resource Manual -Managing Natural World Heritage*, UNESCO Heritage, Centre, Paris, 2012.

WINCHESTER, Hilary, KONG, Lily & DUNN, Kevin - *Landscapes: ways of imagining the world, Insights into Human Geography Series*, Pearson Education Limited, UK, 2003.

### **Periódicos**

BANDARIN, Francesco, article of the “Journal of Landscape Architecture – Cultural Landscapes”, Brijender S. Dua, India, [S./vol.], nº 28 (2010).

SABATÉ BEL, Joaquim (dir), “De la preservación del patrimonio a la ordenación del paisaje, Ensayos”, Universidad Politécnica de Catalunya, [S./vol.], nº1 (2005).

THAKUR, Nalini, article of the “Journal of Landscape Architecture – Cultural Landscapes”, Brijender S. Dua, India, [S./vol.], nº 28 (2010).

### **Outras fontes e monografias não publicadas**

CABRAL, Francisco Caldeira, *Sintra, Património Cultural e Natural – Conferência proferida a convite da Associação de Defesa do Património de Sintra*. Palácio de Valenças, Sintra, 1989.

COSTA, Cláudia - *Paisagens Culturais: Memória de uma identidade colectiva para o futuro. Caso Estudo: Deserto Carmelita do Bussaco*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagista, apresentada ao Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, s. m. 2011.

DUARTE, Marta -*O Turismo na Paisagem Cultural de Sintra*. Dissertação de Mestrado em Turismo, Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, s.m. 2010.

ELC – UE Cultura 2000 - *Paisagem Cultural Europeia. A nossa herança comum*, Universidade de Bergen, Noruega.

SANTOS, Sara -*Direito do Património Cultural*. Curso de Formação Contínua de Direito imobiliário, apresentada à Universidade do Porto, Porto, s.m. 2007.

### **Fontes computadorizadas**

A. Filipe Saraiva – Arquitecto Paisagista – Recuperação da Paisagem Cultural de Sintra. [Em linha]. [Consult. 25 Jul. 2012]. Disponível na WWW:<URL: <http://afilipesaraiva.blogspot.pt/2011/04/trabalho-academico-recuperacao-da.html>>.

ABREU, Alexandre D'Orey Cancela, *Ética e Paisagem*. Fundação Calouste Gulbenkian. [Em linha]. Lisboa: SLP, 2011– [Consult. 23 Fev. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.gulbenkian.pt/media/files/FTP\\_files/pdfs/ambiente2010/S\\_EticaPaisagem\\_AlexAbreuSet2011.pdf](http://www.gulbenkian.pt/media/files/FTP_files/pdfs/ambiente2010/S_EticaPaisagem_AlexAbreuSet2011.pdf)>.

Associação de Defesa do Património de Sintra – A floresta da Serra de Sintra [Em linha]. Sintra: SLP, 2004– [Consult. 07 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://mwmservices.net/adps/ADPS\\_Comunicado\\_03.html](http://mwmservices.net/adps/ADPS_Comunicado_03.html)>.

Câmara Municipal de Sintra – Sintra Paisagem Cultural [em linha]. Sintra: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.cm-sintra.pt/pgcdr/pg/intro.html>>.

Câmara Municipal de Sintra – Sintra e a sua História [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.cm-sintra.pt/pgcdr/pg/intro.html>>.

Câmara Municipal de Sintra - Planos de Ordenamento do Território [Em linha]. Sintra: SLP, ano 2012 – [Consult. 23 Jun. 2012]. Disponível em URL: <<http://www.cm-sintra.pt/Artigo.aspx?ID=4373>>.

Comissão Nacional da UNESCO – Comissão Nacional da UNESCO em Portugal [Em linha]. Lisboa: SLP, 2001 – [Consult. 15 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://unesco.pt>>.

Conselho da Europa - Estatuto. [Em linha]. [Consult. 27 Maio 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.fd.uc.pt/CI/CEE/OI/Conselho\\_Europa/Conselho\\_Europa\\_\\_Estatuto.htm](http://www.fd.uc.pt/CI/CEE/OI/Conselho_Europa/Conselho_Europa__Estatuto.htm)>.

Conselho da Europa - Convenção Cultural Europeia. [Em linha]. [Consult. 27 Maio 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.conventions.coe.int/Treaty/en/Treaties/Html/018.htm>>.

Conselho da Europa- Texto da Convenção Europeia da Paisagem [Em linha], [Consult. 03 Junho. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/heritage/landscape/versionsconvention/portuguese.pdf>>.

Convenção de Ramsar sobre Zonas Húmidas de Importância Internacional. [Em linha]. [Consult. 27 Maio 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://4ccr.pgr.mpf.gov.br/documentos-e-publicacoes/tratados-internacionais/docs/formulario\\_ramsar.pdf](http://4ccr.pgr.mpf.gov.br/documentos-e-publicacoes/tratados-internacionais/docs/formulario_ramsar.pdf)>.

*Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*, [Em linha]. [Consult. 03 Maio. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://whc.unesco.org/en/convention/>>.

*Convenção do Património Mundial, Paisagens Culturais, Cidades, Canais e Rotas*, alínea 5. [Em linha]. [Consult. 20 Jun. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://whc.unesco.org/en/guidelines>>.

DGEMN. [Em linha]. Lisboa: SLP, 2001-2006 – [Consult. 24 Abril. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/Default.aspx](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx)>.

DGEMN – Monumentos.pt - Unidade de Paisagem da Serra de Sintra [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22840)>.

DGEMN – Monumentos.pt - Parque da Pena & Parque de Monserrate [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=23456](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=23456)>.

DGEMN – Monumentos.pt - Parque de Monserrate [em linha]. Lisboa: SLP, 2004– [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=22672](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22672)>.

Direcção Geral dos Recursos Florestais – *Estratégia Nacional para as Florestas*. 2006. [Em linha]. [Consult. 27 Maio 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.empreender.aip.pt/irj/go/km/docs/site-manager/www\\_empreender\\_aip\\_pt/conteudos/pt/centrodocumentacao/Centro%20de%20Documenta%C3%A7%C3%A3o/Sector%20Florestal/Estrat%C3%A9gia%20Nacional%20para%20as%20Florestas,%20pela%20Direc%C3%A7%C3%A3o%20dos%20Recursos%20Florestais.pdf](http://www.empreender.aip.pt/irj/go/km/docs/site-manager/www_empreender_aip_pt/conteudos/pt/centrodocumentacao/Centro%20de%20Documenta%C3%A7%C3%A3o/Sector%20Florestal/Estrat%C3%A9gia%20Nacional%20para%20as%20Florestas,%20pela%20Direc%C3%A7%C3%A3o%20dos%20Recursos%20Florestais.pdf)>.

Directiva Europeia Natura 2000. [Em linha]. [Consult. 27 Maio 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://europa.eu/legislation\\_summaries/environment/nature\\_and\\_biodiversity/l28076\\_pt.htm](http://europa.eu/legislation_summaries/environment/nature_and_biodiversity/l28076_pt.htm)>.

ICCROM. [Em linha]. [Consult. 03 Maio 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.iccrom.org/>>.

ICOMOS - Carta de Cracóvia, Princípios para a Conservação e Restauro do Património Construído. [Em linha]. [Consult. 27 Maio 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>; Convenção Europeia da Paisagem: Disponível em <http://www.gddc.pt/siii/docs/dec4-2005.pdf>>.

ICOMOS - Carta de Veneza sobre Conservação e Restauro dos Monumentos e Sítios. [Em linha]. [Consult. 27 Maio 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.icomos.org.br/cartas/Carta\\_de\\_Veneza\\_1964.pdf](http://www.icomos.org.br/cartas/Carta_de_Veneza_1964.pdf)>.

ICOMOS (1976) – *Charter of Cultural Tourism*. [Em linha]. [Consult. 25 Maio 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.icomos.org/tourism/tourism\\_charter.html](http://www.icomos.org/tourism/tourism_charter.html)>.

IGESPAR – Missão [Em linha]. Lisboa: SLP, ano (?) – [Consult. 03 Abril 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.igespar.pt/pt/about/mission/missao/>>.

Informações para Turistas em Sintra – Info Parques de Sintra. [Em linha]. [Consult. 04 Out. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.bigviagem.com/informacoes-para-turistas-em-sintra-info-parques-de-sintra/>>.

International Scientific Committee on Cultural Landscapes – Members [Em linha]. [Consult. 23 Agosto 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.icomos.org/landscapes/members.htm>>.

IUCN. [Em linha]. [Consult. 03 Maio 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://iucn.org>>.

OMT (2004) – *Seminar 7-9 June 2004*. [Em linha]. [Consult. 03 Agosto 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://pub.unwto.org/WebRoot/Store/Shops/Infoshop/Products/1391/1391-1.pdf>>.

Pathways to Cultural Landscapes. *Cultural Landscape – View from Europe* [Em linha]. [Consult. 03 Junho 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.pcl-eu.de/project/agenda/epcl.php>>.

Projecto ZOOMAZORES. [Em linha]. [Consult. 29 Maio 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://zoomazores.com>>.

Recuperação das áreas ardidas do Parque Natural Sintra-Cascais. [Em linha]. [Consult. 25 Jul. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://naturlink.sapo.pt/Noticias/Noticias/content/Recuperacao-das-areas-ardidas-do-Parque-Natural-Sintra-Cascais?bl=1>>.

Regulamento do Programa “CORESINTRA” Conservação e Restauro de Edifícios de Sintra. [Em linha]. [Consult. 04 Out. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.cm-sintra.pt/Artigo.aspx?ID=3427>>.

Sítio oficial da União Europeia – *A História da UE* [Em linha].[Consult. 27 Jun. 2012]. Disponível na WWW:<URL:[http://europa.eu/about-eu/eu-history/1945-1959/1949/index\\_pt.htm](http://europa.eu/about-eu/eu-history/1945-1959/1949/index_pt.htm)>.

The Cultural Landscape Foundation. [Em linha]. [Consult. 23 Agosto 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://tclf.org/>>.

UNESCO - *Guidelines on the Inscription of Specific Types of Properties on The World Heritage List*, p. 33. Disponível na WWW: <URL: <http://whc.unesco.org/archive/opguide08-en.pdf#annex3>>.

UNESCO - Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural. [Em linha]. [Consult. 27 Maio 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>>.

UNESCO - *Cultural Landscapes*. [Em linha].[Consult. 15 Jan. 2012]. Disponível na WWW:<URL:<http://whc.unesco.org/en/culturallandscape/>>.

UNESCO -Comité intergovernamental para a protecção do património mundial. *Orientações para a Aplicação da Convenção do Património Mundial, A Lista do Património Mundial*, artigo 1º. [Em linha]. [Consult. 20 Jun. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://whc.unesco.org/en/guidelines>>.

UNESCO – Programa Man and Biosphere. [Em linha]. [Consult. 27 Maio 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.unesco.org/new/en/natural-sciences/environment/ecological-sciences/man-and-biosphere-programme/>>.

UNESCO - Recomendação sobre a Salvaguarda da Beleza e do Carácter das Paisagens e dos Sítios. [Em linha]. [Consult. 25 Jul. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://maintenance.unesco.org/404/?host=www.unesco.org&uri=/culture/laws/landscapes/html\\_eng/page1.shtml](http://maintenance.unesco.org/404/?host=www.unesco.org&uri=/culture/laws/landscapes/html_eng/page1.shtml)>.

UNESCO - *State of conservation reports of cultural properties which the Committee noted*. 24COM VIII.iii.35-43, UNESCO,Paris, 2001. [Em linha]. [Consult. 27 Jun. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://whc.unesco.org/pg.cfm?cid=305&l=en&&action=list&searchDecisions=&search\\_theme=5&maxrows=2041](http://whc.unesco.org/pg.cfm?cid=305&l=en&&action=list&searchDecisions=&search_theme=5&maxrows=2041)>.

## **Outras fontes**

### **Comunicações**

Comunicação do Arq.º Carlos Pinto, Divisão do PDM de Sintra, Câmara Municipal de Sintra (5 Set. 2012).

Comunicação com os Arq.º Carlos Pinto e Arq.º Rui Rodrigues, Divisão do PDM de Sintra, Câmara Municipal de Sintra (3 Out. 2012).

Comunicação do Presidente da PSML António Lamas, aquando do seminário Património Cultural e Natural Sintra, Quinta da Regaleira (21 de Maio de 2012).

Comunicação da docente da ESHT Gabriela Carvalho sobre a temática Património Cultural e Interpretação Turística, aquando do seminário Património Cultural e Natural Sintra, Quinta da Regaleira(21 de Maio de 2012).

Comunicação pelo Vereador do Turismo José Lino Ramos, Divisão do Turismo, Câmara Municipal de Sintra (16 Maio. 2012).

## Legislação Nacional e internacional

Assembleia da República - Constituição da República Portuguesa, VII Revisão Constitucional. [Em linha], [Consult. 25 Agosto 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>>.

Aviso nº 15169/2010 de 22 de Julho. [Em linha].– [Consult. 22 Jul. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://dre.pt/pdf2sdip/2010/07/147000000/4094940949.pdf>>.

Convenção Europeia da Paisagem, Decreto nº 4/2005. [Em linha]. [Consult. 23 Agosto 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.gddc.pt/siii/docs/dec4-2005.pdf>>.

Decreto n.º 292/81, de 15 Outubro. [Em linha] – [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.dre.pt/pdf1s/1981/10/23700/27552758.pdf>>.

Decreto-Lei nº 19/93 de 23 de Janeiro. [Em linha]. [Consult. 13 Jun. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.dre.pt/pdf1sdip/1993/01/019a00/02710277.PDF>>.

Decreto n.º 9/94. [Em linha] – [Consult. 03 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://siddamb.apambiente.pt/publico/documentoPublico.asp?documento=2058&versao=2>>.

Decreto-Lei nº 69/99 de 2 de Março. [Em linha]. [Consult. 25 Jul. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.dre.pt/pdf1s/1999/03/060A00/13821391.pdf>>.

Decreto-Lei nº 380/99, de 22 de Setembro. [Em linha].– [Consult. 22 Jul. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.dre.pt/pdf1s/1999/09/222A00/65906622.pdf>>.

Decreto Regulamentar n.º 15/2006 de 19 de Outubro. [Em linha]. [Consult. 25 Jul. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://dre.pt/pdf1sdip/2006/10/20200/72567274.pdf>>.

Decreto-Lei nº 19/2006 de 18 de Julho. [Em linha]. [Consult. 13 Jun. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.mincultura.gov.pt/ministeriocultura/Pages/legislacao\\_cultural.aspx](http://www.mincultura.gov.pt/ministeriocultura/Pages/legislacao_cultural.aspx)>.

Decreto-Lei nº 142/2008 de 24 de Julho - Regime jurídico da Conservação da Natureza e Biodiversidade, artigo 19.º. [Em linha]. [Consult. 25 Abril 2013]. Disponível na WWW: <URL: <http://dre.pt/pdf1s/2008/07/14200/0459604611.pdf>>.

Decreto-Lei nº 115/2012, artigo 2º. [Em linha].– [Consult. 15 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://dre.pt/pdf1sdip/2012/05/10200/0277202777.pdf>>.

Directiva 92/43/CEE, de 21 de Maio de 1992. [Em linha]. [Consult. 03 Jun. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://europa.eu/legislation\\_summaries/environment/nature\\_and\\_biodiversity/l28076\\_pt.htm](http://europa.eu/legislation_summaries/environment/nature_and_biodiversity/l28076_pt.htm)>.

Lei nº 13/85 de 6 de Julho. [Em linha] – [Consult. 28 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.aparqueologos.org/documentos/Lei13\\_85.pdf](http://www.aparqueologos.org/documentos/Lei13_85.pdf)>.

Lei nº 33/96 de 17 de Agosto. [Em linha] – [Consult. 08 Jan. 2012]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.igf.min-financas.pt/inflegal/bd\\_igf/bd\\_legis\\_geral/leg\\_geral\\_docs/LEI\\_033\\_96.htm](http://www.igf.min-financas.pt/inflegal/bd_igf/bd_legis_geral/leg_geral_docs/LEI_033_96.htm)>.

Lei nº 107/01 de 8 de Setembro, artigos 1º e 2º. [Em linha]. [Consult. 13 Jun. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://dre.pt/pdf1s/2001/09/209A00/58085829.pdf>>.

Ministério da Cultura – Portal da Cultura, Diplomas de Desenvolvimento da Lei de Bases do Património Cultural [Em linha], [Consult. 23 Jun. 2012]. Disponível na WWW : <URL : [http://www.mincultura.gov.pt/impressa/arquivo/Pages/20090314\\_Fundo\\_Salvaguarda.aspx](http://www.mincultura.gov.pt/impressa/arquivo/Pages/20090314_Fundo_Salvaguarda.aspx)>.

### **Missões UNESCO (e conjuntas) em território sintense**

Decision 26COM 21B.66. [Em linha], [Consult. 27 Jun. 2012]. Disponível na WWW : <URL : <http://whc.unesco.org/en/decisions/908>>.

Decision 27 COM 7B.72. [Em linha], [Consult. 27 Jun. 2012]. Disponível na WWW : <URL : <http://whc.unesco.org/en/decisions/655>>.

Decision 28 COM 15B.77. [Em linha], [Consult. 27 Jun. 2012]. Disponível na WWW : <URL : <http://whc.unesco.org/en/decisions/249>>.

Decision 30 COM 7B.89. [Em linha], [Consult. 27 Jun. 2012]. Disponível na WWW : <URL : <http://whc.unesco.org/en/decisions/1176>>.

Decision 33 COM 7B.116. [Em linha], [Consult. 27 Jun. 2012]. Disponível na WWW : <URL : <http://whc.unesco.org/en/decisions/1908>>.

Visita 11-15 de Janeiro de 2010. Consultado em: DUARTE, Marta, O Turismo na Paisagem Cultural de Sintra. Dissertação de Mestrado em Turismo, Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, 2010.

### **Bases digitais/ cartográficas**

Base Digital (SIG) do Plano Verde do Concelho de Sintra.

Carta Geológica de Portugal Continental à escala 1/500 000. LNEG - Laboratório Nacional de Energia e Geologia.

CHARRUA, Helena, LEITE, Ana Filipa, TIMÓTEO, Maria Inês. Base Digital (SIG) do estudo (académico) para a Área Metropolitana de Lisboa, disciplina de Ordenamento de Território III, Instituto Superior de Agronomia, 2011-2012.

Gonçalves, J.A. (s.d.). SRTM DEM - Mosaico de Portugal, preenchido e projectado no sistema de coordenadas PT-TM06. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Porto. Disponível em <http://www.fc.up.pt/pessoas/jagoncal/srtm/> [consultado em 18 de Janeiro de 2011].

Instituto Geográfico Português (2011). Carta de Ocupação do Solo - COS' 2007. Instituto Geográfico Português. Lisboa. Disponível em <http://www.igeo.pt/nivel/cos2007n2.zip> [consultado em 29 de Abril de 2011].

Ortofotomapa do Concelho de Sintra. Fonte: CMS.

Ortofotomapa do Concelho de Cascais. Fonte: CMC.



## ANEXOS

**Anexo 1 - Lei nº. 107/2001 de 8 de Setembro (Lei de Bases do Património Cultural– não se apresenta na totalidade)**

Lei nº 107/2001 de 8 de Setembro, art. 2.º, nº1.[Em linha]. SLP, 2001 – [Consult. 27 Mar. 2012]. Disponível na WWW: <URL: <http://dre.pt/pdf1s/2001/09/209A00/58085829.pdf>>.

## **TÍTULO I**

### **Dos princípios basilares**

#### **Artigo 1.o**

##### Objecto

1 — A presente lei estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural, como realidade da maior relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura.

2 — A política do património cultural integra as acções promovidas pelo Estado, pelas Regiões Autónomas, pelas autarquias locais e pela restante Administração Pública, visando assegurar, no território português, a efectivação do direito à cultura e à fruição cultural e a realização dos demais valores e das tarefas e vinculações impostas, neste domínio, pela Constituição e pelo direito internacional.

#### **Artigo 2.o**

##### Conceito e âmbito do património cultural

1 — Para os efeitos da presente lei integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos

com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial protecção e valorização.

2 — A língua portuguesa, enquanto fundamento da soberania nacional, é um elemento essencial do património cultural português.

Estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural

3 — O interesse cultural relevante, designadamente histórico, paleontológico, arqueológico, arquitectónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, dos bens que integram o património cultural reflectirá valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade.

4 — Integram, igualmente, o património cultural aqueles bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória colectiva portuguesas.

5 — Constituem, ainda, património cultural quaisquer outros bens que como tal sejam considerados por força de convenções internacionais que vinculem o Estado Português, pelo menos para os efeitos nelas previstos.

6 — Integram o património cultural não só o conjunto de bens materiais e imateriais de interesse cultural relevante, mas também, quando for caso disso, os respectivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa.

7 — O ensino, a valorização e a defesa da língua portuguesa e das suas variedades regionais no território nacional, bem como a sua difusão internacional, constituem objecto de legislação e políticas próprias.

8 — A cultura tradicional popular ocupa uma posição de relevo na política do Estado e das Regiões Autónomas sobre a protecção e valorização do património cultural e constitui objecto de legislação própria.

(...)

## Artigo 6.o

### Outros princípios gerais

Para além de outros princípios presentes nesta lei, a política do património cultural obedece aos princípios gerais de:

- a) Inventariação, assegurando-se o levantamento sistemático, actualizado e tendencialmente exaustivo dos bens culturais existentes com vista à respectiva identificação;
- b) Planeamento, assegurando que os instrumentos e recursos mobilizados e as medidas adaptadas resultam de uma prévia e adequada planificação e programação;
- c) Coordenação, articulando e compatibilizando o património cultural com as restantes políticas que se dirigem a idênticos ou conexos interesses públicos e privados, em especial as políticas de ordenamento do território, de ambiente, de educação e formação, de apoio à criação cultural e de turismo;
- d) Eficiência, garantindo padrões adequados de cumprimento das imposições vigentes e dos objectivos previstos e estabelecidos;
- e) Inspecção e prevenção, impedindo, mediante a instituição de organismos, processos e controlos adequados, a desfiguração, degradação ou perda de elementos integrantes do património cultural;
- f) Informação, promovendo a recolha sistemática de dados e facultando o respectivo acesso tanto aos cidadãos e organismos interessados como às competentes organizações internacionais;
- g) Equidade, assegurando a justa repartição dos encargos, ónus e benefícios decorrentes da aplicação do regime de protecção e valorização do património cultural;
- h) Responsabilidade, garantindo prévia e sistemática ponderação das intervenções e dos

actos susceptíveis de afectar a integridade ou circulação lícita de elementos integrantes do património cultural;

- i) Cooperação internacional, reconhecendo e dando efectividade aos deveres de colaboração, informação e assistência internacional.

## TÍTULO II

Dos direitos, garantias e deveres dos cidadãos

### Artigo 7.o

#### Direito à fruição do património cultural

1 — Todos têm direito à fruição dos valores e bens que integram o património cultural, como modo de desenvolvimento da personalidade através da realização cultural.

2 — A fruição por terceiros de bens culturais, cujo suporte constitua objecto de propriedade privada ou outro direito real de gozo, depende de modos de divulgação concertados entre a administração do património cultural e os titulares das coisas.

3 — A fruição pública dos bens culturais deve ser harmonizada com as exigências de funcionalidade, segurança, preservação e conservação destes.

4 — O Estado respeita, também, como modo de fruição cultural o uso litúrgico, devocional, catequético e educativo dos bens culturais afectos a finalidades de utilização religiosa.

### Artigo 8.o

#### Colaboração entre a Administração Pública e os particulares

As pessoas colectivas de direito público colaborarão com os detentores de bens culturais, por forma que estes possam conjugar os seus interesses e iniciativas com a actuação pública, à luz dos objectivos de protecção e valorização do património cultural, e beneficiem de contrapartidas de apoio técnico e financeiro e de incentivos fiscais.

(...)

#### Artigo 10.o

##### Estruturas associativas de defesa do património cultural

1 — Para além dos contributos individuais, a participação dos cidadãos interessados na gestão efectiva do património cultural pela Administração Pública poderá ser assegurada por estruturas associativas, designadamente institutos culturais, associações de defesa do património cultural, e outras organizações de direito associativo. (...)

#### Artigo 13.o

##### Componentes específicas da política do património cultural

A política do património cultural deverá integrar especificamente, entre outras, as seguintes componentes:

- a) Definição de orientações estratégicas para todas as áreas do património cultural;
- b) Definição, através de planos, programas e directrizes, das prioridades de intervenção ao nível da conservação, recuperação, acrescentamento, investigação e divulgação do património cultural;
- c) Definição e mobilização dos recursos humanos, técnicos e financeiros necessários à consecução dos objectivos e das prioridades estabelecidas;
- d) Definição das relações e aplicação dos instrumentos de cooperação entre os diversos níveis da Administração Pública e desta com os principais detentores de bens culturais e com as populações;
- e) Definição dos modelos de articulação da política do património cultural com as demais políticas sectoriais;

f) Definição de modelos de aproveitamento das tecnologias da informação e comunicação;

g) Adopção de medidas de fomento à criação cultural.

(...)

#### Artigo 15.o

##### Categorias de bens

1 — Os bens imóveis podem pertencer às categorias de monumento, conjunto ou sítio, nos termos em que tais categorias se encontram definidas no direito internacional, e os móveis, entre outras, às categorias indicadas no título VII.

2 — Os bens móveis e imóveis podem ser classificados como de interesse nacional, de interesse público ou de interesse municipal.

3 — Para os bens imóveis classificados como de interesse nacional, sejam eles monumentos, conjuntos ou sítios, adoptar-se-á a designação «monumento nacional» e para os bens móveis classificados como de interesse nacional é criada a designação «tesouro nacional».

4 — Um bem considera-se de interesse nacional quando a respectiva protecção e valorização, no todo ou em parte, represente um valor cultural de significado para a Nação.

5 — Um bem considera-se de interesse público quando a respectiva protecção e valorização represente ainda um valor cultural de importância nacional, mas para o qual o regime de protecção inerente à classificação como de interesse nacional se mostre desproporcionado.

6 — Consideram-se de interesse municipal os bens cuja protecção e valorização, no todo ou em parte, representem um valor cultural de significado predominante para um determinado município.

7 — Os bens culturais imóveis incluídos na lista do património mundial integram, para todos os

efeitos e na respectiva categoria, a lista dos bens classificados como de interesse nacional.

8 — A existência das categorias e designações referidas neste artigo não prejudica a eventual relevância de outras, designadamente quando previstas no direito internacional.

(...)

#### Artigo 18.o

##### Classificação

1 — Entende-se por classificação o acto final do procedimento administrativo mediante o qual se determina que certo bem possui um inestimável valor cultural.

2 — Os bens móveis pertencentes a particulares só podem ser classificados como de interesse nacional quando a sua degradação ou o seu extravio constituam perda irreparável para o património cultural.

3 — Dos bens móveis pertencentes a particulares só são passíveis de classificação como de interesse público os que sejam de elevado apreço e cuja exportação definitiva do território nacional possa constituir dano grave para o património cultural.

4 — Só é possível a classificação de bens móveis de interesse municipal com o consentimento dos respectivos proprietários.

(...)

#### Artigo 43.o

##### Zonas de protecção

1 — Os bens imóveis classificados nos termos do artigo 15.o da presente lei, ou em vias de classificação como tal, beneficiarão automaticamente de uma zona geral de protecção de 50 m, contados a partir dos seus limites externos, cujo regime é fixado por lei.

2 — Os bens imóveis classificados nos termos do artigo 15.o da presente lei, ou em vias de classificação como tal, devem dispor ainda de

uma zona especial de protecção, a fixar por portaria do órgão competente da administração central ou da Região Autónoma quando o bem aí se situar.

3 — Nas zonas especiais de protecção podem incluir-se zonas non aedificandi.

4 — As zonas de protecção são servidões administrativas, nas quais não podem ser concedidas pelo município, nem por outra entidade, licenças para obras de construção e para quaisquer trabalhos que alterem a topografia, os alinhamentos e as cêrceas e, em geral, a distribuição de volumes e coberturas ou o revestimento exterior dos edifícios sem prévio parecer favorável da administração do património cultural competente.

5 — Excluem-se do preceituado pelo número anterior as obras de mera alteração no interior de imóveis.

#### Artigo 44.o

##### Defesa da qualidade ambiental e paisagística

1 — A lei definirá outras formas para assegurar que o património cultural imóvel se torne um elemento potenciador da coerência dos monumentos, conjuntos e sítios que o integram, e da qualidade ambiental e paisagística.

2 — Para os efeitos deste artigo, o Estado, as Regiões Autónomas e as autarquias locais promoverão, no âmbito das atribuições respectivas, a adopção de providências tendentes a recuperar e valorizar zonas, centros históricos e outros conjuntos urbanos, aldeias históricas, paisagens, parques, jardins e outros elementos naturais, arquitectónicos ou industriais integrados na paisagem.

3 — Relativamente aos conjuntos e sítios, a legislação de desenvolvimento estabelecerá especialmente:

a) Os critérios exigidos para o seu reconhecimento legal e os benefícios e incentivos daí decorrentes;

b) Os parâmetros a que devem obedecer os planos, os programas e os regulamentos aplicáveis;

c) Os sistemas de incentivo e apoio à gestão integrada e descentralizada;

d) As medidas de avaliação e controlo.

(...)

## **SUBSECÇÃO II**

Monumentos, conjuntos e sítios

Artigo 51.o

### Intervenções

Não poderá realizar-se qualquer intervenção ou obra, no interior ou no exterior de monumentos, conjuntos ou sítios classificados, nem mudança de uso susceptível de o afectar, no todo ou em parte, sem autorização expressa e o acompanhamento do órgão competente da administração central, regional autónoma ou municipal, conforme os casos.

(...)

Artigo 53.o

### Planos

1 — O acto que decreta a classificação de monumentos, conjuntos ou sítios nos termos do artigo 15.o da presente lei, ou em vias de classificação como tal, obriga o município, em parceria com os serviços da administração central ou regional autónoma responsáveis pelo património cultural, ao estabelecimento de um plano de pormenor de salvaguarda para a área a proteger.

2 — A administração do património cultural competente pode ainda determinar a elaboração de um plano integrado, salvaguardando a existência de qualquer instrumento de gestão territorial já eficaz, reconduzido a instrumento de política sectorial nos domínios a que deva dizer respeito.

3 — O conteúdo dos planos de pormenor de salvaguarda será definido na legislação de desenvolvimento, o qual deve estabelecer, para além do disposto no regime jurídico dos instrumentos de gestão territorial:

a) A ocupação e usos prioritários;

b) As áreas a reabilitar;

c) Os critérios de intervenção nos elementos construídos e naturais;

d) A cartografia e o recenseamento de todas as partes integrantes do conjunto;

e) As normas específicas para a protecção do património arqueológico existente;

f) As linhas estratégicas de intervenção, nos planos económico, social e de requalificação urbana e paisagística.

(...)

## **TÍTULO VI**

Do regime geral de valorização dos bens culturais

Artigo 70.o

### Componentes do regime de valorização

São componentes do regime geral de valorização dos bens culturais:

a) A conservação preventiva e programada;

b) A pesquisa e a investigação;

c) A protecção e valorização da paisagem e a instituição de novas e adequadas formas de tutela dos bens culturais e naturais, designadamente os centros históricos, conjuntos urbanos e rurais, jardins históricos e sítios;

d) O acesso e a fruição;

e) A formação;

f) A divulgação, sensibilização e animação;

- g) O crescimento e o enriquecimento;
  - h) O apoio à criação cultural;
  - i) A utilização, o aproveitamento, a rendibilização e a gestão;
  - j) O apoio a instituições técnicas e científicas.
- (...)

## **CAPÍTULO II**

Do património arqueológico

### **TÍTULO VIII**

Dos bens imateriais

Artigo 91.o

#### Âmbito e regime de protecção

1 — Para efeitos da presente lei, integram o património cultural as realidades que, tendo ou não suporte

em coisas móveis ou imóveis, representem testemunhos etnográficos ou antropológicos com valor de civilização ou de cultura com significado para a identidade e memória colectivas.

2 — Especial protecção devem merecer as expressões orais de transmissão cultural e os modos tradicionais de fazer, nomeadamente as técnicas tradicionais de construção e de fabrico e os modos de preparar os alimentos.

3 — Tratando-se de realidades com suporte em bens móveis ou imóveis que revelem especial

interesse etnográfico ou antropológico, serão as mesmas objecto das formas de protecção previstas nos títulos IV e V.

4 — Sempre que se trate de realidades que não possuam suporte material, deve promover-se o respectivo registo gráfico, sonoro, áudio-visual ou outro para efeitos de conhecimento, preservação e valorização através da constituição programada de colectâneas que viabilizem a sua salvaguarda e fruição.

5 — Sempre que se trate de realidades que associem, também, suportes materiais diferenciados, deve promover-se o seu registo adequado para efeitos de conhecimento, preservação, valorização e de certificação.

Artigo 92.o

#### Deveres das entidades públicas

1 — Constitui especial dever do Estado e das Regiões Autónomas apoiar iniciativas de terceiros e mobilizar todos os instrumentos de valorização necessários à salvaguarda dos bens imateriais referidos no artigo anterior.

2 — Constitui especial dever das autarquias locais promover e apoiar o conhecimento, a defesa e a valorização dos bens imateriais mais representativos das comunidades respectivas, incluindo os próprios das minorias étnicas que as integram.

(...)

## **Anexo 2 – Decision 26 COM 21B.66**

Decision 26COM 21B.66. [Em linha], [Consult. 27 Jun. 2012]. Disponível na WWW : <URL : <http://whc.unesco.org/en/decisions/908>>.

### **CONVENTION CONCERNING THE PROTECTION OF THE WORLD**

#### **CULTURAL AND NATURAL HERITAGE**

##### **30th Anniversary**

**(1972-2002)**

#### **WORLD HERITAGE COMMITTEE**

##### **Twenty-sixth session**

##### **Budapest, Hungary**

**24 - 29 June 2002**

“26 COM 21 (b) 66 Cultural Landscape of Sintra  
(Portugal)

Document: WHC-02/CONF.202/17

The World Heritage Committee,

1. Takes note of the report provided by the State  
Party;

2. Congratulates the Portuguese authorities for  
the actions undertaken in view of the  
preservation and protection of the World  
Heritage site;

3. Recalls the practical steps recommended by  
the joint IUCN-ICOMOS mission and adopted by

the Bureau at its 24th extraordinary session:  
creation of an independent Cultural Landscape  
Advisory Committee; creation of an advisory  
body/association of residents; the establishment  
of a public information, research and archives  
centre; and an adjustment of the high protection  
area of the Natural Park to coincide with the  
core area of the World Heritage site;

4. Urges the State Party to submit by 1  
February 2003, a detailed report on these  
recommendations as well as a detailed  
management plan for the site for examination at  
its 27th session in June/July 2003.”



### **Anexo 3 – Decision 27 COM 7B.72**

Decision 27 COM 7B.72. [Em linha], [Consult. 27 Jun. 2012]. Disponível na WWW : <URL : <http://whc.unesco.org/en/decisions/655>>.

## **CONVENTION CONCERNING THE PROTECTION OF THE WORLD**

### **CULTURAL AND NATURAL HERITAGE**

### **WORLD HERITAGE COMMITTEE**

#### **Twenty-seventh session**

**Paris, UNESCO Headquarters, Room XII**

**30 June – 5 July 2003**

“72. Cultural Landscape of Sintra (Portugal)

New Information:

WHC: By 20 March 2003, a state of conservation report elaborated by the Municipality of Sintra was sent to the Secretariat announcing the designation of a site manager responsible for the World Heritage site. The document states that several elements of the World Heritage site are in a serious condition: The two Parks (Pena and Monserrate) have not yet benefited from any improvement works; the Monserrate Palace and the Capuchos Covent are in a bad state of conservation, as is the “Chalet da Condessa” that had been subject to a fire after the inscription on the World Heritage List; there is no adequate planning policy taking into account the buffer zone and the transition zone of the World Heritage site; the restoration of the historic city centre of Sintra has made little progress. The document also underlines several aspects of improvement on the site as well as the debate on the projects undertaken by the Company

“Parques de Sintra –Monte da Lua”. The main critical point remains the lack of a comprehensive management plan for the whole World Heritage site. It is foreseen to submit such a management plan by January 2004.

Issues: Urban Pressure; Tourism Pressure.Draft

Decision: 27 COM 7 (b) 72

The World Heritage Committee,

1. Taking of the report on the state of conservation of the Cultural Landscape of Sintra provided by the Portuguese authorities,
2. Notes that progress has been achieved in view of some recommendations made in 2000, including the restoration works on the Quinta da Regaleira,
3. Further notes that several elements of the World Heritage site are in serious condition;
4. Recalls its request for a detailed management plan for the site which should have been submitted by 31 December 2001,
5. Urges the State Party to submit the management plan by 1 February 2004 for review by the 28th session of the World Heritage Committee.

## **Anexo 4 – Decision 28 COM 15B.77**

Decision 28 COM 15B.77. [Em linha], [Consult. 27 Jun. 2012]. Disponível na WWW : <URL : <http://whc.unesco.org/en/decisions/249>>.

### **CONVENTION CONCERNING THE PROTECTION OF THE WORLD**

#### **CULTURAL AND NATURAL HERITAGE**

#### **WORLD HERITAGE COMMITTEE**

#### **Twenty-eighth session**

#### **Sozhou, China**

#### **28 June – 7 July 2004**

“Cultural Landscape of Sintra (Portugal).  
Document : WHC-04/28.COM/15B

28 COM 15B.77 The World Heritage Committee,

1. Taking note of the first phase of the management plan as well as a study on the state

of conservation of the site as well as information on the revised legislation submitted by

the State Party,

2. Recalls the recommendations of the joint ICOMOS/IUCN mission and its request (25 EXT BUR III.306) that a management plan be provided by 31 December 2001;

3. Further recalls the information given by the State Party at the Committee's 24th session, indicating that the “Monte da Lua” Agency had been created to strengthen the integrated management of the site;

4. Notes that a more efficient coordination has been put in place between the different authorities involved in the conservation and management of the property;

5. Encourages the States Party to progress with the implementation of the management plan and conservation programmes;

6. Also notes the invitation by the State Party to receive a joint UNESCO-ICOMOS reactive monitoring mission in 2005/2006;

7. Requests the State Party to provide the World Heritage Centre with a detailed report by 1 February 2005 in which the above mentioned measures are being clarified as well as a copy of the comprehensive management plan (1st and 2ndPhase), in order that the World Heritage Committee can examine the state of conservation of the property at its 29th session in 2005.”

## **Anexo 5 – Decision 30 COM 7B.89**

Decision 30 COM 7B.89. [Em linha], [Consult. 27 Jun. 2012]. Disponível na WWW : <URL : <http://whc.unesco.org/en/decisions/1176>>.

### **CONVENTION CONCERNING THE PROTECTION OF THE WORLD**

#### **CULTURAL AND NATURAL HERITAGE**

#### **WORLD HERITAGE COMMITTEE**

##### **Thirtieth session**

##### **Vilnius, Lithuania**

**8-16 July 2006**

“89. Cultural Landscape of Sintra (Portugal) (C 723)

Previous monitoring missions:

Joint ICOMOS/IUCN mission November 2000;  
Joint World Heritage Centre/ICOMOS/IUCN mission March 2006.

Main threats identified in previous reports:

- a) Lack of management plan;
- b) Lack of overall conservation of the site, its parks and palaces;
- c) Urban development pressure.

Current conservation issues:

At the request of the Committee (28 COM 15B.77, 29 COM 7B.81) a joint World Heritage Centre/ICOMOS/IUCN monitoring mission was undertaken to evaluate the overall state of conservation of the site as well as of its buffer and transition zones six years after the first monitoring mission and ten years after inscription, and to assess the implementation of

the management plan submitted in two parts, in 2003 (Part 1) and 2005 (Part 2). The first joint ICOMOS/IUCN mission in 2000 highlighted both the serious condition of some structures and the urgent need for a management plan that addressed conservation needs and prioritized repairs, restoration and maintenance.

The recent mission found that the overall state of conservation of the palaces and parks included in the core zone has improved considerably compared to the situation of 2000. Well-trained and committed professional staff is available for restoration works. The mission concluded that there is no severe problem of threat or loss concerning the outstanding universal value for which the property has been inscribed. The remaining problems have not changed the integrity and authenticity of the World Heritage site.

Threats nevertheless exist due to the absence of a clear management structure and of a comprehensive management plan, the significant debt of the Monte da Lua S.A., the

serious urban pressure on the ruraland semi-natural landscape surrounding the World Heritage core zone. The conditions of integrity of the property with reference to the values for which it was inscribed are satisfactory in the core zone.

The key monuments under the State control are in good general condition (Palacio real de Sintra, Palacio da Pena). The Palacio de Monserrate and the Convento dos Capuchos, under the Monte da Lua S.A. management, are equally well restored and maintained.

The Quinta da Regaleira, property of the Municipality managed by the Cultursintra Foundation is in a particularly good condition.

In terms of natural and landscape values of the area, the protection and the management of the World Heritage property have supposedly had a positive indirect effect on the biodiversity of the region: circa 80% of the high biological values of the Natural Park are still present in the site. As the general trend for the natural values (flora and fauna) is the risk of decreasing numbers of species and the loss of habitats, the importance of a coherent overall management plan is obvious.

Critical points concerning the integrity of the core area of the property are related to:

- a) the existence of inappropriate pre-fabricated offices at the entrances of some sites;
- b) the urgent need for restoration of the Chalet of the Countess Edla;

c) the absence of any assistance for private owners of high value properties (buildings and parks) to maintain their heritage (colours, volumes; species of plants etc) and ensuring that the essential elements of the properties are kept on site.

For the buffer and transition zones, the rapid urbanisation with the construction of infrastructures and houses creates a major potential threat for the next years. The interface between the core area and the buffer and transition zones could suffer crucial change, leading to a loss of the values of the property, including cultural, semi-natural and natural values.

The mission proposed a detailed agenda for elaborating the following documents that will serve as benchmarks against which to evaluate the progress of future conservation works and development in Sintra in the coming five years: Management structure; Short term action plan; Urban development strategy; Plan for site interpretation; SintraCascais Natural Park management plan (2010-2014); Sintra Municipality management plan (2010-2019); Updating of the World Heritage site management plan (2010-2014).

Given the short- and mid-term planning for the above documents, approval would need to be achieved before the end of 2009. It is proposed that the follow-up of the above measures be done on a regular basis. For the preparation of the related documents, the State Party may wish to request technical advice from UNESCO and the Advisory Bodies if required.

Draft Decision: 30 COM 7B.89

The World Heritage Committee.

1. Having examined Document WHC-06/30.COM/7B,
2. Recalling Decisions 28 COM 15B.77 and 29 COM 7B.81, adopted at its 28th (Suzhou, 2004) and 29th (Durban, 2005) sessions respectively,
3. Notes with satisfaction that significant work has been carried out to improve the state of conservation of the parks and palaces in the core zone of the World Heritage property and notes the efforts made by the State Party and the responsible authorities;
4. Requests the State Party to set up a clear management structure for the World Heritage site and to prepare an integrated comprehensive

management plan, that takes into account all the relevant planning documents for the area of Sintra;

5. Also requests, as a first step, that the State Party ensure the preparation of a shortterm action plan for the period of 2007-2009, defining the overall concept and measures for enhancing the World Heritage values including the buffer zones;
6. Encourages the State Party to seek technical support, if necessary, for the elaboration of the above requested documents;
7. Further requests the State Party to submit an up-dated report including the abovementioned action-plan to the World Heritage Centre by 1 February 2007 for examination by the Committee at its 31st session in 2007.”

## **Anexo 6 – Decision 33 COM 7B.116**

Decision 33 COM 7B.116. [Em linha], [Consult. 27 Jun. 2012]. Disponível na WWW : <URL :<http://whc.unesco.org/en/decisions/1908>>.

### **CONVENTION CONCERNING THE PROTECTION OF THE WORLD**

#### **CULTURAL AND NATURAL HERITAGE**

#### **WORLD HERITAGE COMMITTEE**

##### **Thirty-third session**

##### **Seville, Spain**

##### **22-30 June 2009**

“116. Cultural Landscape of Sintra (Portugal) (C 723)

Main threats identified in previous reports

- a) Lack of comprehensive management plan;
- b) Lack of conservation of parks and palaces;
- c) Rapid encroachment by urban and infrastructure development;
- d) Tourism pressure;
- e) Lack of institutional coordination.

##### Illustrative material

<http://whc.unesco.org/en/list/723>

<http://www.parquesdesintra.pt/en/>

##### Current conservation issues

At its 31st session (Christchurch, 2007), the World Heritage Committee took note of the Action Plan 2007-2009 provided by the newly designated management entity Parques de Sintra-Monte da Lua (PSML), supported by all

public territorial institutions concerned. It also requested the State Party to ensure the continuous political and financial support of the site management entity so as to advance the preparations and elaboration of an integrated World Heritage Site management plan for 2010-2014 and to adopt improved measures to control urban encroachment in the core and buffer zones of the World Heritage property. The joint World Heritage Centre/ICOMOS/IUCN reactive monitoring mission of 2006 had reported that the conservation of the major palaces had been considerably improved while the main threats identified continued to exist.

The State Party provided an updated report on 19 March 2009 prepared by the responsible site-managing entity of Parques de Sintra-Monte da Lua (PSML). The report recalls the structure of PSML being a public company regrouping shareholders from all responsible national institutions as well as the Municipality of Sintra in its Board. It is further recalled that the company is in charge of the major palaces and

parks of the Cultural Landscape of Sintra, to which the Palace of Pena and the hotel of Seteais have recently been added, corresponding to 40% of the territory of the World Heritage property. Based on its Action Plan 2007-2009 presented to the World Heritage Committee at its 31st session (Christchurch, 2007), the responsible site-managing entity of PSML reports on a number of activities implemented over the last 2 years:

a) Legal and institutional framework PSML has started a coherent analysis of land-use planning instruments, including an analysis of the forest management plan, in view of reviewing the boundaries of the property, delineating an urban development strategy for the World Heritage cultural landscape and its buffer and transition zones and defining their articulation with the protection requirements of the property;

b) State of conservation of the palaces and parks PSML reports on continued conservation and restoration works carried out, which include rehabilitation of buildings in the parks, cleaning of forests and restoration of major palaces, partly funded through private grants;

c) Opening and interpretation of the parks and palaces PSML reports on the increase in visitor numbers over the last years, about the development of site interpretation plans for visitors and additional tools being developed for improved visitor management. While being a public company, it is noted that PSML is required to raise its own funds according to private company-principles. Mechanisms such as maximizing resources by increasing visitor

numbers bear a considerable risk of over-exploiting the parks and palaces. The goal of PSML to increase visitation of its palaces and parks in the future has to be seen as potentially detrimental to their quality, and should therefore be reconsidered.

While there are commendable efforts to attract additional funding from Foundations and other sources for the rehabilitation and restoration of parks and palaces, in order to comply for example with the necessity for fire-prevention measures, it is however essential to ensure that any rehabilitation and preservation works be based on thorough scientific evidence and research. It also needs to be underlined that the State Party report only covers activities carried out on a smaller part of the World Heritage property (40% of its territory), while no information is provided on activities and developments in the remaining part of it.

The analysis of the different territorial planning instruments carried out by PSML complements and updates the analysis done by the mission team in March 2006, showing that there is a variety of relevant legally binding documents which are not sufficiently coordinated.

The World Heritage Centre, ICOMOS and IUCN consider that the coordination of all responsible entities continues to be deficient, bearing a continuous risk of incoherent decision-making. It is therefore suggested to set up a Steering Committee for the World Heritage property functioning as a platform for all stakeholders and as a clearing-house for World Heritage-related

matters and decisions on the entire territory of the World Heritage property and its buffer-zone.

The World Heritage Centre and the Advisory Bodies further inform that the municipality of Sintra has engaged into setting up a cooperation network with other World Heritage cultural landscapes, and to that purpose hosted an international conference in September 2008.

As emphasized by the World Heritage Centre and the Advisory Bodies in their reports in 2006 and 2007, continuous political and financial commitments as well as enhanced coordination mechanisms are required to ensure the coherence of the conservation work in the different parts of this World Heritage cultural landscape. The World Heritage Centre and the Advisory Bodies are concerned about the continued lack of such coordination mechanisms, requested since the inscription of the property on the World Heritage List, representing an ongoing potential danger to the Outstanding Universal Value of the property.

Lastly, the World Heritage Centre and the Advisory Bodies have been made aware of the continued rapidly growing urban encroachment both from the Lisbon area (neighboring municipalities) and from urbanization of the coastal areas (on the territory of the Sintra municipality) with increased traffic and large-scale infrastructure. The World Heritage Centre and the Advisory Bodies express concern about their impact on the Outstanding Universal Value and the integrity of the property and recommend sending a joint World Heritage Centre/ICOMOS/IUCN reactive monitoring

mission to assess the overall state of conservation of the property

Draft Decision: 33 COM 7B.116

The World Heritage Committee,

1. Having examined Document WHC-09/33.COM/7B,
2. Recalling Decisions 30 COM 7B.89 and 31 COM 7B.116, adopted at its 30th (Vilnius, 2006) and 31st (Christchurch, 2007) sessions respectively, and the detailed recommendations made by the joint World Heritage Centre/ICOMOS/IUCN reactive monitoring mission of March 2006,
3. Takes note of the progress made in the implementation of the short-term Action Plan 2007-2009, in particular in the restoration and gradual opening of the palaces and parks;
4. Notes with serious concern the uninterrupted urban encroachment both on the territory of the property and its buffer zone and beyond it, as well as the pressure caused by increased visitation;
5. Expresses its concern about the continuing lack of coordination mechanisms involving all relevant stakeholders responsible for the management of the property and its buffer zone;
6. Strongly encourages the State Party to consider establishing a Steering Committee for the property in order to enhance coordination and coherent decision-making among all relevant stakeholders on the territory of the property and its buffer zone;



7. Urges the State Party to amplify its efforts, to set up a comprehensive management plan for the property clearly defining the roles of all relevant stakeholders, the conservation measures and development objectives for the property as well as the appropriate financial resources;

8. Further encourages the State Party to develop, in consultation with the World Heritage Centre and the Advisory Bodies, a draft Statement of Outstanding Universal Value for the property, as a sound basis for its management;

9. Requests the State Party to invite a joint World Heritage Centre/ICOMOS/IUCN reactive monitoring mission to the property to assess the overall state of conservation of the property;

10. Also requests the State Party to submit to the World Heritage Centre, by 1 February 2010, a report on the state of conservation of the property, for examination by the World Heritage Committee at its 34th session in 2010.”

## **Anexo 7 – Visita 11-15 de Janeiro de 2010**

Consultado em: DUARTE, Marta, *O Turismo na Paisagem Cultural de Sintra*. Dissertação de Mestrado em Turismo, Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, 2010.

### **Reactive Monitoring Mission to the World Heritage Property of the Cultural Landscape of Sintra (Portugal)**

**11-15 January 2010**

#### **TERMS OF REFERENCE**

The objective of the joint UNESCO-ICOMOS-IUCN monitoring mission is to undertake a balanced and objective assessment of the State of Conservation of the World Heritage property of the Cultural Landscape of Sintra (Portugal), which was inscribed on the World Heritage List in 1995, as requested by the World Heritage Committee at its 33rd session (Decision 33 COM 7B.116). In particular, the mission will assess the potential direct and cumulative impacts of the urban encroachment both on the territory of the property and its buffer zone and beyond it, as well as the pressure caused by increased visitation. The mission will further develop recommendations on actions to be undertaken by the State Party to address existing and potential threats, and improve the long-term conservation and management of the property.

The mission will:

review the overall situation of the World Heritage property of Sintra with regard to the state of conservation of the site in its widest urban and

landscape context, its integrity and authenticity, and how the current management mechanisms help to safeguard the Outstanding Universal Value of the property;

review the implementation of the short-term Action Plan 2007-2009, in particular with regard to the restoration and gradual opening of the palaces and parks and the implementation of the recommendations of the 2006 mission as attached;

discuss coordination mechanisms involving all relevant stakeholders responsible for the management of the property and its buffer zone;

consider any requirements to revise the development plan of the municipality of Sintra, and to evaluate the overall development concept;

discuss future opportunities for co-operation on conservation management and development as exchange of experience with other World Heritage sites;

prepare a detailed report for review by the World Heritage Committee considering Operational Guidelines paragraphs 178-186 and 192-198, and submit the report to the World Heritage Centre in electronic form (not exceeding 10 pages; according to the enclosed format).

## Anexo 8 - Comparativo Anual de Hóspedes e Dormidas por nacionalidade

Fonte: CMS

### Hotelaria tradicional + Turismo no Espaço Rural + Parques Campismo + Estabelecimentos Hospedagem

PAÍSES	2006		2007		2008		2009		2010		2011	
	Hóspedes	Dormidas	Hóspedes	Dormidas	Hóspedes	Dormidas	Hóspedes	Dormidas	Hóspedes	Dormidas	Hóspedes	Dormidas
<b>Alemanha</b>	<b>4.292</b>	<b>10.644</b>	<b>5.151</b>	<b>14.981</b>	<b>4.414</b>	<b>13.092</b>	<b>4.902</b>	<b>11.842</b>	<b>4.186</b>	<b>15.415</b>	<b>4.566</b>	<b>11.779</b>
Argentina	220	364	228	430	123	247	281	401	137	259	213	328
Austrália	456	942	518	1.005	583	1.288	535	110	518	1.068	685	1.416
Áustria	476	1.105	388	822	447	1.016	395	838	513	875	328	786
Bélgica	1.544	4.596	1.703	5.441	1.490	4.498	1.663	3.655	1.188	2.665	1.352	2.770
Brasil	1.418	2.747	1.394	3.407	1.674	3.038	1.354	2.521	1.668	3.031	3.206	5.553
Canadá	1.212	2.343	1.457	2.760	1.229	2.319	1.025	1.872	935	1.516	1.567	3.897
Dinamarca	690	1.797	609	2.332	476	1.949	428	1.340	338	650	697	1.651
Eslováquia	139	241	9	19	76	159	62	112	12	43	112	205
<b>Espanha</b>	<b>13.911</b>	<b>35.313</b>	<b>15.511</b>	<b>43.560</b>	<b>15.140</b>	<b>41.697</b>	<b>15.690</b>	<b>68.901</b>	<b>11.944</b>	<b>30.753</b>	<b>15.778</b>	<b>41.485</b>
<b>E.U.América</b>	<b>7.169</b>	<b>20.590</b>	<b>6.695</b>	<b>17.781</b>	<b>4.784</b>	<b>11.995</b>	<b>5.266</b>	<b>10.485</b>	<b>3.041</b>	<b>5.293</b>	<b>4.895</b>	<b>10.335</b>
Finlândia	210	500	391	1.270	509	1.749	510	1.348	423	1.008	1.349	1.682
França	3.746	8.683	5.028	11.836	<b>5.285</b>	<b>12.451</b>	4.764	9.267	3.633	6.803	<b>6.063</b>	<b>12.962</b>
Grécia	126	252	116	340	114	383	113	258	144	249	220	334
Holanda	1.518	3.647	1.552	3.578	2.247	4.831	2.358	5.488	1.732	4.453	2.281	5.317
Hungria	121	219	142	393	155	398	134	357	80	116	273	509
Irlanda	368	1.082	463	1.259	410	928	735	1.794	529	1.334	630	1.689

Itália	2.937	5.832	2.989	6.308	3.366	6.322	2.565	5.007	2.187	3.234	2.852	5.540
Japão	633	1.152	548	1.100	536	923	798	1.301	336	555	463	606
Luxemburgo	72	171	75	149	72	180	76	208	75	220	71	191
Marrocos	33	122	37	77	40	98	29	64	17	80	5	7
Noruega	627	1.435	591	2.110	798	3.138	559	2.060	482	897	533	1.894
Polónia	450	1.031	481	1.036	604	1.526	474	875	265	566	588	1.164
<b>Portugal</b>	<b>41.331</b>	<b>92.642</b>	<b>43.589</b>	<b>98.588</b>	<b>36.767</b>	<b>87.256</b>	<b>44.870</b>	<b>93.568</b>	<b>43.499</b>	<b>80.985</b>	<b>47.196</b>	<b>85.193</b>
<b>Reino Unido</b>	<b>7.531</b>	<b>22.955</b>	<b>7.925</b>	<b>24.994</b>	<b>7.578</b>	<b>24.073</b>	<b>5.188</b>	<b>11.553</b>	<b>3.184</b>	<b>6.723</b>	<b>4.853</b>	<b>12.531</b>
Rep.África do Sul	158	513	138	369	124	283	111	189	67	151	115	250
República Checa	185	498	351	955	274	885	399	889	164	334	191	395
Rússia	301	690	296	900	474	1.094	637	1.457	395	689	635	1.594
Suécia	521	1.315	780	2.556	675	2.269	500	1.427	527	1.464	537	1.192
Suiça	1.771	4.444	1.295	3.240	1.383	3.659	1.191	2.204	665	1.201	972	2.125
Venezuela	38	107	90	282	45	115	47	89	43	43	36	80
Outros	1.185	7.084	3.078	8.102	4.077	9.998	4.730	9.317	4.093	8.146	8.938	14.406
Total estrangeiros	54.058	142.414	60.029	163.392	59.202	156.601	57.519	224.485	43.521	99.834	65.004	144.673
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>95.389</b>	<b>235.056</b>	<b>103.618</b>	<b>261.980</b>	<b>95.969</b>	<b>243.857</b>	<b>102.389</b>	<b>318.053</b>	<b>86.691</b>	<b>180.688</b>	<b>112.200</b>	<b>229.866</b>

## Anexo 9 - Número de Visitantes (Nacionais e Estrangeiros) em Sintra

Fonte:CMS

### Resumos Anuais 1997-2009

MONUMENTOS	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Palácio Nacional Sintra	287.215	324.128	393.046	421.501	369.673	387.229	377.635	347.398	361.298	390.988	420.049	395.606	372.932
Palácio Nacional Pena	252.343	309.979	314.477	400.966	337.691	376.832	346.622	328.636	331.094	385.699	478.069	562.033	577.674
Palácio Nacional Queluz	198.696	225.832	203.442	211.084	175.907	160.167	149.490	144.385	152.957	150.460	152.565	160.328	148.092
Castelo dos Mouros	entrada livre	entrada livre	entrada livre	entrada livre	111.380	162.709	157.707	166.206	148.585	165.670	152.562	204.282	231.568
Convento dos Capuchos	encerrado	encerrado	encerrado	encerrado	20.772	26.079	23.298	22.628	20.855	23.744	26.002	37.723	35.069
MUSEUS	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Museu de Arte Moderna	não existia	não existia	22.027	19.599	20.790	30.564	18.128	28.891	25.115	17.740	19.106	17.509	22.510
Museu do Brinquedo	não existia	65.790	68.238	56.617	61.753	57.923	51.033	51.189	52.841	47.908	46.622	44.080	58.506
Museu Anjos Teixeira	2.315	3.472	1.927	1.540	1.203	1.009	1.708	1.494	1.650	1.884	4.072	1.002	12.393
Museu Leal da Câmara	2.249	4.143	2.368	2.095	2.906	2.276	3.906	3.094	3.554	3.045	5.091	5.114	5.309
Museu Ferreira de Castro	4.626	3.447	3.073	1.382	1.237	1.006	2.080	1.269	1.281	1.085	5.432	4.660	6.559
Museu Arqueológico S. Miguel de Odrinhas	não existia	não existia	5.784	10.508	7.989	5.700	4.803	5.335	4.399	8.511	11.625	10.684	7.525
Centro de Ciência Viva	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	1.553 <sup>5</sup>	23.904	19.742	25.710

<b>Museu de História Natural de Sintra</b>	Em elaboração	Em elaboração	Em elaboração	Em elaboração	Em elaboração	Em elaboração	Em elaboração	Em elaboração	Em elaboração	Em elaboração	Em elaboração	Em elaboração	8.129
<b>GALERIAS MUNICIPAIS</b>	<b>1997</b>	<b>1998</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>
<b>Galeria Mun. Fitaes</b>	s/ estatística	s/ estatística	s/ estatística	3.649	9.322	9.036	9.944	11.041	10.800	11.568	8.705	3.410	Dados indisponíveis
<b>Galeria Mun. Mus. Regional de Sintra</b>	s/ estatística	s/ estatística	s/ estatística	5.383	12.824	17.419	18.507	19.611	19.459	15.761	9.899	7.464	9.621
<b>Galeria Casa Mantero - Bibliotela M. Sintra</b>	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	4.976	4.977
<b>Galeria Quinta Nova Assunção (Belas)</b>	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	2.121	Dados indisponíveis
<b>OUTROS</b>	<b>1997</b>	<b>1998</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>
<b>Quinta da Regaleira</b>	encerrada	14.420	30.072	35.419	31.964	37.808	68.510	81.930	99.996	118.981	145.940	132.410	179.247
<b>Parque da Pena</b>	entrada livre	entrada livre	entrada livre	entrada livre	249.380	393.996	370.460	371.593	385.546	122.079	538.605	37.379	33.309
<b>Parque e Palácio de Monserrate</b>	s/ estatística	s/ estatística	s/ estatística	s/ estatística	20.924	30.312	24.897	32.531	37.361	34.835	42.047	54.828	53.467
<b>Espaço Cult. Casal S. Domingos</b>	s/ estatística	s/ estatística	s/ estatística	4.788	8.898	8.499	9.478	9.375	10.010	8.393	Encerrado	Encerrado	Encerrado
<b>Jardim Japonês (Parque da Liberdade)</b>	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	não existia	527	3.049	2.530
<b>Pavilhão do Japão (teatro virtual)</b>	não existia	não existia	não existia	964	1.666	1.240	1.464	54	Encerrado	Encerrado	Encerrado	Encerrado	Encerrado
<b>TOTAL ANUAL</b>	<b>738.254</b>	<b>940.149</b>	<b>1.031.302</b>	<b>1.164.023</b>	<b>1.435.715</b>	<b>1.709.804</b>	<b>1.639.670</b>	<b>1.626.660</b>	<b>1.666.801</b>	<b>1.509.904</b>	<b>2.090.822</b>	<b>1.708.400</b>	<b>1.795.127</b>

# **Anexo 10 – Número de Visitantes Nacionais e Estrangeiros (primeiro semestre de 2012)**

Fonte: CMS

<b>MONUMENTOS</b>	<b>Janeiro</b>	<b>Fevereiro</b>	<b>Março</b>	<b>Abril</b>	<b>Maió</b>	<b>Junho</b>	<b>Total 1º Sem.</b>	<b>Julho</b>	<b>Agosto</b>	<b>Total 2º Sem.</b>	<b>TOTAL GERAL</b>
Palácio Nacional Sintra	10.831	12.283	22.478	40.404	40.730	36.272	162.998	34.948		34.948	197.946
Palácio Nacional Pena	28.710	31.757	39.058	75.658	60.567	58.163	293.913	90.807		90.807	384.720
Palácio Nacional Queluz	7.777	9.259	10.521	16.095	16.597	12.670	72.919	13.040		13.040	85.959
Castelo dos Mouros	11.093	11.836	13.906	25.502	21.640	23.094	107.071	38.529		38.529	145.600
Convento dos Capuchos	1.356	1.453	1.897	4.100	3.603	4.002	16.411	6.293		6.293	22.704
<b>SUB-TOTAL MENSAL</b>	59.767	66.588	87.860	161.759	143.137	134.201	653.312	183.617	0	183.617	836.929
<b>MUSEUS</b>	<b>Janeiro</b>	<b>Fevereiro</b>	<b>Março</b>	<b>Abril</b>	<b>Maió</b>	<b>Junho</b>	<b>Total 1º Sem.</b>	<b>Julho</b>	<b>Agosto</b>	<b>Total 2º Sem.</b>	<b>TOTAL GERAL</b>
Museu de Arte Moderna	Encerrado	Encerrado	Encerrado	Encerrado	Encerrado	Encerrado	0	Encerrado	Encerrado	0	0
Museu do Brinquedo	1.600	2.018	2.662	4.195	2.728	3.282	16.485	4.918	6.399	11.317	27.802
Museu Anjos Teixeira	532	267	645	526	498	953	3.421	1.136	1.062	2.198	5.619
Museu Leal da Câmara	231	433	679	370	293	531	2.537	374	225	599	3.136
Museu Ferreira de Castro	199	239	235	358	353	410	1.794	383	447	830	2.624
Museu Arqueológico S.	468	628	454	389	846	613	3.398			0	3.398

<b>Miguel de Odrinhas</b>												
Jardim Japonês	132	224	238	196	201	266	1.257	699	626	1.325	2.582	
Centro Ciência Viva de Sintra	2.244	2.039	3.238	2.132	3.187	1.641	14.481	1.972		1.972	16.453	
Museu de História Natural de Sintra	977	1.089	1.483	1.322	1.377	1.014	7.262	1.861	1.217	3.078	10.340	
Museu do Ar	Encerrado	Encerrado	Encerrado	Encerrado	Encerrado	1671*	1.671	4.323	2.385	6.708	8.379	
SUB-TOTAL MENSAL	6.383	6.937	9.634	9.488	9.483	8.710	52.306	15.666	12.361	28.027	80.333	
<b>GALERIAS MUNICIPAIS</b>	<b>Janeiro</b>	<b>Fevereiro</b>	<b>Março</b>	<b>Abril</b>	<b>Maió</b>	<b>Junho</b>	<b>Total 1º Sem.</b>	<b>Julho</b>	<b>Agosto</b>	<b>Total 2º Sem.</b>	<b>TOTAL GERAL</b>	
Galeria Municipal de Sintra	625	699	549	562	416	539	3.390	1.153		1.153	4.543	
SUB-TOTAL MENSAL	625	699	549	562	416	539	3.390	1.153	0	1.153	4.543	
<b>OUTROS</b>	<b>Janeiro</b>	<b>Fevereiro</b>	<b>Março</b>	<b>Abril</b>	<b>Maió</b>	<b>Junho</b>	<b>Total 1º Sem.</b>	<b>Julho</b>	<b>Agosto</b>	<b>Total 2º Sem.</b>	<b>TOTAL GERAL</b>	
Quinta da Regaleira	8.923	10.583	15.751	23.411	19.415	20.341	98.424	31.263	45.010	76.273	174.697	
Parque da Pena	2.564	2.878	4.032	4.198	3.864	4.387	21.923			0	21.923	
Parque e Palácio de Monserrate	3.370	4.033	5.016	8.054	7.722	9.400	37.595	13.191		13.191	50.786	
Quintinha Pedagógica de Monserrate	90	273	790	461	782	840	3.236	849		849	4.085	
Challet da Condensa	762	902	973	417	514	492	4.060	496		496	4.556	
SUB-TOTAL MENSAL	15.709	18.669	26.562	36.541	32.297	35.460	165.238	45.799	45.010	90.809	256.047	



## Anexo 11 – Inquérito de aferição de conhecimento sobre a Paisagem Cultural de Sintra

A trabalhar/ em contacto com o local ☐ Residente ☐ Turista: Português ☐  
Estrangeiro ☐  
País \_\_\_\_\_  
Feminino ☐ Masculino ☐ Idade

---

1. Conhece a classificação de Sintra como Património Mundial?
  2. Sabe o porquê desta classificação?
  3. Sabe que está classificada na categoria de “Paisagem Cultural”?
  4. Sabe o que é uma Paisagem Cultural?
  5. Uma palavra que descreva Sintra:
  6. Tem conhecimento das actividades desportivas de que pode usufruir na Serra?
  7. Tem conhecimento das actividades de âmbito cultural que se desenvolvem na Vila e nos mais destacados monumentos?
- 

### Caso seja turista:

8. Como “descobriu” Sintra? Amigos ☐ Agência de Viagens/Promoção turística ☐  
Folhetos informativos ☐ Publicidade televisiva ☐ Internet ☐ Outro: \_\_\_\_\_
9. O que pretende visitar em Sintra? \_\_\_\_\_
10. Durante quantos dias visitará Sintra? \_\_\_\_\_
11. Está a pernoitar em Sintra? ☐ Sim: Durante quanto tempo? \_\_\_\_\_  
☐ Não: Qual o meio de transporte que utiliza entre o ponto de partida (hotel ou outro) até Sintra? \_\_\_\_\_
12. Meio de transporte utilizado para se deslocar em Sintra:  
A pé ☐ Autocarro ☐ Carro (próprio/alugado) ☐ Veículo turístico ☐ Outro: \_\_\_\_\_
13. Sabe da existência dos sites “Sintra Romântica”, “Sintra-In” ou outro que proporcione informação turística e histórica sobre Sintra?  
☐ Sim: A informação é de fácil acesso? \_\_\_\_\_ É útil? \_\_\_\_\_ Utilizou alguma dessa informação para a sua visita? \_\_\_\_\_
14. Utiliza alguma da informação disponibilizada em postos de Turismo?  
☐ Sim ☐ Não. Porquê? \_\_\_\_\_

## Anexo 12—"UNESCO pode fazer 'ultimato' à Paisagem Cultural de Sintra

Jornal o Público – "UNESCO pode fazer 'ultimato' à Paisagem Cultural de Sintra". Edição de 20 de Março de 2004, pp. 46-47.

# UNESCO pode fazer "ultimato" à Paisagem Cultural de Sintra

O Comité do Património Mundial decide em Julho se o plano de gestão preliminar apresentado por Sintra basta para afastar um cenário de eventual retirada do estatuto de Património da Humanidade. A missão portuguesa junto da UNESCO avisou o Governo de que uma penalização para a vila sintrense será prejudicial também para a imagem do país, que tem assento no comité, e poderá comprometer futuras candidaturas nacionais.

Por Luís Filipe Sebastião (texto) e Rui Gaudêncio (fotos)



A Paisagem Cultural de Sintra corre o risco de ser retirada da lista de património mundial, se a autarquia não cumprir as recomendações feitas por peritos internacionais, alertou a missão de Portugal junto da UNESCO numa nota enviada ao Ministério dos Negócios Estrangeiros.

A Câmara de Sintra entre-

gou no mês passado em Paris um plano de gestão preliminar para parte do centro histórico e da serra inscrita na lista de Património da Humanidade. O documento procura responder a uma das recomendações feitas por uma missão de peritos enviada a Sintra em 2000. Os técnicos do Icomos e da IUCN

(organismos de consultoria da UNESCO) apontaram ainda a necessidade de um conselho académico, com especialistas de diversas áreas; um conselho de opinião pública, integrando associações e moradores; um centro de informação e documentação, e adequação das regras mais restritivas do Parque Na-

As obras no Palácio de Monserrate começaram após dois anos de interrupção

tural Sintra-Cascais à zona património mundial.

Apesar das recomendações constarem da "agenda" do Comité do Património Mundial a partir da visita dos peritos, a autarquia tem sido avisada, desde a classificação, em 1995, para a necessidade de recuperar os seus parques históricos. Aliás, uma responsável para a Europa do Centro do Património Mundial, Mechthil Rossler, deslocou-se por duas vezes a Sintra com vista a analisar a situação "in loco". Mas, segundo relatou no mês passado à equipa que entregou o plano, as recomendações que fez à anterior presidente da câmara, a socialista Edite Estrela, não deram qualquer resultado. Na última sessão do comité, em Julho do ano passado, foi deliberado insistir junto do Estado português para a apresentação do plano de gestão até Fevereiro último, para análise em Julho, na China.

A autarquia elaborou um plano preliminar, apresentado oficialmente com a presença do ministro da Cultura, Pedro Roseta, e anunciou a contratação de três consultores internacionais: a paisagista Georges Zouain para a zona "inscrita" para colaborar com o centro do património mundial, e o arquitecto Leon Krier, para colaborar com o gabinete das zonas "tampão" (que cobre a serra até ao mar) e de "transição" (incluindo a área do Parque Natural). As estruturas estão a ser instaladas em duas salas do Palácio Valenças e os técnicos aguardam pelos contratos.

Os técnicos do Comité do Património Mundial mostraram-se desagradosos com a demora na aplicação das recomendações e exigiram que a câmara demonstre a concretização das diversas iniciativas. A responsável pela missão de Portugal em Paris, Ana Paula Zacarias, alertou o Governo de que os resultados das intervenções em Sintra são considerados "insuficientes" e que é necessário assegurar uma "visão de conjunto" da zona classificada e das áreas "tampão" e de "transição".

### "Problema do país"

O comité tem vindo a tomar posições cada vez mais rigorosas para com a conservação dos sítios classificados, que poderão levar à transferência de bens para a lista do património mundial em perigo, mesmo sem a aprovação do respectivo Estado, ou na simples desclassificação dos bens que perderam as suas características. Por isso, embora salvaguardando que Sintra não se encontra entre



## INTERVENÇÕES PROCURAM RETIRAR PARQUES DE SINTRA DE PROLONGADA AGONIA

As situações mais graves, a nota diplomática prevê que a UNESCO adote "uma resolução muito negativa" pela incapacidade das entidades portuguesas de elaborarem, ao fim de uma década, um plano de gestão "articulado, detalhado e eficaz".

Esta situação, segundo a mesma fonte, prejudica a imagem e prestígio de Sintra, mas também do país, que além de pertencer ao comité, continua a apresentar novas candidaturas - na próxima sessão serão analisadas as filas Selvagens e paisagem costeira do Pico. Tudo isto quando, perante os restantes países, não consegue assegurar a conservação dos bens já classificados.

"Este é um problema que o Estado tem que resolver", concedeu ao PÚBLICO Ana Zaccarias, escusando-se, no entanto, a confirmar o teor da mensagem enviada ao Ministério dos Negócios Estrangeiros. Em seu entender, a situação de Sintra é preocupante, "mas não é tão grave" que leve a desclassificação imediata. Em todo o caso, se não forem dadas garantias objectivas, na próxima sessão pode ser feito um ultimato.

Para José Sasportes, presidente da Comissão Nacional da UNESCO, a retirada da lista de património mundial "é uma hipótese remota" e só se colocará após o Estado ser consultado. Ora isto ainda não aconteceu e a instituição nunca retirou qualquer sítio da lista. O mesmo responsável adianta que o presidente da câmara, Fernando Seara, entregou esta semana novos elementos solicitados pela UNESCO. Nuno Santos Pinheiro, que integra o conselho académico da autarquia e participou na entrega do plano, mostra-se preocupado porque, se a situação se mantiver, Sintra pode ser colocada na lista de património em perigo e, no futuro, ser desclassificada. No entanto, o ex-presidente do Ippar acredita na capacidade da autarquia de levar a cabo "medidas concretas" para manter o estatuto.

"De maneira nenhuma Sintra será desclassificada. Isso é um perfeito disparate", afirma, por seu turno, a ex-presidente da câmara simpatizante, Edite Estrela, admitindo que as dificuldades na realização do plano de gestão decorreram das dificuldades em articular todas as entidades públicas e privadas.

"Nos estamos a cumprir as exigências da UNESCO e o Estado português, com a aprovação do plano de ordenamento do Parque Natural, contempla algumas das recomendações", sublinha o social-democrata Fernando Seara, esclarecendo que a câmara "entregou o plano de gestão e a UNESCO pediu elementos complementares" - uns já entregues, como o plano da área protegida, e outros em elaboração para envio em breve. "Estamos a fazer o que a UNESCO pediu", garante o autarca, rematando que não teme uma eventual desclassificação: "O risco já vem de 2000, não é de hoje".

Ivón Omar tem 26 anos e trocou temporariamente a cidade espanhola de Murcia por Lisboa, no abrigo do programa do intercâmbio escolar Erasmus. Ontem de manhã, juntamente com outros colegas finalistas do curso de Arquitectura da Universidade Lusitana, contornava com uma prancha e papel na mão o arruinado Challet da Condessa, no Parque da Pena.

O estudante participa num projecto coordenado pelo arquitecto Nuno Santos Pinheiro para apresentação de propostas de recuperação e ocupação do pequeno challet que o rei D. Fernando II mandou construir na serra para a sua segunda mulher, a condessa d'Edla. A idela de Ivón para aproveitamento do imóvel destruído quase totalmente por um incêndio criminoso (intencional ou por incuria) passa pela criação de um laboratório de botânica e uma sala de exposições. A recuperação dos antigos estuques interiores e dos singelos revestimentos a cortiça

- aqui e ali ainda à vista, nas paredes em pé num manto de detritos - seria, em sua opinião, "muito mais cara". E uma eventual cafeteria, acrescenta, levaria a que "os visitantes tivessem que andar muito" até ao imóvel.

Por agora, a falta de sinalização do challet talvez leve muitos visitantes a não darem com ele. Até porque sinais de degradação, das construções em ruína com sinais de "rave parties" à falta de limpeza da vegetação, não faltam neste parque. Os projectos dos alunos serão expostos em breve pela autarquia.

O cenário no parque de Monserrate não difere muito, embora o recomeço das obras de recuperação do palácio de traça neo-mourisca seja uma boa notícia que a sociedade Parques de Sintra-Monte da Lua pode dar à UNESCO.

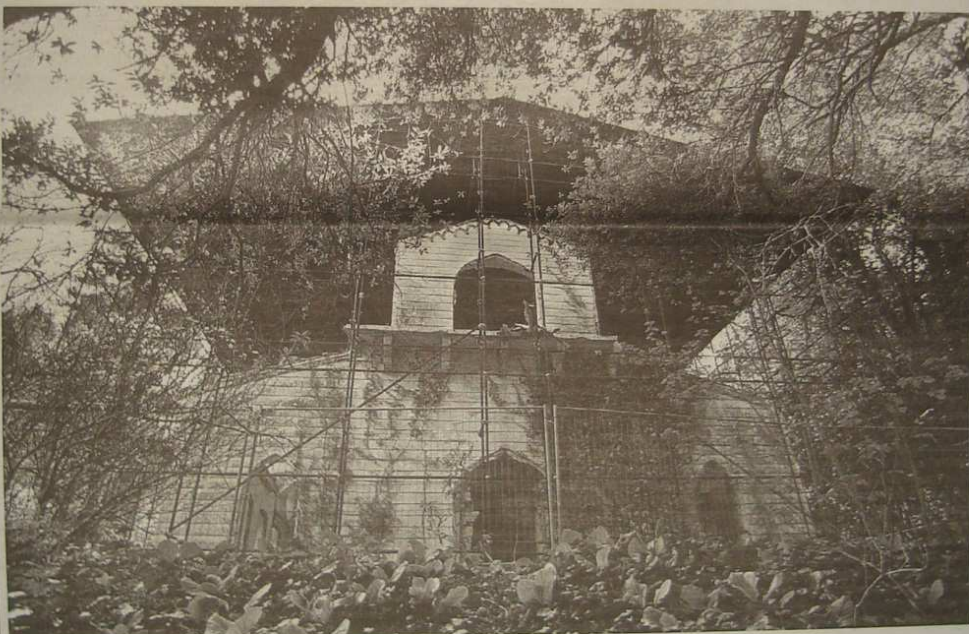
Os trabalhos foram iniciados em 2000 e pararam dois anos depois, por falta de verbas. Retomadas em Dezembro passado, as obras de reparação das

coberturas - com reposição das antigas telhas romanas - devem ficar concluídas em meados de Julho. No total serão gastos 5,1 milhões de euros, faltando depois a recuperação dos estuques interiores.

A interrupção das obras acentuou a degradação dos trabalhos estuques interiores, principalmente no torreão sul. Algumas paredes circulares exibem uma coloração escura atribuída aos excrementos largados pelos morcegos durante os voos nocturnos. António Abreu, administrador executivo da Parques de Sintra, explica que o palácio será aberto durante o Verão, em percursos conciliados com as obras, aos muitos visitantes "atraídos pelos vários eventos" programados para o país. A recuperação do Challet da Condessa e a substituição dos polémicos centros de acolhimento instalados à entrada dos parques, embora assumidos como prioridades no plano de gestão, ficarão para mais tarde.

Gonçalo Ribeiro Telles, referindo-se a um destes modernos equipamentos na serra, que apelida de "apoio de praia da Caparica", considera "muito grave" a sua instalação em frente ao convento dos Capuchos. O arquitecto paisagista, que pertence ao conselho académico criado pela autarquia, mostra-se preocupado com a indispensável articulação do plano de gestão com a revisão do Plano Director Municipal: "O problema da Paisagem Cultural não é exclusivamente a serra de Sintra. É toda a envolvente. Só faz sentido manter a classificação se os princípios do plano de gestão forem integrados no PDM, com a criação de uma estrutura ecológica".

Por seu lado, o comissário da Paisagem Cultural, José Cardim Ribeiro, que coordenou a elaboração do plano de gestão e a vistoria técnica apresentada à UNESCO, escusou-se a qualquer comentário, por "não ser oportuno". ■ LUIS FILIPE SEBASTIÃO



Challet da condessa D'Edla, no Parque da Pena, destruído por um fogo, vai ser restaurado

### OS SÍTIOS CLASSIFICADOS COMO PATRIMÓNIO MUNDIAL COM QUEIXAS NA UNESCO

**Angra a rever a legislação**  
Classificado em 1983, o centro histórico de Angra do Heroísmo, na ilha Terceira, é um dos símbolos mais importantes do património urbano português e apontado como exemplo de conservação graças ao trabalho do Gabinete da Zona Classificada. Em Janeiro, a câmara levou ao parlamento açoriano uma proposta de reformulação da legislação em vigor para a zona classificada (de 1984) para o município passar a ter mais responsabilidades e conciliar a salvaguarda do património com "traços de contemporaneidade". Mas há críticos que receiam que um gabinete de gestão com menos poder deixará a cidade sujeita aos interesses imobiliários. L.C.

**As lixeiras do Alto Douro Vinhateiro**  
A paisagem vitícola do Alto Douro foi reconhecida em 2001, mas a região continua a ter poucos motivos para festejar. Em 2003, foram criados o Gabinete Técnico Intermunicipal, para a requalificação da mancha classificada, e o Plano Intermunicipal de Ordenamento do Território. Mas as acções no terreno tardam a arrancar por falta de financiamento. Na mancha classificada, a vinha continua a plantar-se sem controlo e as lixeiras multiplicam-se como cogumelos. A parte a recente criação de gabinetes técnicos locais, as medidas de requalificação de alguns centros urbanos e da própria paisagem classificada também estão por executar. C.P.P.

**Parque de estacionamento em Tomar**  
Na zona de Protecção do Convento de Cristo está a ser construído um parque de estacionamento com três pisos, um deles recuado, junto ao morro do suporte do convento. Os moradores já subscreveram um abaixo-assinado e afirmam que há "diversas irregularidades no processo de autorização e licenciamento" do projecto, entre os quais o "início das obras em 10 de Julho de 2003, desrespeitando o parecer de não aprovação, emitido pelo Ippar em 4 de Julho". O presidente da câmara, António Paiva, sustenta que a obra cumpre todos os requisitos legais. C.G.A.

**Centro do Porto perdeu autonomia**  
O centro histórico do Porto deixou de contar com uma entidade especificamente vocacionada para a recuperação do seu património edificado quando a câmara decidiu extinguir o CRUAR/CH (Comissariado para a Renovação Urbana da Área Ribeira-Barredo/Centro Histórico). Este trabalho passou a ser assumido por um departamento da Direcção Municipal do Urbanismo, o que motivou a perda de autonomia do centro histórico. É ainda cedo para avaliar os resultados desta opção da câmara, no entanto, há quem receie que ela venha a diminuir a atenção prestada a uma zona que foi classificada como Património Mundial pela UNESCO em Dezembro de 1996. N.C.

	Publicação	Principais objectivos	Principais acções/ recomendações
<b>Convenção Cultural Europeia (Conselho da Europa)</b>	Adoptada em Paris, a 19 de Dezembro de 1954.	Garantir uma maior união entre os membros do Conselho da Europa, para a adopção conjunta de uma política de desenvolvimento europeia e para a fomentação e salvaguarda do património.	- Proposta de acções fomentadoras da salvaguarda do património Mundial, através de esforços contínuos e de orientações dadas aos respectivos membros.
<b>Recomendação sobre a Salvaguarda da Beleza e do Carácter das Paisagens e dos Sítios (UNESCO)</b>	Assinada na 12ª Conferência Geral da UNESCO, Paris, entre 9 de Novembro e 12 de Dezembro de 1962.	Criação de recomendações que visem a salvaguarda "da beleza e do carácter das paisagens e dos lugares" ameaçados pela actividade humana, complementando medidas já existentes no domínio da conservação da Natureza.	- Apresentação e criação de zonas classificadas e de organismos estatais de estudo e protecção, apresentando ainda recomendações no sentido de criar meios de gestão adequados e de sensibilização através de planos, legislação e acções educativas.
<b>Carta de Veneza sobre a Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios (ICOMOS)</b>	Adoptada no II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos, Veneza, entre 25 e 31 de Maio de 1964.	Estabelecimento de medidas de restauro, manutenção e conservação de monumentos e sítios através do seu devido entendimento e recorrendo a recomendações que visem a manutenção do seu carácter identitário.	- Estabelecimento de recomendações para o Restauro, Conservação e manutenção de monumentos e sítios históricos - Existência de um registo e documentação das acções exercidas para posterior arquivagem num organismo público, que deverá ser disponibilizado para consulta.
<b>Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural (UNESCO)</b>	Adoptada na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, em 1972.	Estabelecimento de quais os bens naturais e culturais que podem vir a ser inscritos na Lista do Património Mundial, reunindo simultaneamente noções de protecção da natureza e de preservação de bens culturais.	- Portugal adere a esta Convenção em 1979, conforme constante no Decreto n.º 49/79, de 6 de Junho, tendo sido eleito para o Comité do Património Mundial em 1999. - Visa a criação de recomendações e deveres para os Estados Membros para a identificação, protecção e preservação dos bens patrimoniais.
<b>Carta Internacional sobre o Turismo Cultural (ICOMOS)</b>	Adoptada pelo ICOMOS na 12ª Assembleia-geral no México, em Outubro de 1999.	Fomentar a abertura e acessibilidade do património às comunidades, encorajando actividades turísticas sustentáveis e que respeitem o carácter patrimonial e a cultura do local.	- Recomenda a criação de planos, políticas e estratégias de apresentação e interpretação de sítios patrimoniais com o intuito da sua preservação e conservação. - Apoio de iniciativas em conformidade com outros organismos internacionais e que visam a criação de estratégias de turismo sustentáveis, na manutenção da integridade da gestão e da conservação do património.
<b>Carta de Cracóvia, Princípios para a Conservação e Restauro do Património Construído (ICOMOS)</b>	Adoptada em Cracóvia, a 16 de Outubro de 2000.	Conservação do "património arquitectónico, urbano ou paisagístico, assim como os elementos que o compõem" através de meios como o controlo do meio ambiental, a manutenção, a reparação, o restauro, a renovação e a reabilitação.	- Fomenta o respeito pela identidade patrimonial e a exercer qualquer acção somente quando fundamentada com "documentação precisa e irrefutável", baseada em acções e procedimentos de investigação, testes, inspecções e outro tipo de controlo e acompanhamento fundamental.
<b>Convenção Europeia da Paisagem (Conselho da Europa)</b>	Adoptada em Florença, em Outubro de 2000 e posteriormente adoptada no 718º encontro do Comité de Ministros do Conselho da Europa.	Promover a gestão, ordenamento e protecção das paisagens europeias, fomentando a cooperação europeia sobre estatística. Baseia-se no princípio de que a paisagem é produto da percepção do homem, classificando-a em três tipos consoante as transformações e pressões a que está sujeita: Paisagem de grande importância; Paisagem ordinária; e Paisagem degradada.	Primeiro tratado internacional dedicado a todas as dimensões da paisagem europeia exclusivamente, actuando em Portugal sob a representação da DGOTDU desde a sua assinatura em 2000. O texto, e o organismo associado – o Conselho da Europa – é o organismo mais representativo sob a temática das paisagens culturais em território europeu, e cuja definição de paisagem é aquela aceite e adoptada por quase todos os organismos que actuam sobre paisagens culturais, afirmando que toda a paisagem é cultural. Apresenta recomendações face à aceitação e reconhecimento jurídico da figura de paisagem como base da identidade das populações. Fomenta a participação pública, através de acções educativas e de divulgação.

**Quadro Anexo 13:** Principais Cartas e Convenções Internacionais. Fontes: adaptado do exposto em: CALADO, Ana Sara - *Paisagens Culturais: Análise Comparativa entre o modelo de gestão Europeu e Norte-Americano* – Relatório de Trabalho de Fim de Curso da Licenciatura em Arquitectura Paisagista, apresentado à Universidade do Algarve – Faculdade de Engenharia de Recursos Naturais, Faro, s. m., 2006; Convenção Cultural Europeia: Disponível em <http://www.conventions.coe.int/Treaty/en/Treaties/Html/018.htm>; Recomendação sobre a Salvaguarda da Beleza e do Carácter das Paisagens e dos Sítios: Disponível em [http://maintenance.unesco.org/404/?host=www.unesco.org&uri=/culture/laws/landscapes/html\\_eng/page1.shtml](http://maintenance.unesco.org/404/?host=www.unesco.org&uri=/culture/laws/landscapes/html_eng/page1.shtml); Carta de Veneza: Disponível em [http://www.icomos.org.br/cartas/Carta\\_de\\_Veneza\\_1964.pdf](http://www.icomos.org.br/cartas/Carta_de_Veneza_1964.pdf); Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural: Disponível em <http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>; Carta Internacional sobre o Turismo Cultural: Disponível em [http://www.icomos.org/tourism/tourism\\_charter.html](http://www.icomos.org/tourism/tourism_charter.html); Carta de Cracóvia: Disponível em <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>; Convenção Europeia da Paisagem: Disponível em <http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/heritage/landscape/versionsconvention/portuguese.pdf>.

	Ano da criação	Principais objectivos	Principais acções/ recomendações
<b>Convenção de Ramsar sobre Zonas Húmidas de Importância Internacional</b>	Adoptada em Ramsar, Irão, a 2 de Fevereiro de 1971 (entrada em vigor em 1975)	Tratado inter-governamental que procura a designação e protecção de sítios de interesse, com particular interesse em zonas húmidas, reconhecidos através de critérios de representatividade do ecossistema, de valores faunísticos e florísticos e da sua importância para a conservação de aves aquáticas e peixes.	Representa o primeiro dos tratados globais sobre conservação. Portugal ratificou esta Convenção em 1980, tendo como obrigações: - Designar zonas húmidas para inclusão na Lista de Zonas Húmidas de Importância Internacional. Estes sítios; - Elaborar planos de ordenamento e de gestão para as zonas húmidas, com vista à sua utilização sustentável; e - Promover a conservação de zonas húmidas e de aves aquáticas, estabelecendo reservas naturais e providenciando a sua protecção apropriada.
<b>Man and Biosphere (Programa da UNESCO)</b>	Programa criado em 1971	Programa científico inter-governamental que procura o melhoramento da relação entre as comunidades e o seu envolvente, baseado numa base científica.	Promoção de abordagens interdisciplinares para a investigação, gestão e educação na conservação dos ecossistemas e o uso sustentável dos recursos naturais. Promoção de ideais de desenvolvimento económico aliadas à sustentabilidade ambiental, social e culturalmente adequados; Apoia-se no World Network of Biosphere Reserves (criada em 1977 em função deste programa), assim como noutras redes e parcerias para a implementação das suas políticas interdisciplinares.
<b>Conselho da Europa</b>	Fundada a 5 de Maio de 1949 (Mais antiga instituição europeia em funcionamento) com sede em Estrasburgo.	Promoção de uma união entre os seus membros, de modo a: - salvaguardar e promover os seus ideais comuns; - favorecer o progresso económico e social.	- Conclusão de acordos por meio dos órgãos do Conselho; - Promoção da adopção de uma acção comum nos domínios económico, social, cultural, científico, jurídico e administrativo; - Salvaguarda e desenvolvimento dos direitos do homem e das liberdades fundamentais.
<b>Directiva Europeia Natura 2000</b>	Directiva 92/43/CEE do Conselho, de 21 de Maio de 1992.	Rede ecológica de áreas especiais protegidas que representa 18% do território terrestre da UE e que tem como objectivos: - Garantir a biodiversidade pela conservação dos habitats naturais, bem como da fauna e da flora selvagens de interesse comunitário no território dos Estados-Membros. - Controlo e vigilância de actividades de reintrodução de espécies indígenas e de introdução de espécies não indígenas - Promoção do estudo e investigação Inclui também zonas de protecção especial instauradas pela Directiva "Aves" 2009/147/CE.	Aprovação e nomeação de sítios para a Lista de Sítios de Importância Comunitária para cada uma das nove regiões biogeográficas da UE segundo uma listagem de critérios e em comunhão com as listas elaboradas pelos Estados-Membros, seis anos após os quais o sítio é considerado como Zona Especial de Conservação Criação de obrigações aos Estados-Membros no sentido de: - Garantir a conservação dos habitats - Incentivar a gestão dos elementos da paisagem que considerem essenciais à migração, à distribuição e ao intercâmbio genético das espécies selvagens; - Instaurar sistemas de protecção particularmente rigorosos para determinadas espécies animais e vegetais ameaçadas (anexo IV) e estudar a oportunidade de as reintroduzir nos seus territórios; - Proibir a utilização de meios não selectivos de colheita, captura e abate relativamente a certas espécies vegetais e animais (anexo V).

**Quadro Anexo 14:** Designações de maior relevância na União Europeia. Fontes: Adaptado do predisposto em FALZON, Charlie - *Managing Natural Values in Cultural Landscapes*, International Centre for Protected Landscapes. In UNESCO, Preserve World Heritage. Kerstin Manz and Mechtild Rössler, 2008; Convenção de Ramsar sobre Zonas Húmidas de Importância Internacional: Disponível em [http://4ccr.pgr.mpf.gov.br/documentos-e-publicacoes/tratados-internacionais/docs/formulario\\_ramsar.pdf](http://4ccr.pgr.mpf.gov.br/documentos-e-publicacoes/tratados-internacionais/docs/formulario_ramsar.pdf); Man and Biosphere : Disponível em <http://www.unesco.org/new/en/natural-sciences/environment/ecological-sciences/man-and-biosphere-programme/>; Conselho da Europa: Disponível em [http://www.fd.uc.pt/Ci/CEE/Oi/Conselho\\_Europa/Conselho\\_Europa\\_\\_Estatuto.htm](http://www.fd.uc.pt/Ci/CEE/Oi/Conselho_Europa/Conselho_Europa__Estatuto.htm); Directiva Europeia Natura 2000: Disponível em [http://europa.eu/legislation\\_summaries/environment/nature\\_and\\_biodiversity/l28076\\_pt.htm](http://europa.eu/legislation_summaries/environment/nature_and_biodiversity/l28076_pt.htm).

## QUADRO ANEXO 15 – Instrumentos de Gestão Territorial em vigor e em elaboração sobre o município de Sintra

Fontes: CMS, Resoluções do Conselho de Ministros, Decretos Regulamentares e Portarias seguidamente descritas.

Tipo de plano	Designação e subtipo	Âmbito territorial	Vigência	Publicação	Alterações e revisões
<b>Plano Regional de Ordenamento de Território (PROT)</b>	Plano Regional de Ordenamento de Território da Área Metropolitana de Lisboa (PROT-AML)	Definido pelas Resoluções do Conselho de Ministros n.ºs 21/89 (1.ª série), de 15 de Maio, e 27/99 (2.ª série), de 16 de Março.	10 anos, podendo ser alterado sempre que a evolução das perspectivas de desenvolvimento económico e social o determine.	Resolução do Conselho de Ministros n.º 68/2002 de 8 de Abril.	A entrar em revisão
<b>Plano Sectorial (PS)</b>	Plano de Ordenamento Florestal da Área Metropolitana de Lisboa (PROF-AML)	Enquadra-se na região NUTS de nível II Lisboa e Vale do Tejo e abrange os territórios coincidentes com as regiões NUTS de nível III Grande Lisboa e Península de Setúbal (Mafra, Sintra, Loures, Vila Franca de Xira, Cascais, Oeiras, Amadora, Odivelas, Lisboa, Almada, Seixal, Barreiro, Moita, Alcochete, Montijo, Sesimbra, Setúbal e Palmela).	Período máximo de 20 anos, podendo ser sujeito a alterações periódicas, a efectuar de 5 em 5 anos, tendo em consideração os relatórios anuais da sua execução elaborados pela Direcção-Geral dos Recursos Florestais, ou a alterações intermédias sempre que ocorra algum facto relevante que o justifique.	Decreto Regulamentar n.º 15/2006 de 19 de Outubro.	Portaria n.º 62/2011 de 2 de Fevereiro suspende por 2 anos o Artigo 42.º e artigos 44.º a 48.º do regulamento anexo ao Decreto Regulamentar que aprova o PROF da Área Metropolitana de Lisboa.
	Plano de Bacia Hidrográfica (PHB) do Tejo	Constituído pela bacia hidrográfica do rio Tejo, incluindo o seu estuário, pela ribeira da Apostiça e restantes ribeiras abrangidas na zona da costa pelos concelhos de Almada e Sesimbra.	Referenciam-se os anos 2006, 2012 e 2020, considerando-se de curto prazo os objectivos que devem ser alcançados até 2006, podendo os objectivos a longo prazo estender-se até 2020.	Decreto Regulamentar n.º 18/2001 de 7 de Dezembro.	-
	Plano de Bacia Hidrográfica das ribeiras do Oeste	Constituído pelas áreas em território nacional definidas pelos limites geográficos das bacias hidrográficas das ribeiras do Oeste, com os necessários ajustamentos impostos pela necessidade de incluir todo o escoamento subterrâneo que contribui para os recursos hídricos próprios da bacia hidrográfica.	-	Decreto Regulamentar n.º 26/2002 de 5 de Abril.	-
	Rede Natura 2000	Aplica-se às áreas classificadas ao abrigo do Decreto-Lei n.º 140/99, de 24 de Abril, com a redacção dada pelo Decreto-Lei n.º 49/2005, de 24 de Fevereiro, no território continental.	-	Resolução do Conselho de Ministros n.º 115-A/2008.	-
<b>Plano de Ordenamento de Orla Costeira (POOC)</b>	Plano de Ordenamento de Orla Costeira Sintra-Sado	O troço de costa compreendido entre Sintra e a foz do rio Sado, numa extensão total de 120 km, apresenta uma diversidade paisagística e ambiental notável, alternando zonas de falésias rochosas com extensos areais, arribas fósseis com lagoas costeiras, zonas densamente humanizadas com paisagens que mantêm	10 anos	Resolução do Conselho de Ministros n.º 86/2003.	-

		intactas as suas características naturais.			
<b>Planos Municipais de Ordenamento de Território (PMOT)</b>	Plano Director Municipal (PDM) do Concelho de Sintra	Todo o território municipal.	10 anos	Resolução do Conselho de Ministros n.º 116/99.	Em revisão
	Plano de Urbanização (PU) de Sintra	Vila e envolvente	-		Em revisão
	Plano de Pormenor (PP) da área central do Cacém	O Plano de Pormenor da Área Central do Cacém, adiante designado por Plano, elaborado ao abrigo do Decreto-Lei n.º 380/99, de 22 de Setembro, e do Decreto-Lei n.º 314/2000, de 2 de Dezembro, tem por objecto a ocupação, uso e transformação do solo na área inserida na UOP 24 do espaço urbano e do espaço de protecção e enquadramento do Plano Director Municipal de Sintra (adiante designado por PDM), delimitada na planta de implantação, com as seguintes confrontações principais: <ul style="list-style-type: none"> <li>• A norte, Rua de Elias Garcia e Quinta da Bela Vista;</li> <li>• A sul, IC 19 e Rua da Cidade de Lisboa;</li> <li>• A nascente, via férrea Lisboa-Sintra e Praça da Estação;</li> <li>• A poente, Estrada de Paço de Arcos.</li> </ul>	-	Resolução do Conselho de Ministros n.º 44/2003.	-
	PP do bairro Almeida Araújo	A Assembleia Municipal de Sintra aprovou, em 2 de Abril de 1996 e 9 de Maio de 1997, o Plano de Pormenor de Salvaguarda do Bairro Almeida Araújo, em Queluz, no município de Sintra.	-	Portaria n.º 203/98 de 26/03/1998	-
<b>Plano de Ordenamento de Área Protegida (POAP)</b>	Plano de Ordenamento do Parque Natural Sintra-Cascais (POPNSC)	A Área de Paisagem Protegida de Sintra-Cascais (APPSC) foi criada pelo Decreto-Lei n.º 292/81, de 15 de Outubro, decorrente da necessidade de fazer frente à crescente e intensa pressão urbana e à degradação que ameaçava uma zona de grande sensibilidade, repleta de valores naturais, culturais e estéticos a preservar, como a serra de Sintra, a faixa litoral e as áreas adjacentes.	10 anos	Resolução do Conselho de Ministros n.º 1-A/2004	Em revisão

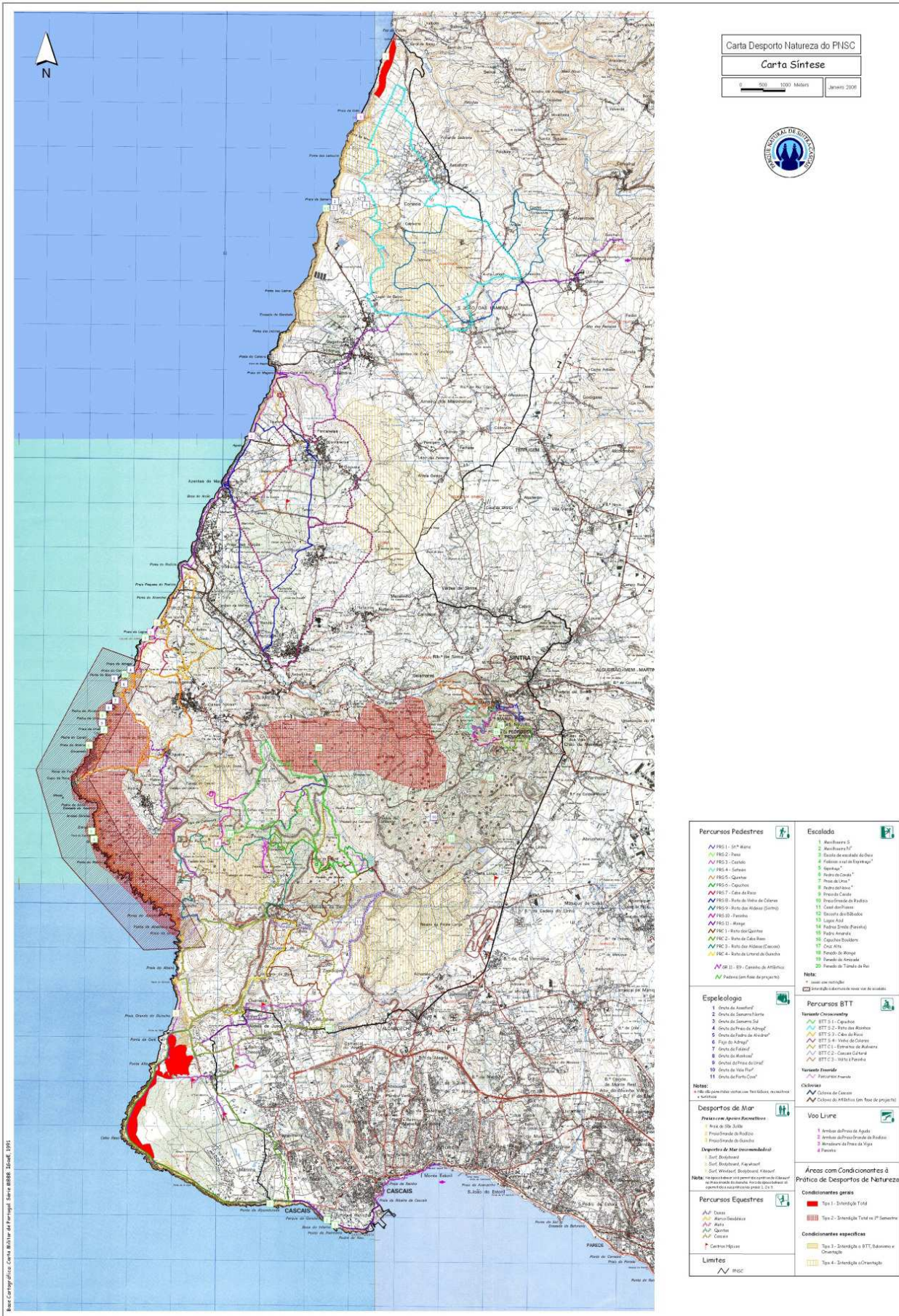
**Quadro Anexo 15 a) –Instrumentos de Gestão Territorial em vigor sobre o município de Sintra.**

<b>Planos de Urbanização em elaboração</b>
Plano de Urbanização da Serra da Carregueira
PU da área envolvente ao Parque de Ciência e Tecnologia da RL
PU da Vila de Belas
<b>Planos de Pormenor em elaboração</b>
PP da Praia Grande
PP da Praia das Maças
PP da Praia Pedregal
PP de S.Marcos Vale e Rebolias
PP do centro de Aqualva
PP do monumento natural de Carenque
PP do núcleo central de Mem-Martins
PP do núcleo de Aqualva
PP da Portela de Sintra
PP da Quinta da Bela Vista
PP da Quinta da Perdigueira
PP de Sintra Norte
PP de Valдинhguas
PP de Vale de Almornos

**Quadro Anexo 15 b) –Instrumentos de Gestão Territorial em elaboração sobre o município de Sintra.**



## Anexo 16 – Carta de Desporto de Natureza (Fonte: PNSC)



## Anexo 17 – Unidades de Paisagem do território sintrense

